UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

REBECA CAROLINA DA SILVA BANDEIRA

FLORESTAN FERNANDES E O FOLCLORE: UM ESTUDO SOBRE AS SUAS PRIMEIRAS ELABORAÇÕES (1941 - 1962).

CAMPINAS - SP
2020

REBECA CAROLINA DA SILVA BANDEIRA

FLORESTAN FERNANDES E O FOLCLORE: UM ESTUDO SOBRE AS SUAS PRIMEIRAS ELABORAÇÕES (1941 - 1962).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DE DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA REBECA CAROLINA DA SILVA BANDEIRA, E ORIENTADA PELO PROF. DR. ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO.

CAMPINAS - SP
2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

B221f

Bandeira, Rebeca Carolina da Silva, 1993-
Florestan Fernandes e o folclore : um estudo sobre as suas primeiras elaborações (1941-1962) / Rebeca Carolina da Silva Bandeira. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Alexandro Henrique Paixão.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Fernandes, Florestan, 1920-1995. 2. Sociedade. 3. Educação. 4. Cultura. 5. Folclore. I. Paixão, Alexandro Henrique, 1978-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Florestan Fernandes and folklore : a study on his first elaborations (1941-1962)
Palavras-chave em inglês:
Fernandes, Florestan, 1920-1995
Society
Education
Culture
Folklore
Área de concentração: Educação
Titulação: Mestra em Educação
Banca examinadora:
Alexandro Henrique Paixão [Orientador]
Mariana Miggiolaro Chaguri
Débora Mazza
Data de defesa: 28-08-2020
Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0002-1757-7020
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/9287489474948542

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FLORESTAN FERNANDES E O FOLCLORE: UM ESTUDO SOBRE AS SUAS PRIMEIRAS ELABORAÇÕES (1941 - 1962).

Autora : Rebeca Carolina da Silva Bandeira

COMISSÃO JULGADORA:

Alexandro Henrique Paixão
Débora Mazza
Mariana Miggiolaro Chaguri

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade

2020

À minha sobrinha Maria Clara e ao meu afilhado Raul.

AGRADECIMENTOS

Ao final de quase dois anos e meio, tecer agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta dissertação se torna uma tarefa difícil, sobretudo porque as contribuições de cada pessoa são únicas e especiais. Neste espaço vou me limitar a agradecer àqueles e àquelas que me acompanharam no percurso que resultou neste trabalho.

Começo pelo meu orientador, o prof.º Alexandro Henrique Paixão que pela sua confiança, parceria e orientação me auxiliou, de diversas formas, a elaborar este texto com apontamentos e sugestões imprescindíveis, sem os quais certamente o trabalho teria outras feições.

Agradeço aos professores e às professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Unicamp que contribuíram imensamente para que o projeto inicial se materializasse neste trabalho. Um agradecimento especial à Professora Doutora Fabiana de Cássia Rodrigues com quem cursei duas disciplinas de pós-graduação, sendo uma delas dedicada inteiramente ao Pensamento Social de Florestan Fernandes.

É necessário dizer que esta pesquisa somente foi possível de ser realizada graças ao amparo institucional, visto que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Algo que deve ser comemorado, fundamentalmente, em tempos de cortes e de desmantelamento dos cursos de pós-graduação em todo o país.

Devo agradecer aos funcionários e às funcionárias da Faculdade de Educação e, em especial, desejo mencionar duas bibliotecárias: Márcia e Marli. Ambas tornaram as minhas idas à biblioteca da faculdade um tanto quanto mais animadas e divertidas do que se pode imaginar.

Agradeço as contribuições dos colegas e membros do grupo de pesquisa LECHES, coordenado pelo professor Alexandro H. Paixão, que fizeram apontamentos e leituras atentas das diferentes fases que percorreu este trabalho.

Às professoras Débora Mazza e Mariana Miggiolaro Chaguri que no exame de qualificação apontaram as fragilidades do texto inicial e deram contribuições essenciais para que o trabalho pudesse se desenvolver da melhor forma.

Preciso dizer que essa jornada seria impossível se não fossem os amigos e as amigas que, cada um à sua maneira, trouxe leveza para encarar este desafio. A amizade construída ao longo dos anos na Unicamp me rendeu parcerias para toda a vida, entre elas Patrícia, Marta, Milena, Kauê, Gabi e Ita.

Por fim, agradeço aos meus pais e ao meu irmão que me apoiaram incondicionalmente a seguir com os estudos, algo inédito em nossa família. Sendo assim, não encontro palavras para descrever o incentivo e o esforço, por eles empreendidos, para que eu pudesse estar aqui realizando um sonho improvável; e ao Gabriel, companheiro com quem aprendo diariamente a ser uma pessoa melhor e que me apoia em todos os momentos, compartilhando das dificuldades e alegrias da vida.

A história projeta o homem em um passado que se faz presente ou um presente que recupera o passado - não existe a negação do passado pelo futuro mediante um presente que coloca o homem em tensão com sua época. Em consequência, a tradição fornece, objetivamente, o padrão pelo qual se avalia a inovação.

Florestan Fernandes

RESUMO

Esta dissertação de mestrado se propôs a investigar as concepções de cultura, educação e sociedade, presentes na obra de Florestan Fernandes (1920 - 1995), a partir da análise dos textos sobre a questão folclórica produzidos pelo autor, com base no método da explicação de texto proposto pelo filólogo e sociólogo Erich Auerbach (1892 - 1957). Este estudo investigou as contribuições teóricas de Florestan Fernandes, no curso entre os anos 1941 a 1962, período que marca o início e o amadurecimento de sua carreira como educador, intelectual e sociólogo. Além disso, um dos objetivos foi compreender o cenário histórico e intelectual, juntamente com a opinião pública da época em que Florestan Fernandes publicou as suas reflexões sobre o folclore em jornais e revistas, enfatizando neste estudo a importância desses suportes comunicativos na formação do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Fernandes, Florestan 1920 - 1995; Sociedade; Educação; Cultura; Folclore.

ABSTRACT

This master's thesis proposed to investigate the conceptions of culture, education and society, present in the work of Florestan Fernandes (1920 - 1995), from the analysis of the texts on the folk question produced by the author, based on the method of explanation of text proposed by philologist and sociologist Erich Auerbach (1892 - 1957). This study investigated the theoretical contributions of Florestan Fernandes, in the course between the years 1941 to 1962, a period that marks the beginning and maturation of his career as an educator, intellectual and sociologist. In addition, one of the objectives was to understand the historical and intellectual scenario, together with public opinion at the time when Florestan Fernandes published his reflections on folklore in newspapers and magazines, emphasizing in this study the importance of these communicative supports in the formation of the author.

KEY WORDS: Fernandes, Florestan 1920 -1995; Society; Education; Culture; Society; Folklore.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **12**

CAPÍTULO 1 - Florestan Fernandes e o folclore e o folclore para Florestan Fernandes **20**

1. 1 Florestan Fernandes: um homem de seu tempo 22

1. 2 Florestan Fernandes e a contextualização dos estudos de folclore 31

1. 3 Florestan Fernandes: o folclore e a produção científica 46

1. 4 Florestan Fernandes: a influência de Roger Bastide e a busca pela compreensão dos efeitos da modernização 60

CAPÍTULO 2 - Florestan Fernandes e a relação do folclore com a cultura, a sociedade e a educação **70**

2. 1 Florestan Fernandes: a relação entre o folclore e a cultura 71

2. 1 Florestan Fernandes: a relação entre o folclore e a sociedade 79

2. 3 Florestan Fernandes: a relação entre o folclore e a educação 85

CAPÍTULO 3 - Florestan Fernandes e o grande público **98**

3. 1 Florestan Fernandes: o folclore nos jornais 104

a) O Estado de S. Paulo: Florestan e a discussão sobre o folclore 106

a. a. Florestan Fernandes em “O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio” 108

a. b. Florestan Fernandes em “O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças” 117

a. c. Florestan Fernandes em “O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências” 124

b) Correio Paulistano e Florestan Fernandes em homenagem à Mário de Andrade 131

c) Suplemento Literário d’O Estado de S. Paulo: Florestan Fernandes e o folclore 142

c. a. Florestan Fernandes em “Folcloristas em confronto” 143

c. b. Florestan Fernandes em resenha: “Brincando de roda” 152

CONSIDERAÇÕES FINAIS **159**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **163**

APÊNDICE **172**

INTRODUÇÃO

Escolher parte da obra de Florestan Fernandes enquanto objeto de estudo foi uma tarefa que se mostrou um tanto quanto complicada. Trata-se de um dos sociólogos de maior envergadura do pensamento social brasileiro. Muito embora, apesar das dificuldades de se estudar um autor como Florestan Fernandes, em virtude da complexidade de sua produção sociológica, diversos pesquisadores e pesquisadoras de diferentes gerações têm se dedicado a compreender as interpretações que o autor produziu sobre o Brasil, um país com diversas singularidades e caracterizado por ter se desenvolvido de forma dependente do capitalismo hegemônico, citando as próprias conclusões de Florestan Fernandes acerca do capitalismo brasileiro.[1] Em meio a esta centelha de inspiração, este trabalho buscou compreender algumas das concepções que Florestan Fernandes produziu sobre parte da realidade brasileira, isto é, da vida em sociedade, da educação e da cultura nacional, enfatizando a problemática folclórica que, por sua vez, foi tema presente em seus estudos entre as décadas de 1940 a 1960.

O primeiro contato que tive com a obra de Florestan Fernandes ocorreu no 4º semestre de minha graduação em Ciências Sociais quando cursei a disciplina de "Pensamento Social Brasileiro". Naquele momento, ficou evidente a profundidade com a qual o autor transitou entre as diferentes áreas de conhecimento das ciências humanas ao realizar estudos de cunho antropológico, sociológico, econômico, sem perder de vista a área educacional. Sobre esse último aspecto relacionado às questões educacionais, Débora Mazza observou que "[...] a educação atravessou os trabalhos realizados pelo autor nas décadas entre 40 e 60, passando por metamorfoses e assumindo diferentes conotações sociais [...]"[2]. Portanto, é uma área que se torna relevante ao se observar a completude da produção sociológica de Fernandes e, por sua vez, nos interessou no desenvolvimento desta pesquisa.

---

[1] Ver: FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina.** 4. ed. rev. São Paulo, SP: Global, 2009; FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5. ed. São Paulo, SP: Globo, 2005.

[2] MAZZA, Débora. **A produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional:** uma leitura (1941-1964). n.p.: Campinas, SP, 1997. *Repositório Institucional da Unicamp*.

Assim como outras pesquisas já realizadas sobre Florestan Fernandes, esta repassa momentos decisivos de sua trajetória intelectual, temas importantes de sua obra e até lugares e tempos comuns, afinal, identificamos em outros trabalhos o mesmo recorte temporal que o nosso. Nos referimos ao importante trabalho de Débora Mazza, citado anteriormente, assim como a pesquisa de Sylvia Gemignani Garcia[3] que, por sua vez, investigou o período formativo da trajetória de Florestan Fernandes ao fazer um resgate detalhado do caminho percorrido pelo autor desde sua infância até sua condição de sociólogo maduro. Todavia, lendo essas e outras pesquisas, escolhemos uma problemática singular: investigar, dentro de o recorte temporal proposto de 1941 a 1962, as publicações e assertivas que Florestan Fernandes produziu, especificamente, sobre o tema folclore na imprensa.

Portanto, uma primeira compreensão sobre a produção de Florestan Fernandes passa pelo entendimento de que o autor foi um homem de seu tempo e espaço,[4] algo que reconhecemos como fundamental, sobretudo, quando é preciso eleger num tempo e espaço específicos um "ponto de partida" em toda sua extraordinária trajetória como cientista social. E o "ponto de partida" desta dissertação é o folclore na perspectiva de Florestan Fernandes.

Ao observar a questão folclórica na produção sociológica do autor, entendemos que esse objeto se constitui em uma das fontes para se compreender as concepções e entendimentos do que é cultura, sociedade e educação para ele e o modo como essas categorias explicativas se entrecruzam no interior da sociologia de Florestan Fernandes. Para isso, é necessário salientar que a sugestão metodológica de Erich Auerbach (1892 - 1957)[5] nos auxiliou nesse processo, posto que o filólogo alemão entendia, em seus estudos, que "[...] para atingir um grande objetivo sintético é necessário inicialmente encontrar um ponto de partida,

---

[3] GARCIA, Sylvia Gemignani. **Destino ímpar**: sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo, SP: USP: Editora 34, 2002.

[4] Miriam Limoeiro Cardoso em sua pesquisa sobre a obra madura de Florestan Fernandes orienta-nos nessa mesma direção. Ver: CARDOSO, Miriam Limoeiro. Florestan Fernandes: a criação de uma problemática. **Estudos avançados**, v. 10, n. 26, p. 89-128, 1996.

[5] É importante mencionar que Auerbach é um autor importante para a sociologia brasileira de Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Candido, bem como seu método de interpretação de texto influenciou outras gerações de sociólogos, como Roberto Schwarz e Raimundo Faoro. Para a uma compreensão acerca das influências de Erich Auerbach no pensamento social brasileiro é válido recorrer ao livro do sociólogo Leopoldo Waizbort. Ver: WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um**: crítica literária, sociologia, filologia. São Paulo, SP: CosacNaify, 2007. 346 p.

um ponto de apoio que permita atacar o problema."[6] Nesta pesquisa, o "ponto de partida" são os textos em que Florestan Fernandes discutiu o folclore, pois avaliamos que a partir desses escritos se torna possível compreender fenômenos e conceitos mais amplos na obra do sociólogo brasileiro. Desse modo, usando a própria expressão "ponto de partida" de Erich Auerbach, entendemos que os estudos sobre o folclore realizados por Florestan Fernandes podem se constituir um ponto de partida com "força de irradiação"[7], expressão utilizada por Erich Auerbach para caracterizar a potencialidade do fenômeno escolhido para ser tomado como ponto inicial para interpretação sociológica.

É preciso mencionar que, ao longo do período estudado, os posicionamentos e os conceitos formulados por Florestan Fernandes acerca do folclore vieram a se transformar e/ou a se modificar, e é justamente essas inflexões que nos ajudaram a compreender as formulações e as assertivas sobre o folclore realizadas pelo sociólogo brasileiro. Vale lembrar que durante duas décadas Florestan Fernandes dissertou sobre as questões folclóricas, tempo suficiente para revisões e alterações conceituais.

Em resumo, cabe dizer que este estudo se empenhou em interpretar alguns dos textos do sociólogo brasileiro em que são discutidas as questões folclóricas. Para tanto, ainda diante da perspectiva de Erich Auerbach, é necessário sublinhar que "[...] o método de interpretação de textos deixa à discrição do intérprete um certo campo de ação: pode escolher e dar ênfase como preferir. Contudo, aquilo que se afirma deve ser encontrável no texto"[8]. Erich Auerbach afirmava que as escolhas dos textos por ele analisados muitas vezes se davam ao acaso. Aqui, diferentemente, se tratou de uma escolha intencional com vistas a atingir os objetivos propostos nesta pesquisa. A seleção dos textos se justificou por haver uma quantidade significativamente grande de publicações do autor acerca da questão folclórica, algo que inviabilizou a análise de todos os textos nesta dissertação de mestrado. Daí temos

---

[6] AUERBACH, Erich. Filologia da literatura mundial. In: _____ **Ensaios de literatura ocidental**: filologia e crítica. Organização de Davi Arrigucci Junior, Samuel Titan Jr. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo, SP: Duas Cidades: Editora 34, 2007. p. 369.

[7] Ver: AUERBACH, Erich. Filologia da literatura mundial. In: _____ **Ensaios de literatura ocidental**: filologia e crítica. Organização de Davi Arrigucci Junior, Samuel Titan Jr. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo, SP: Duas Cidades: Editora 34, 2007.

[8] AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. 4. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2001. p. 501.

selecionado somente alguns textos que, evidentemente, nos auxiliaram a atingir os objetivos aqui almejados, conforme o leitor poderá verificar ao longo das análises.

A pergunta de fundo que se apresenta nesta dissertação é: o que o folclore, enquanto objeto de pesquisa, permitiu ao sociólogo brasileiro explorar?[9] Dito de outra forma, e fazendo uso, mais uma vez, a expressão de Erich Auerbach: qual é a "força de irradiação" do folclore na explicação da sociedade para Florestan Fernandes?

Antes de tentar ensaiar uma resposta para essa questão, é importante fazer algumas considerações, como relembrar que a temática do folclore, naquelas décadas de 1940 e 1960, estava em destaque. Era um tema discutido pela opinião pública, era de interesse governamental e envolveu, também, os intelectuais da época, como buscamos demonstrar ao longo da dissertação. Havia, portanto, um movimento folclórico[10] que estava em voga, algo que demonstrava a importância de estudos desse tipo no contexto brasileiro naquele período.

É importante ressaltar, aqui, alguns pontos que tocamos ao longo deste trabalho e que são, em nossa interpretação, fundamentais para se compreender o ambiente em que Florestan Fernandes estava inserido. Um deles diz respeito à compreensão de que os conceitos teóricos formulados pelo autor sobre o folclore se encontravam integrados ao momento de transformações na estrutura do ensino superior nacional. Falando mais especificamente, coincidiu com o momento em que a Ciências Sociais começaram a se institucionalizar no Brasil. Esse processo de institucionalização é um ponto de viragem na forma como a Sociologia se propôs enxergar o mundo e parece-nos que os estudos acerca do folclore impulsionaram isso.

Ora, essa mudança operada pela sociologia brasileira pode ser interpretada na chave daquilo que Wolf Lepenies, guardadas as devidas proporções, apresentou: "[...] áreas de especialização como a sociologia [...] buscam obter esse reconhecimento distanciando das formas literárias primitivas da própria disciplina, que procedem de modo mais classificatório-narrativo que analítico-sistematizador."[11] Dentro dessa chave interpretativa, o

---

[9] Aqui é preciso mencionar a contribuição da professora Mariana Miggiolaro Chaguri do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pois no exame de qualificação, em 15 de janeiro de 2020, a professora nos inquietou com essa possibilidade investigativa.

[10] O termo movimento folclórico foi utilizado aqui para se referir a todo um contexto da época que envolvia uma movimentação, governamental ou não, em torno da questão folclórica.

[11] LEPENIES, Wolf. **As três culturas.** São Paulo, SP: Edusp, 1996. p.17.

folclore e os folcloristas no Brasil eram quem detinham a primazia do conhecimento de determinada realidade cultural, e com quem a Sociologia nascente tinha que se haver para desenvolver seu campo científico. Neste sentido, Florestan Fernandes operou com o folclore da mesma maneira que outros sociólogo pioneiros operaram com a literatura, tal como nos descreveu Lepenies acerca da nascente Sociologia europeia e seus fundadores. Para compreender isso, será necessário retomar, na visão de Florestan Fernandes, como as manifestações culturais folclóricas estavam inscritas em condições intelectuais e universitárias específicas e que permitiram alavancar seus estudos sociológicos, algo que apresentamos ao longo da dissertação.

Um outro aspecto, necessário de se mencionar neste preâmbulo, é o fato de que quase que a totalidade dos estudos sobre o folclore, produzidos por Florestan Fernandes, foram publicados em jornais e em revistas da época, isso significa que a seleção de textos que fizemos também é caracterizada por terem sido publicados nos suportes comunicativos do período. Nota-se, portanto, que em paralelo com o comprometimento com a academia e com a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, o sociólogo não deixou de dialogar com um público leitor da época, na medida em que desde o início da década de 1940 já publicava artigos próprios em jornais e revistas daquele período, debatendo questões diversas sobre política, educação, sociedade e cultura, o que o tornava escritor público daquele momento. Com o objetivo de produzir uma pesquisa capaz de entender aquela época em conjunto com a esfera de vida intelectual do próprio autor, investigamos a importância e os usos que ele fez desses suportes comunicativos ao produzir interpretações sobre o folclore. Presumivelmente, esses textos foram compilados em forma de livros, os quais também analisamos ao longo desta dissertação com o objetivo de observar possíveis alterações e/ou permanências no conteúdo do texto. Ou seja, neste trabalho consultamos ambas as formas pelas quais os textos foram disponibilizados para o público. Vale dizer que no “Apêndice” se encontra uma tabela em que constam os textos escritos por Florestan Fernandes e que, por sua vez, valem-se do tema do folclore. É relevante assinalar que o apêndice em questão indica a data e os respectivos suportes comunicativos por meio do qual Florestan Fernandes dialogou com o público.

Sendo esses os principais objetivos almejados, a organização da estrutura desta dissertação se deu da seguinte forma: no “Capítulo 1”, nos dedicamos a descrever brevemente a trajetória de Florestan Fernandes no que diz respeito aos motivos, por ele elencados, que possam ter contribuído para o seu interesse ao tema do folclore. Ainda no “Capítulo 1” buscamos conhecer o ambiente intelectual e cultural, em que os estudos folclóricos ganharam saliência enquanto objeto de pesquisa entre os pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos brasileiros, sem deixar de apresentar as origens e o que era chamado de folclore na época. Fizemos essa investigação com o intuito de demonstrar que o folclore era uma área de estudo que estava na ordem do dia e, com isso, Florestan Fernandes também se encontrou interessado sociologicamente pelo assunto.

Para alcançar o objetivo proposto, observamos as transformações vivenciadas pelas universidades brasileiras e a posição ocupada por Florestan Fernandes na luta pela institucionalização dos cursos de Ciências Sociais. Além disso, buscamos registrar o quanto o folclore esteve presente na trajetória pessoal do autor, bem como visamos realçar a importância de Roger Bastide (1898 - 1974) na Sociologia de Florestan Fernandes. À vista disso, nos parece que compreender o interesse de Florestan Fernandes pelo folclore perpassa por entender o lugar que esse tema ocupava nas produções intelectuais da época, ou seja, para se pensar Florestan Fernandes e o folclore é necessário refletir, também, a partir de todo um contexto, mais amplo que propriamente as suas elaborações sobre o folclore.

Ressaltamos que no referido capítulo não nos furtamos de citar e comentar passagens de outros textos e/ou outras fontes que se mostraram elucidativas das explicações apresentadas a respeito do folclore na obra do autor. É, portanto, oportuno informar que embora o foco desta dissertação tenha se concentrado em analisar as contribuições de Florestan Fernandes, a luz de seus próprios textos, trouxemos para a discussão alguns autores e autoras que, em alguma medida, ou dialogaram com Florestan Fernandes ou produziram reflexões e interpretações a respeito do todo da produção sociológica do autor ou produziram interpretações à vista das andanças de Fernandes pelo tema do folclore.

Sendo assim, devemos destacar os trabalhos de Luís Rodolfo da Paixão Vilhena e Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, que nos abriram caminho para compreender as críticas direcionadas à Florestan Fernandes. Vale dizer que essas críticas, encabeçadas pelos

folcloristas e apresentadas pelos autores mencionados, nos ajudaram a compreender os anseios de Fernandes para com os estudos de folclore em contraposição aos anseios dos folcloristas. Além disso, é relevante assinalar que estudiosos e estudiosas da obra do autor também foram lembrados na medida em que foi necessário compreender a produção sociológica e a figura do próprio Florestan Fernandes para além da questão folclórica: citamos aqui os estudos de Eliane Veras Soares, Diogo Valença de Azevedo Costa e Maria Lúcia de Santana Braga que, assim como Fernanda Arêas Peixoto, nos ajudaram também a compreender a relação estabelecida entre Florestan Fernandes e Roger Bastide.

Já no "Capítulo 2" nos empenhamos em apreender as formulações do sociólogo a respeito da cultura, da sociedade e da educação a partir das análises que o próprio autor produziu sobre o folclore. Realizamos essa tarefa com base na escolha de alguns textos que, ao nosso ver, contribuem para apresentar um panorama dos entendimentos que o autor tinha sobre a potencialidade do folclore. Posto que as contribuições e publicações de Florestan Fernandes sobre o escopo desta dissertação envolveram *a)* formulações conceituais sobre o folclore a partir de dados empíricos, por ele coligidos; *b)* diálogo com os folcloristas; e *c)* resenha de livros os quais tinham o folclore como tema; fizemos uma seleção de artigos que contribuíram para os nossos interesses. Ou seja, nos ocupamos em analisar um conjunto de textos que, em diálogo, nos ajudaram a compreender as concepções formuladas pelo autor. É nesse momento que foi realizado um esforço interpretativo para apreender as concepções do autor sobre a cultura, a sociedade e a educação.

Por fim, no último capítulo, "Capítulo 3", nos concentramos na análise de seis artigos [12] elaborados por Florestan Fernandes e que foram publicados ao alcance do grande público, sempre pautados pelo método da explicação de texto extraído da filologia e sociologia de Erich Auerbach. Em nossa interpretação, é de grande valia conhecer os jornais e as revistas

[12] São eles: FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 4 e 5.; FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1943. p. 4.; FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1943. p. 4.; FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade, literato-folclorista. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18 - 19.; FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.; FERNANDES, Florestan. Brincando de roda. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1962. Caderno Suplemento Literário. p. 2.

que se mostravam abertos às reflexões acerca dos temas cultura e folclore. Apesar disso, entendemos que investigar ambos os suportes comunicativos, jornais e revistas, poderia nos levar a interpretações equivocadas no que diz respeito à compreensão de Florestan Fernandes enquanto um escritor público. Por isso, optamos pela leitura de artigos publicados em jornais, justamente para entender essa dualidade entre um sujeito defensor da importância das ciências e da academia que, em sua carreira, não deixou de transportar as discussões acadêmicas para fora dos muros universitários.

Por fim, cabe dizer que este trabalho é tão somente os nossos estudos iniciais sobre a obra de Florestan Fernandes, uma vez que se trata de uma parte restrita da totalidade do trabalho do autor. Desse modo, a busca por uma compreensão mais ampla sobre a produção do autor deverá ser desenvolvida em trabalhos futuros.

CAPÍTULO 1 - Florestan Fernandes e o folclore e o folclore para Florestan Fernandes

> *O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos [...].*
>
> *Walter Benjamin*

É consenso para os historiadores, os sociólogos, os filósofos, e entre outros profissionais da área das ciências humanas, de que a análise da obra de um determinado autor não precisa, necessariamente, ser vinculada à trajetória pessoal do mesmo. No entanto, mesmo cientes dessa possibilidade, optamos por destacar de forma breve a história de vida de Florestan Fernandes, essencialmente no que diz respeito ao período em que ele escreveu sobre o folclore e nas interpretações do autor sobre a importância do folclore, como expressão, no processo de sua própria formação acadêmica.

Fizemos isso por dois motivos principais: o primeiro porque a história de vida e a origem do autor merecem ser sublinhadas, uma vez que revela uma condição *sui generis* entre os estudiosos brasileiros, especialmente entre aqueles que frequentaram o ensino superior, da primeira metade do século XX. O outro motivo, diz respeito ao fato de que aventamos a hipótese de que a condição de classe do autor contribuiu decisivamente para o interesse de Florestan Fernandes para com os estudos sobre a cultura *folk*[13]. Essa aproximação entre vida e obra é o que chamamos de redenção à maneira de Benjamim, pois Florestan Fernandes foi uma espécie de cronista da vida cotidiana, sendo que o jornal e a revista foram alguns de seus principais instrumentos de comunicação.

[13] Este é um termo empregado por Florestan Fernandes, e utilizado como sinônimo de folclore. O autor fez uso dessa expressão em diversos momentos, sobretudo ao relembrar, posteriormente, os estudos por ele empreendidos durante as décadas de 1940 a 1960.

Vale pontuar, ainda, que é natural que um sociólogo tal qual Florestan Fernandes seja bastante conhecido por suas análises, trabalhos e importância para o Pensamento Social Brasileiro, mas muitas vezes a sua origem de vida passa despercebida. Ademais, é necessário salientar que o próprio autor afirmava que a sua formação enquanto sociólogo muito dependeu de sua condição de vida e das duras vivências as quais se encontrou submetido.[14] Pensando nisso e recorrendo a Michel Foucault (1926 - 1984), vemos a importância, por ele atribuída, em se relacionar o autor e a obra, já que "[...] há já bastante tempo que a crítica e a filosofia vêm realçando este desaparecimento ou a morte do autor."[15] Ainda segundo o Foucault,

> A noção de autor constitui o momento forte na individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e na das ciências. Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário ou de um tipo de filosofia, creio que tais unidades continuam a ser consideradas como recortes relativamente fracos, secundários e sobrepostos em relação à unidade primeira, sólida e fundamental, que é a do autor e da obra.[16]

Apontado isso, cabe ainda dizer que o cruzamento entre vida e obra se tratou, aqui, de um esforço humanizador e não uma tentativa de criar um gênio, visto que o próprio Foucault buscava ironizar a função autor, justamente criticando a ideia de gênio criador. Por fim, vale dizer que neste capítulo, nós concentramos esforços na tentativa de compreender o ambiente intelectual no qual Florestan Fernandes encontrava-se inserido enquanto pesquisador do tema folclore. Para isso, levantamos algumas outras questões que nos pareceram importantes para pensar a relação de Florestan Fernandes com a temática folclórica.

A primeira delas diz respeito à tentativa de acessar a compreensão que o autor nutria sobre o surgimento das pesquisas folclóricas; a segunda delas se refere ao processo de institucionalização do ensino superior no Brasil; em sequência, a discussão sobre o folclore ser ou não passível de ser classificada como uma disciplina científica autônoma na opinião do

---

[14] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 142. Cabe dizer que outra estudiosa da obra de Florestan Fernandes, Eliane Veras Soares, também entende que a compreensão sobre a socialização inicial do autor auxilia no entendimento da trajetória posterior do sociólogo. Ver: SOARES, Eliane Veras. **Florestan Fernandes**: o militante solitário. São Paulo, SP: Cortez, 1997. 144p.

[15] FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Prefácio de José A. Bragança de Miranda, António Fernando Cascais. 3.ed. [Lisboa]: Vega, 1992. p.37.

[16] FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Prefácio de José A. Bragança de Miranda, António Fernando Cascais. 3.ed. [Lisboa]: Vega, 1992. p.33.

Florestan Fernandes, e, por fim, nos dedicamos a investigar a importância e a influência de Roger Bastide na produção sociológica do autor aqui estudado.

1. 1 Florestan Fernandes: um homem de seu tempo

Muito do que conhecemos sobre a trajetória pessoal de Florestan Fernandes é fruto de suas próprias narrativas em capítulos de livros e/ou entrevistas concedidas ou decorrente do relato de estudiosos da obra do autor, sem deixar de considerar os relatos de pessoas amigas do próprio Fernandes. Por interesse em conhecer a própria narrativa de Florestan Fernandes, nos apoiamos aqui, especialmente, em algumas produções: no capítulo "*Em busca de uma sociologia crítica e militante"* do livro intitulado *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento* (1977) e no livro A *condição do sociólogo* (1978). É necessário sublinhar que o que nos interessou, nessas publicações, foi justamente as memórias do autor, sobretudo no que diz respeito aos seus próprios entendimentos sobre a importância do tema folclore em seu processo formativo, bem como conhecer a trajetória do sociólogo.[17]

No texto "*Em busca de uma sociologia crítica e militante"* o autor apresentou formulações sobre a sua origem e condição de classe que, por suas vezes, vieram a moldar o seu pensamento enquanto sociólogo. É relevante pontuar que Florestan Fernandes nasceu e cresceu na cidade de São Paulo no ano de 1920. A mãe dele trabalhou como lavadeira e doméstica para diversas famílias na capital. Ainda aos seis anos, Florestan Fernandes precisou se lançar ao mundo do trabalho, sem dúvidas, precarizado e degradante, ocupando diferentes funções ao longo de sua infância. Em decorrência do ofício de sua mãe e das inóspitas condições na capital paulista, o autor viveu uma infância e uma adolescência de intensa "mobilidade" entre os bairros paulistanos que, à época, experimentavam transformações sociais, culturais, industriais e urbana, todas ao mesmo tempo. Sylvia Gemignani Garcia compreendia que naquele momento

[17] Os livros mencionados foram publicados na segunda metade da década de 1970 e, portanto, não compreendem toda a trajetória intelectual de Florestan Fernandes. Porém vale ressaltar que os textos nos interessaram aqui, sobretudo, por se tratarem de um balanço sobre o início e o desenvolvimento da carreira do sociólogo, tendo como centralidade o folclore na trajetória dele.

> [...] a modernidade instalava-se em São Paulo, potencialmente polissêmica, compondo um complexo quadro social e político, basicamente delimitado pela crise da oligarquia tradicional paulista, pela intensa urbanização e introdução de novas tecnologias urbanas, pela industrialização crescente e a correlata conformação das classes populares citadinas.[18]

Esse é um ponto importante: Florestan Fernandes experimentou toda uma mudança na organização da vida social paulistana. Essa mudança/transformação impactou, portanto, o ambiente cultural que envolvia os habitantes daquela cidade. Florestan Fernandes foi fruto desse momento, sobretudo por sua condição de classe que lhe imprimia situações adversas no desenrolar das transformações sociais. Ainda assim, o autor afirmava ter tido a oportunidade "[...] de sofrer o impacto humano da vida nas trocinhas e de ter réstias de luz que vinha pela amizade que se forma através do companheirismo (nos grupos de folguedo, de amigos de vizinhança [...] e por aí afora)."[19] Ou seja, apesar de todo um ambiente que imprimia mudanças, Florestan Fernandes teve a chance de vivenciar o folclore, de participar de grupos de folguedo e de estar em contato com um mundo simbólico-cultural que resistia aos anseios da modernidade que se instaurava[20]. Florestan Fernandes, portanto, desde muito jovem esteve em contato com a cultura *folk*, isto é, com o folclore.

A respeito da formação escolar, é necessário mencionar que Florestan Fernandes estudou até o terceiro ano da escola primária quando teve de deixar os estudos para se dedicar de forma integral ao mundo do trabalho. Segundo o próprio sociólogo, ele retomou os estudos por volta dos 17 anos de idade no curso de madureza[21], após um longo período fora dos muros da escola. Para o autor, a forma encontrada para "[...] romper com a castração cultural

---

[18] GARCIA, Sylvia Gemignani. **Destino ímpar**: sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo, SP: USP: Editora 34, 2002. p. 36. A respeito das transformações pelas quais a cidade de São Paulo passou durante o século XX, fundamentalmente, até a década de 1950 é válido consultar também: PETRONE, Pasquale. A cidade de São Paulo no século XX. **Revista de História**, v. 10, n. 21-22, p. 127-170, 1955; DO NASCIMENTO ARRUDA, Maria Arminda. Metrópole e cultura: o novo modernismo paulista em meados do século. **Tempo social**, v. 9, n. 2, p. 39-52, 1997.

[19] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 143.

[20] No "item 1.4" deste capítulo o leitor poderá verificar que a questão da mudança social é um tema capital na obra do autor. Adiantando a nossa hipótese, acreditamos que as pesquisas folclóricas ajudaram Florestan Fernandes a compreender os ritmos e os efeitos das mudanças sociais, visto que o folclore era uma fonte privilegiada para se compreender o curso das transformações.

[21] Os cursos de madureza eram cursos preparatórios para o exame de madureza que, por sua vez, se constituía como uma alternativa de obter o certificado do ginásio ou do colegial para àqueles que não frequentaram o ensino regular. À época de Florestan Fernandes as idades para os exames ginasial e colegial eram 18 e 20 anos, respectivamente.

invisível [...]"[22] foi se dedicar a leitura de qualquer livro que lhe estivesse à mão, algo que contribuiu, e muito, ao autodidatismo. Por uma casualidade, enquanto Fernandes trabalhava em um restaurante pôde ter contato com professores do Ginásio Riachuelo que se localizava na vizinhança. Ao conquistar a afeição dos professores teve a oportunidade de trabalhar em um novo emprego e pôde mesclar trabalho durante o dia e estudos no período da noite. Florestan Fernandes relatou, em suas memórias, sobre as dificuldades e, fundamentalmente, sobre a importância daquele período na sua vida, algo que culminou no alargamento de seu horizonte cultural, onde:

> O novo emprego e a condição de estudante no *Riachuelo* não representavam, apenas, uma ruptura com a "cultura de *folk*" e com uma condição social que implicava em degradação social tácita. Eles me abriam novos horizontes humanos e novas vias de socialização. Eu deixava de ser, como fora desde criança, um espectador deslumbrado do que se passava em redor de mim, nos outros níveis de *existências dentro da cidade.* Tratava-se certamente, de um patamar muito modesto. Contudo, ele era como que um tesouro, uma *conquista*, que me dava, pela primeira vez, um autêntico ponto de partida.[23]

Com o resultado positivo no exame de madureza, Florestan Fernandes afirmou ter aventado, pela primeira vez, a possibilidade de cursar o ensino superior, muito em virtude de ter percebido que gostaria de se tornar professor. Todavia a necessidade de se manter empregado fez com que Florestan Fernandes buscasse por uma graduação de meio período. Entre as possibilidades daquela época, haja visto que não havia cursos no turno da noite, a escolha do curso se restringiu a Faculdade de Direito ou a algum curso da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Optou por cursar Ciências Sociais e Políticas e ingressou na Universidade de São Paulo no ano de 1941. Segundo Fernanda Arêas Peixoto, estudiosa da obra de Bastide, "[...] a entrada no ensino superior representou para ele [Florestan] a chance de rompimento com o seu destino de classe. Essa experiência, de fato transgressora, possibilitou a sua inserção em um mundo profissional e intelectual estranho às suas origens." [24]

---

[22] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In:_____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p.146.

[23] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In:_____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p.149 - 150. (Itálico do autor)

[24] PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos brasileiros**: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 164.

Nesse sentido, as aventuras e/ou desventuras de um jovem que viveu a adolescência e a infância numa condição de *lupem-proletário*[25] e que aos 21 anos, sem mesmo ter concluído a escola primária em tempo regular, acessou a universidade, receptáculo de estudantes oriundos das famílias tradicionais[26], podem ser presumidas como tendo sido pouco harmônicas, sobretudo no que se refere às relações com os companheiros de turma. Sobre a relação com os professores, em sua maioria estrangeiros, Florestan Fernandes discorreu sobre algumas das dificuldades de comunicação e o nível de exigência deles[27], algo que requeria um alto nível de dedicação por parte dos estudantes.[28]

Quando ainda recém ingresso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o tema do folclore surgiu como uma oportunidade de pesquisa/trabalho dentro de uma disciplina oferecida por Roger Bastide (1898 - 1974) - professor francês que veio ao Brasil em 1938 para ocupar a cátedra de Sociologia I da Universidade de São Paulo[29]. Embora a disciplina tenha sido oferecida por Bastide, na ocasião, as aulas foram ministradas por sua assistente Lavínia Costa Vilela Raymond (1907 - ?). Vale dizer que essa disciplina foi bastante comentada pelo próprio sociólogo[30], pois

---

[25] O próprio Florestan utilizou esta terminologia para classificar a sua socialização plebeia no mundo do trabalho. Ver FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In:_____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.

[26] A expressão "famílias tradicionais" é utilizada aqui e também por Florestan Fernandes para designar grupos familiares pertencentes a classe média ou alta daquele período. Ver: FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In:_____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.

[27] Ver: FERNANDES, Florestan. **Florestan Fernandes**: Esboço de uma trajetória. Depoimento concedido ao Projeto História da Antropologia no Brasil, coordenado por Mariza Corrêa na UNICAMP. BIB. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

[28] No tocante a relação estabelecida entre Florestan Fernandes e Roger Bastide, ou melhor, da influência de Bastide sobre a sociologia de Fernandes, discorremos ao longo da dissertação, mais especificamente no "item 1. 4.".

[29] Para detalhes sobre o trabalho desenvolvido por Roger Bastide na Universidade de São Paulo é interessante consultar o artigo de Maria Isaura Pereira de Queiróz: QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 22, p. 215-220, 1994. Além disso, para uma compreensão acerca das relações entre vida, obra e interlocuções estabelecidas pelo autor, cabe recorrer ao papper de Carmen Felgueiras apresentado ao 42º encontro anual da anpocs, ver: FELGUEIRAS, Carmen. **Bastide *in concert.*** Um exame das possibilidades analíticas da obra de Roger Bastide. 2018. Papper apresentado no 42º encontro anual da anpocs - GT 23. Disponível em: https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt23-24. Acesso em: 15 abr. 2020.

[30] Sobre essa disciplina a importância dessa disciplina na trajetória do autor, discorremos com maior ênfase no "item 1. 4.". Ver: FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.; FERNANDES. Florestan. **A condição de sociólogo**. Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC. 1978.

significou, para ele, uma primeira oportunidade de se lançar à pesquisa empírica de fato, tendo como objeto o folclore paulistano, além de ter lhe proporcionado uma aproximação da figura de Roger Bastide.

Segundo o próprio Florestan Fernandes, "[...] para um recém egresso dos quadros mentais da cultura *folk*, aquela pesquisa era fascinante."[31] Isso porque as suas condições de vida e, portanto, familiaridade com os bairros e com as pessoas lhe permitiu coligir materiais para o desenvolvimento das pesquisas folclóricas.[32] Isto é, podemos dizer que a experiência humana vivenciada pelo autor foi o que lhe facilitou acessar as pessoas, transitar pelos bairros e coligir os materiais folclóricos com certa facilidade e fluidez, segundo os depoimentos do próprio Fernandes.

Portanto, o tema do folclore foi um primeiro objeto de pesquisa que despertou interesse científico e intelectual em Florestan Fernandes. Posteriormente, esse mesmo objeto lhe rendeu reconhecimento de sua competência no âmbito produção intelectual, visto que a partir desse objeto inicial de pesquisa o autor se destacou a ponto de ser indicado como um nome relevante para contribuir com os jornais e revistas da época.[33] Florestan Fernandes, em 1942, publicou seu primeiro artigo na revista *Sociologia* e somente em 1943 iniciaria sua contribuição nos jornais após "[...] vencer o temor de enfrentar o grande público."[34] Aqui, cabe uma breve reflexão, pois nos parece que é preciso mencionar o fato de que muitas vezes na interpretação empreendida pelos pesquisadores da obra de Florestan Fernandes é assumido que o diálogo com o grande público se deu a partir da década de 1980, momento no qual o autor contribuiu periodicamente ao jornal *Folha de São Paulo*. Ao contrário do que se afirma, a contribuição de Florestan Fernandes, aos suportes comunicativos, se alvoreceu ainda no início da década de 1940, como já referimos, ou seja, não se trata, em 1980, de uma "[...] adoção da prática publicista através do jornal *Folha de S. Paulo*"[35], mas sim da continuação

---

[31] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 161.

[32] FERNANDES. Florestan. **A condição de sociólogo**. Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC. 1978. p.10

[33] No tocante a essa inserção, ou melhor dizendo, iniciação de Florestan Fernandes como escritor público o "Capítulo 3" desta pesquisa se aprofundou sobre o tema.

[34] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 162.

[35] RODRIGUES, Lidiane Soares. **Entre a academia e o partido:** a obra de Florestan Fernandes (1969/1983). 2006. Dissertação (Mestrado em história social). USP/FFLCH: São Paulo. p.13.

dessa prática. Podemos levantar a hipótese de que essa percepção, sobre ser somente no fim do século XX o momento em que o autor passou a publicar em jornais e revistas, se justifica por se tratar de textos de cunho político-militante de Fernandes, algo que nos leva a refletir sobre o quanto o tema da cultura, na obra do autor, é, por vezes, colocado em segundo plano.

Dito isso, é significativo mencionar que de forma paralela à atividade de colaborador dos jornais e das revistas, no ano de 1945, Florestan Fernandes foi convidado pelo professor Fernando de Azevedo (1984 - 1974) a ocupar o posto de segundo assistente da Cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Nesse momento, o autor disse ter, de fato, iniciado sua carreira docente, algo que merece ser sublinhado, fundamentalmente por se tratar de um sujeito originário da classe popular e que tinha, inicialmente, como horizonte se habilitar para exercer a função de professor no ensino secundário.

Ainda no mesmo ano, Florestan Fernandes ingressou na Escola Livre de Sociologia e Política e obteve o título de mestre em Ciências Sociais em 1947, com a pesquisa sobre *A Organização Social dos Tupinambás.* Em 1951 defendeu a sua tese de doutorado, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, que também versava sobre os Tupinambás, mas no que dizia respeito à função da guerra entre esse grupo de indígenas (*A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá)*. Logo em seguida, em 1952, passou a contribuir também com a Cadeira de Sociologia I e partir de 1954 ocupou em definitivo a cadeira, em substituição a Roger Bastide, que retornou ao seu país de origem. Sobre isso, vale destacar que em depoimento concedido à Eliane Veras Soares, em 1991, Florestan Fernandes chegou a afirmar que Roger Bastide, antes de voltar à França, se mostrava preocupado com o nome que o substituiria, pois o sociólogo francês acreditava que o único que poderia substituí-lo seria o próprio Fernandes, algo que de fato ocorreu.[36]

Quando contratado como professor substituto de Roger Bastide, Florestan Fernandes disse ter se empenhado em construir uma marca na sociologia brasileira. Segundo ele "[...] como D'Artagnan, ao chegar em Paris, eu estava disposto a lutar com qualquer um que dissesse que nós não somos capazes de impor a nossa marca à sociologia. Ao antigo símbolo

[36] Ver: SOARES, Eliane Veras. **Florestan Fernandes**: o militante solitário. São Paulo, SP: Cortez, 1997. 144p.

do *made in France* eu pretendia opor o *feito no Brasil.*"[37] A referência ao personagem do romance-folhetim de Alexandre Dumas é, na verdade, bastante oportuna, na medida em que Florestan Fernandes se coloca na condição de um personagem, que é mais jovem, e se destaca dentro do grupo de estabelecidos mosqueteiros: Roger Bastide e Fernando Azevedo.

Nesse meio tempo de sua trajetória, mais especificamente em 1946, Florestan Fernandes traduziu a *Contribuição à Crítica da Economia Política*[38] de Karl Marx, haja visto que o autor se encontrava, em meio a um pequeno grupo trotskista de São Paulo, "[...] engajado não só em tarefas como redigir, mimeografar e distribuir panfletos ou um pequeno jornal, este de luta contra a ditadura, quanto em um projeto de escopo mais amplo, de publicação dos clássicos do socialismo."[39] Esse nos parece ser um ponto significativo, pois o envolvimento do autor com a literatura socialista clássica nos auxiliou a explicar, em alguma medida, o entendimento que Florestan Fernandes propunha sobre o surgimento do folclore - no "item 1.2." deste capítulo trabalhamos com essa questão. Ainda sobre isso, segundo o próprio cientista social, os caminhos percorridos até então o possibilitou ser "treinado" de diversas formas para se tornar um pesquisador e o permitiu compreender "[...] que nenhum sociólogo é capaz de realizar o seu ofício antes de percorrer todas as fases de um projeto de investigação completo, no qual transite do levantamento dos dados à sua crítica e à sua análise e, em seguida, ao tratamento interpretativo propriamente dito."[40] Nos parece que a relação de Florestan Fernandes para com os estudos sobre as manifestações folclóricas é algo bastante ilustrativo dessas fases percorridas, ora o autor se dedicou, em um primeiro momento, à coleta de dados empíricos e, posteriormente, analisou esses mesmos dados e, a partir das análises produzidas, pôde levantar interpretações mais amplas sobre os significados da cultura *folk* e o que ela representava para a organização de uma sociedade que se modernizava.

---

[37] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 178. (Itálico do autor)

[38] MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. / Karl Marx. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. - 1. e.d -. São Paulo. Editora Expressão Popular. 1946.

[39] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 172.

[40] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 175.

Para além do envolvimento do autor com o tema folclórico, vale dizer que Florestan Fernandes se encontrava comprometido com outros projetos e outros temas de pesquisa, visto que foi um importante nome na Campanha em Defesa da Escola Pública[41], além de ter desenvolvido importantes pesquisas no que diz respeito a questão das relações raciais brasileira em parceria com Roger Bastide, onde vinculados ao Projeto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) a equipe coordenada por Bastide e Fernandes começou a desenhar um novo cenário para a compreensão das relações étnico- raciais no Brasil.

Ou seja, a partir da década de 1950 o conjunto da obra de Florestan Fernandes ganhou destaque, sobretudo pela contribuição dada pelo autor sobre temas fundamentais para se pensar a particularidade nacional. Onde o seu envolvimento com a pesquisa sobre questão racial brasileira, o seu comprometimento com a luta em defesa da educação pública, suas pesquisas sobre a América Latina, o seu trabalho de interpretação do desenvolvimento da burguesia brasileira etc., tornaram-se referência para se pensar o Brasil. Devemos mencionar o fato de que existem trabalhos relevantes sobre esses temas no conjunto das pesquisas de Florestan Fernandes e que, portanto, dão maior ênfase aos outros temas de pesquisa desenvolvidos por Florestan Fernandes, para além dos estudos sobre as manifestações folclóricas.[42]

Já em 1964, o autor candidatou-se ao concurso de cátedra[43] e tornou-se catedrático da Cadeira de Sociologia I com a apresentação da tese *A integração do negro na sociedade de*

---

[41] Movimento que data do final dos anos 1950 e início dos anos 1960 e tinha como fio condutor a defesa pela escola pública em meio ao período de elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, por sua vez, finalizada em 1961.

[42] Podemos destacar alguns trabalhos como: MAZZA, Débora. **A produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional**: uma leitura (1941-1964). n.p.: Campinas, SP, 1997. *Repositório Institucional da Unicamp*; GARCIA, Sylvia Gemignani. **Destino ímpar**: sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo, SP: USP: Editora 34, 2002.; **FLORESTAN Fernandes**: sociologia crítica e militante. Coautoria de Octávio Ianni. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2004.; IANNI, Octávio. A sociologia de Florestan Fernandes. **Estudos avançados**, v. 10, n. 26, p. 25-33, 1996.; SOARES, Eliane Veras. **Florestan Fernandes**: o militante solitário. São Paulo, SP: Cortez, 1997.

[43] Segundo Helena Coharik Chamlian o regime de cátedras foi estabelecido no ano 1946 e as cátedras eram concebidas como cargos de caráter vitalício a serem ocupados por professores concursados para tal. Parte das escolas secundárias e todas as escolas superiores oficiais ou livres tinham o dever de se adequar a esse sistema. Com a Reforma Universitária de 1968 durante a Ditadura Militar, o regime de cátedras foi substituído pela organização departamental. Ver: CHAMLIAN, Helena Coharik. Estudo da organização departamental nas universidades mantidas pelo governo do estado de São Paulo. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-124, 1984.

classes[44]. Florestan Fernandes permaneceu até o ano de 1969[45] como professor na Universidade de São Paulo, momento em que foi aposentado compulsoriamente quando do acirramento da Ditadura Militar brasileira (1964 - 1985) com a execução do Ato Institucional nº 5 (AI-5)[46]. Pela primeira vez, após cerca de trinta anos, Florestan Fernandes se viu distante da Universidade de São Paulo.[47] Com o forçado deslocamento da USP, o sociólogo lecionou como professor titular de 1970 até o ano de 1972 na Universidade de Toronto. Em 1977, como professor visitante, tornou a lecionar na Yale University e ao retornar ao Brasil, Florestan Fernandes optou por continuar a carreira docente na Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP) como professor titular dos cursos de pós-graduação. Entre os anos de 1987 até 1994, Florestan Fernandes foi eleito por dois mandatos como Deputado Federal pelo Partido dos Trabalhadores, o seu maior empenho esteve concentrado em elaborar a Constituinte[48].

Há, portanto, um interesse de Florestan Fernandes pela questão nacional, algo que podemos chamar de "um Brasil de Florestan"[49], ou seja, um Brasil que foi observado e

---

[44] Ver: FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo, SP: Ática, 1978.

[45] Sobre o período que decorre da aposentadoria compulsória de Florestan Fernandes é interessante a consulta da dissertação de Lidiane Soares Rodrigues defendida no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. RODRIGUES, Lidiane Soares. **Entre a academia e o partido:** a obra de Florestan Fernandes (1969/1983). 2006. Dissertação (Mestrado em história social). USP/FFLCH: São Paulo. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/outubro2013/historia_artigos/rodrigues_d.pdf.> Acesso em: 18 jun. 2019.

[46] Considerado o Ato Institucional mais duro da Ditadura Militar brasileira foi assinado por Arthur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968.

[47] Esse momento na carreira do autor foi bastante discutido e problematizado entre os pesquisadores da obra do sociólogo. Para Bárbara Freitag a aposentadoria compulsória marcou a passagem de um Florestan Fernandes "acadêmico-reformista" para um Florestan Fernandes "político-revolucionário". Na primeira definição estaria em maior evidência uma produção sociológica preocupada com a institucionalização e cientificidade acadêmica, já na segunda definição a obra e trajetória do sociólogo teriam sido marcadas por uma ruptura, onde o autor teria se radicalizado politicamente tendo como horizonte a revolução socialista, nesse momento Florestan Fernandes teria rompido com a tradição racionalista de neutralidade científica. Embora esse não seja o nosso ponto, o leitor desta dissertação poderá verificar que interpretamos a sociologia de Florestan Fernandes como uma continuidade do seu processo formativo à luz das exigências de cada período, visto que sendo um homem de seu tempo esteve preocupado com as questões de seu tempo. Ver: FREITAG, Bárbara. Democratização, universidade, revolução. In: D'INCAO, Maria Ângela (Ed.) **O saber militante**: Ensaios sobre Florestan Fernandes. São Paulo/Rio de Janeiro, Unesp/Paz e Terra, 1987.

[48] A Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988 teve por finalidade a elaboração de uma nova Constituição democrática com o encerramento da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985).

[49] Expressão emprestada de Antônio David organizador do livro *O Brasil de Florestan* publicado em 2018. O livro reúne textos raros e inéditos de Florestan Fernandes. FERNANDES, Florestan. **O Brasil de Florestan** /

interpretado por Florestan Fernandes. Em suma, o nosso objetivo com essa revisitação do percurso de vida e obra de Florestan Fernandes foi o de demonstrar que qualquer pessoa interessada em pesquisar as contribuições do sociólogo irá se deparar com uma característica de seu trabalho que tão logo fica evidente: na trajetória intelectual do autor a questão nacional e, mais tarde, em alguma medida, a questão latino-americana, a todo tempo ocupou espaço primordial em seu trabalho.

Se nos fins da década de 1950 foi, para o autor, necessário se envolver com a defesa da escola pública era porque, naquele momento, a educação escolar parecia ser uma chave interpretativa para a compreensão da realidade nacional. Assim como a questão étnico-racial foi indispensável para desvendar os comportamentos sociais pautados pelas relações raciais na sociedade brasileira, de modo a desmistificar a chamada "democracia racial" que tinha entre o seu principal defensor Gilberto Freyre (1900 - 1987). Do mesmo modo quando do Golpe Militar brasileiro, Florestan Fernandes entendeu que seria necessário investigar o comportamento da burguesia nacional em vista de suas características, seus interesses e seu lugar ocupado no capitalismo mundial para compreender aquele momento.

Sendo assim, sob essa forma de encarar a produção sociológica de Florestan Fernandes, pudemos inferir que as pesquisas folclóricas também estiveram localizadas historicamente, de modo que o interesse do autor pela cultura *folk* deve ser encarado sob essa mesma lógica. A nossa tarefa aqui é compreender em que medida os estudos folclóricos se desenhavam como uma chave explicativa da sociedade brasileira, segundo os anseios do autor.

1. 2 Florestan Fernandes e a contextualização dos estudos de folclore

Antes de prosseguir, é necessário entender sobre o que de fato é o folclore e/ou os estudos de folclore. Entre os estudiosos das manifestações folclóricas, há o consenso de que o termo/a palavra folclore foi cunhada, em 1848, pelo etnólogo inglês William John Thoms. O

Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. (Coleção: Pensadores do Brasil: do tempo da ditadura ao tempo da democracia / organizador Antônio David) 1. ed. 2018. 251 p.

etnólogo Thoms, utilizando-se do pseudônimo Ambrose Merton, publicou uma carta[50] na revista *The Athenaeum*[51], onde propôs, pela primeira vez, o conceito de *folk lore*. A palavra, fruto de um neologismo (folk-lore - saber do povo/saber popular), foi elaborada para designar um campo de estudos que se ocupava, na época, das "antiguidades populares" e/ou "literatura popular"[52]. Segundo o inglês, aqueles que se dedicaram e se dedicavam a estudar os costumes populares, ou melhor, os saberes tradicionais do povo[53] certamente devem ter notado o quanto interessante eram esses assuntos e o quanto se poderia preservar com dedicação e empenho a essa temática de pesquisa.

Presumivelmente, Florestan Fernandes, em seus primeiros escritos, mostrava-se ciente da origem dessa palavra e o que significava a sua definição. Para ele, quando da escrita do artigo chamado "*Sobre o folclore*", veiculado na revista *Filosofia, Ciências e Letras,* nº 9, set/1945, que, por sua vez, era a introdução original do documento intitulado "*As "trocinhas" do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis"* (1944), esse esquema que se originou do vocábulo criado por Thoms levou os pesquisadores, durante muito tempo, a entender que "[...] em síntese, o objeto do folclore seria [...] o estudo dos elementos praticamente ultrapassados: as "sobrevivências"."[54] Para Florestan Fernandes, foi a partir desse momento que decorreu

> [...] o primeiro ponto de partida dos teóricos e pesquisadores do folclore: o "progresso" não se processa uniformemente na sociedade, havendo por isso camadas da população que não participam do desenvolvimento da mesma sociedade ou apenas o acompanham com retardamento evidente.[55]

---

[50] Tivemos acesso a referida carta na íntegra por meio do Anexo II da tese de doutorado de Luís Rodolfo da Paixão Vilhena o qual o autor discutiu o movimento folclórico brasileiro. Ver: VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. 2017. (Tese de doutorado).

[51] Revista literária publicada semanalmente em Londres entre 1828 e 1921.

[52] "Antiguidades populares" e "literatura popular" são expressões que o próprio William John Thoms utilizou entre aspas para designar o objeto de estudos pertencente ao folclore.

[53] Aqui, cabe uma breve reflexão: o que era chamado de povo àquela época? E, fundamentalmente, o que significava o povo para os estudiosos que se interessavam pelas questões *folk*? Tendemos a concordar com Renato Ortiz que no livro *Românticos e folcloristas: cultura popular* (1992) demonstrou entender que o termo "povo" tratava-se de um grupo de indivíduos que partilhavam entre si hábitos e costumes que, supostamente, eram portadores de um conjunto de práticas culturais que aparentava estar se deteriorando. É importante observar que essa definição pouco se relaciona com as questões econômicas ou com as classes populares vistas sobre o viés econômico, pois o aspecto principal é a questão cultural. Ver: ORTIZ, Renato. **Românticos e Folcloristas**: cultura popular. São Paulo, Editora Olho d'Água. 1992.

[54] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 41

[55] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 40.

É possível absorver da explanação de Florestan Fernandes um certo posicionamento crítico em relação à origem e aos anseios que propunham os primeiros estudiosos do folclore, isso significa que o autor desde o início de sua carreira já percebia com olhos críticos uma possível ideia de evolução cultural nas sociedades nas quais o povo, como fonte de produção científica, era definido como um grupo de indivíduos que pensavam e agiam em função do passado.

Ainda na carta de William J. Thoms, já se podia notar que, em certa medida, os estudos abrangidos pela palavra folclore tratavam-se de aprofundar esforços na busca por conhecer essas "antiguidades populares". Mais do que conhecê-las, tratava-se de mapeá-las, preservá-las e, sobretudo, reunir empenho para que a memória do saber popular não se perdesse ao longo do tempo. Era, portanto, um ramo de conhecimento que em sua origem tinha interesse pelas tradições populares. Segundo Luís Rodolfo da Paixão Vilhena, registrava-se, em um primeiro momento, "[...] versos e lendas transmitidos oralmente pelos camponeses analfabetos e que pareciam aos seus coletores representar uma herança antiquíssima"[56]. Ou seja, retomando a crítica elaborada por Florestan Fernandes: "Desse modo, o folclore consistia, numa cômoda expressão, na "cultura do inculto" (em contraposição à cultura do "culto", expressa [...] pela literatura, pela ciência, pela filosofia e pela religião *oficial*)."[57] O que Fernandes buscou expressar com isso era que a partir dessa perspectiva se inaugurou um novo tipo de conhecimento ao se olhar para a cultura *folk*, no caso o conhecimento do povo e/ou o saber popular, porém essa área de conhecimento só pôde ser pensada a partir da ideia de ruptura e de descontinuidade no desenvolvimento das sociedades.

Entre os estudiosos do folclore é consenso assumir que os folcloristas foram herdeiros da tradição romântica[58] e, portanto, estavam preocupados em dar ênfase à diferença e à

---

[56] VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. 2017. (Tese de doutorado). p.5.

[57] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 42. (Itálico do autor).

[58] Não descartamos aqui a influência do trabalho de coleta e compilação das manifestações populares realizada pelos antiquários no desenvolvimento do trabalho dos folcloristas. Todavia destacamos que o ofício dos antiquários pouco tinha a ver com a interpretação das "antiguidades populares", se tratava mais de conhecer e compilar esses fenômenos, se relacionava a um quê de curiosidade para com esses temas. Em tom de apresentação e introdução ao tema do folclore Maria Laura Cavalcanti fez menção à origem romântica - e

particularidade daquilo que pertenceria ao camponês enraizado e geograficamente localizado e que, de certa forma, era um dos grupos que resistiam aos avanços da Revolução Industrial do século XIX, cabe dizer que essa resistência pode ser entendida como uma forma de ser mantenedora das sobrevivências e das tradições populares. Entretanto, é preciso olhar, tal como sugeriu Jacob Guinsburg, para o romantismo como este sendo um fato histórico "[...] e, mais do que isso, é um fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica. É, pois, uma forma de se pensar que pensou e se pensou historicamente."[59] Foi, portanto, um período historicamente marcado e que emergiu, ainda segundo Guinsburg, diante de condições concretas "[....] com respostas características à situação que se lhe apresentou [...]"[60], algo que poderia justificar o interesse dos estudiosos daquele momento pelo folclore, ou seja, pela cultura *folk*.

Florestan Fernandes estava ciente dessa discussão que tomava os estudos folclóricos como tendo sido influenciado pelo romantismo, visto que em 19 de agosto de 1944 publicou, no jornal *O Estado de S. Paulo*, o artigo intitulado "*A burguesia, o "progresso" e o folclore*". Nesse artigo, o autor defendeu a ideia de que havia uma insuficiência na explicação pura e simplesmente de que a busca pelo folclore tenha sido fruto exclusivo da emersão do romantismo. Segundo o sociólogo,

> Ele [o romantismo] poderia ter levado à análise ou à coleta daqueles elementos que caracterizavam os costumes e as tradições de um povo. E de fato levou: em todos os países, os autores românticos foram geralmente os que coligiram mais material folclórico. Mas, do ponto de vista da necessidade de sistematização desse material, não nos sugere qualquer avanço. O problema continua colocado nos mesmos termos. Isso porque o romantismo era consequência, também, de uma mentalidade que caracteriza as sociedades ocidentais europeias nos fins do século XVIII e toma uma feição particular depois da Revolução de 1789 [...].[61]

---

também fruto das atividades desenvolvidas pelos antiquários - dos estudos folclóricos, assim como o fez Luís Rodolfo da Paixão Vilhena, como já mencionado anteriormente, e Renato Ortiz. Ver: CAVALCANTI, Maria Laura. Entendendo o folclore. In: _____ **Cultura popular e educação** / Organização René Marc da Costa Silva. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. 246 p. - (Salto para o futuro); ORTIZ, Renato. **Românticos e Folcloristas**: cultura popular. São Paulo, Editora Olho d'Água. 1992.

[59] GUINSBURG, Jacob. Romantismo, Historicismo e História. In: _____ **O romantismo**. Organização de J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2002. p.14.

[60] GUINSBURG, Jacob. Romantismo, Historicismo e História. In: _____ **O romantismo**. Organização de J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2002. p.14.

[61] FERNANDES, Florestan. A burguesia, o "progresso" e o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 53.

Ora, Florestan Fernandes reconhecia que a ação ou o trabalho de reunir elementos característicos dos costumes e das tradições de um grupo de indivíduos, no caso o povo, muito se tinha que ver com a influência da tradição literária romântica, embora por si só isso não justifique o "[...] aparecimento do folclore como expressão e como uma tentativa de sistematização de conhecimentos[...]."[62] Florestan Fernandes se mostrou enfático ao dizer que era preciso "[...] situar o folclore como uma consequência, ou melhor, uma necessidade da filosofia do século XIX [...]"[63], sem deixar de indicar que era também uma necessidade estritamente sentimental das classes burguesas para com a questão cultural dos dominados. Há que se dizer que, para o autor, esse interesse sentimental da burguesia caminhava junto com "[...] a filosofia positiva de A. Comte e o evolucionismo inglês de Darwin e H. Spencer que é uma filosofia que retém a ideia de desenvolvimento à imagem do crescimento biológico."[64] Daí pudemos depreender que Florestan Fernandes estava empenhado em entender os interesses pelos quais o folclore, como sistema de estudo, ter emergido naquele momento histórico. Para ele, os estudos folclóricos surgiram de forma conveniente e com intuitos maiores do que propriamente o de conhecer e/ou acessar os saberes populares, pois esses estudos emergiram da filosofia positivista a qual Florestan Fernandes entendia ser interessada historicamente, visto que

> [...] essa filosofia de desenvolvimento por etapas, gradual, que em Augusto Comte foi sistematizada na lei dos três estados, [...] era parcialmente negada em detalhes pela persistência, na mesma sociedade, dos dois tipos de explicação: aquela que seria característica de um estado positivo, por exemplo, explicação racional e científica; e doutro lado, tipos de explicação que, nesse esquema, se chamariam irracionais (explicação não lógica).[65]

Pode-se questionar, então, em que medida a filosofia positivista poderia explicar a permanência do folclore, ao que parece esse posicionamento soava um tanto quanto contraditório. Florestan Fernandes respondeu a essa pergunta e chegou a dizer que "[...] o ponto de partida para a explicação desse fenômeno era o de que, embora todas as sociedades

---

[62] FERNANDES, Florestan. A burguesia, o "progresso" e o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 53.
[63] FERNANDES, Florestan. A burguesia, o "progresso" e o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 53.
[64] FERNANDES, Florestan. A burguesia, o "progresso" e o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 54.
[65] FERNANDES, Florestan. A burguesia, o "progresso" e o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 55.

passassem em seu desenvolvimento pelos estados ou fases considerados, inevitavelmente, o "progresso" numa sociedade determinada não se realiza uniformemente."[66] E é nesse momento, segundo o cientista social, que o folclore veio a surgir como uma área que se propunha a estudar aquilo que pertenceria ao povo e às suas tradições e os seus costumes que, por seu turno, não seria capaz, tal qual a burguesia, de vivenciar o progresso.

Aqui, se faz necessário relembrar que esse momento de produção de Florestan Fernandes foi marcado por um intenso envolvimento com a literatura socialista, principalmente, no que diz respeito à literatura marxiana. No pano de fundo do posicionamento do autor, cabe assinalar que o que ele estava tentando demonstrar era que surgimento do folclore como estudo, logo o estudo das permanências e/ou das sobrevivências das tradições no âmbito das camadas populares, era uma tentativa de colocar à prova a afirmação, segundo o autor, da esquerda hegeliana "[...] de que seriam os indivíduos das classes pobres e destituídas, dominadas - o proletário, na terminologia marxista -, os únicos capazes de "progresso" [...]."[67] Ou seja, para o Florestan Fernandes o interesse histórico da filosofia positivista para com os estudos folclóricos era justamente demonstrar que essa camada da população não se encontrava habilitada para o progresso.

Naturalmente, diante dessa perspectiva pudemos levantar a hipótese de que essa apreciação realizada por Florestan Fernandes tenha causado um desconforto entre os folcloristas brasileiros. A título de exemplo, vale citar o artigo de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e Luís Rodolfo da Paixão Vilhena de 1990[68] que atribuía, em alguma medida, uma parte da marginalização do folclore aos posicionamentos de Florestan Fernandes, sobretudo no que diz respeito aos seus primeiros textos sobre o folclore. Esses textos, por sua vez, se encontravam assentados nas leituras marxistas e, ademais, os autores consideraram que a posição ocupada por Florestan Fernandes na academia brasileira tenha interferido no desenvolvimento das pesquisas folclóricas. Sobre esse segundo ponto, veremos com maior cautela ao desenvolver da dissertação.

---

[66] FERNANDES, Florestan. A burguesia, o "progresso" e o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 55.

[67] FERNANDES, Florestan. A burguesia, o "progresso" e o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 55.

[68] DE CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros; VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Revista Estudos Históricos**, v. 3, n. 5, p. 75-92, 1990.

Dito isso, uma outra característica do desenvolvimento dos estudos de folclore, momento em que são sanadas as discussões sobre a sua origem, diz respeito à compreensão das potencialidades dessa área de pesquisa. Os folcloristas ao terem o povo com todas as suas particularidades e autenticidade como objeto de estudo poderiam responder a questões mais gerais sobre a cultura, servindo, inclusive, como ferramenta que possibilitaria definir a cultura nacional. Sendo assim, os estudos sobre o folclore se constituíam em uma ferramenta que poderia possibilitar a compreensão da identidade nacional. Desse modo, se tratava de compreender as singularidades de um determinado país e/ou região através do saber popular, da tradição cultural que, por sua vez, carregava em si as possíveis sobrevivências da vida e dos hábitos culturais do passado. Aferimos que Florestan Fernandes, também, nutria aos estudos folclóricos essa pretensão, isso porque em 1948, ao escrever uma série de cinco artigos para o jornal *O Estado de S. Paulo,* nos dias 21 e 28 de novembro e 05, 12 e 19 de dezembro,[69] em memória da importância de Amadeu Amaral (1875 - 1929) para o folclore nacional, o autor assinalou que

> Entre nós, o folclore representou, desde o começo, uma tentativa para estabelecer, concretamente, o papel desempenhado na formação da cultura brasileira pelas "correntes étnicas formadoras" (índio, português e negro) e para delimitar o alcance das atividades transformadoras ou criadoras dos seus descendentes.[70]

Isto é, Florestan Fernandes constatou que o folclore havia se tornado uma fonte para se compreender a formação social brasileira. Em sua explanação, seguiu ele dizendo que

> Quaisquer que sejam as restrições que se possam fazer aos estudos de Sílvio Romero, Celso de Magalhães, Nina Rodrigues, Couto de Magalhães, João Ribeiro, Mário de Andrade e outros, que ainda militam no mesmo campo, é inegável que a eles devemos as primeiras pesquisas e as primeiras hipóteses sobre o processo de formação e de desenvolvimento do nosso sistema sociocultural.[71]

Essa é uma questão interessante, visto que Florestan Fernandes reconhecia a importância do trabalho realizado por diversos folcloristas e/ou estudantes da cultura

---

[69] Mais tarde, essa coleção de textos foi publicada na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo,* na edição set.-out./1951, no Volume CXLLIII, pp. 3 -28. Além disso, encontra-se disponível no livro *A etnologia e a sociologia no Brasil*. Ver: FERNANDES, Florestan. **A etnologia e a sociologia no Brasil**. São Paulo, SP: Anhembi, 1958.

[70] FERNANDES, Florestan. Amadeu Amaral e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 145.

[71] FERNANDES, Florestan. Amadeu Amaral e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 145.

nacional, tais quais os acima mencionados, sobretudo quando se tratava dos desdobramentos que se poderia auferir dessas pesquisas, pois, para ele, o trabalho de coligir materiais folclóricos, ainda que se mostrasse um passo inicial, possuía relevância para a compreensão da realidade sociocultural brasileira. Sobre o trecho acima, é ainda curioso observar que Florestan Fernandes falou sobre algumas possíveis restrições acerca do trabalho de alguns folcloristas. Ora o autor valorizava os trabalhos empreendidos, mas não deixava de direcionar críticas. Um nome que podemos destacar aqui é o de Nina Rodrigues que se interessava pela coleção de material folclórico, mas do ponto de vista do todo da sua produção possuía um discurso marcado pela contrariedade ao processo de miscigenação pautado por uma ideia racialista, tal como sugere Lilia Schwarcz[72], algo que Fernandes se posicionava de forma oposta.

Mas voltando ao argumento inicial, nos foi possível interpretar que os estudos folclóricos foram utilizados como subsídios para destacar as marcas distintivas entre pessoas, grupos, classe, nações e entre outros. Apesar de serem marcas criadoras de distinções entre as pessoas, é preciso dizer que a partir dessas avaliações é que se pôde compreender em que medida a desigualdade se processava e se tornava uma realidade mais profunda no contexto nacional. Sendo essa uma das características dos estudos folclóricos, é compreensível entender o porquê de o folclore ser um objeto de estudo que foi e tem sido ao longo dos anos uma ferramenta para a investigação da realidade social e, consequentemente, uma área de interesse de Florestan Fernandes.

Com isso pudemos interpretar que o autor encontrou nesses estudos uma possibilidade de compreender o que é universal e o que é particular na sociedade que, àquele período, se encontrava em transformação. Ora, se o progresso não se processava uniformemente há que se verificar o porquê de ocorrer de forma distinta, em nossa interpretação foi essa mais uma das questões que mobilizaram as pesquisas folclóricas realizadas por Florestan Fernandes.

Porém, antes de aprofundar na mencionada questão e com o intuito de fazer uma rememoração, além de apresentar um panorama sobre os principais nomes da produção

---

[72] Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando a desigualdade é diferença: reflexões sobre antropologia criminal e mestiçagem na obra de Nina Rodrigues. **Gazeta Médica da Bahia**, Salvador, ano 140, n. 76, supl. 2, p. 47-53, 2006.

folclórica nacional, optamos por citar alguns folcloristas que nos parece ter exercido importante papel nas discussões sobre o folclore no contexto brasileiro e que, além disso, foram mencionados por Florestan Fernandes nos jornais e revistas por onde ele publicou.

O primeiro deles é Sílvio Romero (1851 - 1914), crítico literário sergipano que se interessou pela poesia popular e se dedicou a pesquisar o folclore nacional. A produção de Romero foi marcada pela coleta de materiais da literatura oral e por buscar "[...] uma visão mais científica e racional da vida popular."[73] Cabe dizer aqui que o nome de Sílvio Romero era um nome forte do ponto de vista dos estudos sobre a cultura e, inclusive, foi objeto de pesquisa de Antonio Candido em sua tese de Livre-Docência[74]. Fernandes também reconhecia a importância de Romero e, inclusive, publicou um artigo no qual teceu comentários sobre a atividade e a produção folclorística de Sílvio Romero. O texto foi publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* na edição do dia 04 de agosto de 1945. No artigo, o cientista social salientou que Sílvio Romero, apesar de não ser o único grande estudioso do folclore, "[...] é *o nosso primeiro folclorista representativo* [...]."[75] Isso porque, segundo Florestan Fernandes, Silvio Romero

> Conseguiu reunir um material que quantitativamente não conhece paralelos entre nós; e qualitativamente apresenta os mesmos defeitos de notação que a dos outros folcloristas brasileiros, pois ainda agora nos faltam especialistas com a verdadeira formação científica de pesquisador. [76]

Neste momento, já se torna possível notar uma certa preocupação de Florestan Fernandes para com o trabalho qualitativo, no que diz respeito ao trabalho realizado pelos folcloristas. De acordo com o cientista social, embora as pesquisas dos folcloristas possuíssem relevância, fazia-se necessário dar um passo a mais, algo que um cientista, devidamente preparado, poderia ser de grande pertinência. Mais uma vez, é indispensável destacar que esse

---

[73] CAVALCANTI, Maria Laura. Entendendo o folclore. In: _____ **Cultura popular e educação** / Organização René Marc da Costa Silva. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. (Coleção Salto para o Futuro) p. 22.

[74] Antonio Candido apresentou, em 1945, a tese denominada O *Método Crítico de Sílvio Romero* com vista ao provimento da Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Ver: CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

[75] FERNANDES, Florestan. Sílvio Romero e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 199. (Itálico do autor).

[76] FERNANDES, Florestan. Sílvio Romero e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 200

é um ponto que tem notoriedade nos escritos de Florestan Fernandes, pois é uma questão frequente nos momentos e nos textos em que ele dissertou sobre a pesquisa folclórica que se desenvolveu e que se desenvolvia no Brasil.

Outro importante folclorista, a quem Florestan Fernandes teceu comentários, tal qual mencionamos, foi Amadeu Amaral (1875 - 1929) que em sua trajetória de pesquisador se caracterizou por buscar uma coleta minuciosa das tradições populares, de modo que a poesia popular ocupou espaço privilegiado na sua obra. Vale mencionar que Amaral foi um dos primeiros estudiosos do dialeto regional, no caso o dialeto caipira. Além disso, a trajetória de Amaral foi marcada por sua atuação política na defesa dos estudos de folclore que em sua visão era um recurso que permitia a preservação do "ser" nacional. Florestan Fernandes, nos meses finais de 1948, escreveu uma série de cinco artigos que foram publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* "[...] com a finalidade de chamar a atenção dos estudiosos para a contribuição folclorística de Amadeu Amaral [...]."[77] Para Florestan Fernandes, a obra de Amadeu Amaral era considerada "[...] alegórica demais, para ser aceita sem reservas: demasiado bela e humana, para ser considerada "científica" [...]"[78], de forma que a consequência disso é que "[...] ainda em nossos dias, os nossos folcloristas lutam com dificuldades quando tratam da localização da obra de Amadeu Amaral na história do desenvolvimento do folclore no Brasil e da crítica de sua contribuição."[79] Todavia, ainda que houvesse uma dificuldade de se separar a forma alegórica pela qual Amadeu Amaral apresentava seus objetos de pesquisa e a importância das pesquisas por ele realizadas, segundo o Florestan Fernandes

> A singularidade da posição de Amadeu Amaral procede de um conjunto de preocupações fundamentais, que animaram as suas investigações folclóricas e desencadearam os ímpetos de proselitismo, episodicamente ligados às suas atividades acadêmicas e jornalísticas. Essas preocupações, ou convicções, se preferirem, constituem o remate espiritual da série de experiências a que se lançara a inteligência brasileira, através do folclore.[80]

---

[77] FERNANDES, Florestan. Amadeu Amaral e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 120.
[78] FERNANDES, Florestan. Amadeu Amaral e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 123.
[79] FERNANDES, Florestan. Amadeu Amaral e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 123.
[80] FERNANDES, Florestan. Amadeu Amaral e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 124.

Sendo assim, para a nossa pesquisa, o que então podemos absorver da afirmação de Florestan Fernandes? Nos parece que, embora o próprio Amadeu Amaral tenha declarado não ser um folclorista profissional[81], Florestan Fernandes se colocava no dever de demonstrar que havia uma acepção que norteava as pesquisas de folclore. No fundo, para ele, os estudos de folclore que foram e/ou eram realizados no contexto nacional se encontravam assentados numa premissa admiradora do folclore que, por sua vez, ratificavam o interesse por esse tema como sendo mais uma curiosidade do que propriamente uma tentativa de se interpretar os significados das manifestações folclóricas na realidade objetiva.

Essa mesma curiosidade e interesse para com o folclore também foi uma marca do trabalho realizado por Mário de Andrade (1893 - 1945)[82], apesar dele ter atuado em busca de uma organização dos estudos folclóricos no território nacional com o objetivo de promover um certo rigor científico. Para chegar a essa conclusão, basta ver que Mário de Andrade foi o idealizador e criador da Sociedade de Etnografia e Folclore (1936) que estava vinculada ao Departamento de Cultura de São Paulo. A Sociedade de Etnografia e Folclore ministrava cursos com o objetivo de desenvolver técnicas de coleta etnográfica e folclórica, de modo que havia um grande aparato para "[...] demonstrar que a pesquisa folclórica tinha orientação científica"[83]. Para Florestan Fernandes, o trabalho de Mário de Andrade sobre o folclore foi, de fato, notável. Haja vista a tentativa deste em compreender o folclore à luz e em conversa com as ciências humanas, "[...] para ele, o folclore, é expressão de nossa brasilidade, ocupa um lugar decisivo na formulação de um ideal de cultura nacional."[84]

Sem dúvidas, um pesquisador do folclore tal qual Mário de Andrade, igualmente, chamou a atenção de Florestan Fernandes, visto que ele escreveu dois artigos dedicados a investigar a relevância das pesquisas de Mário de Andrade sobre o folclore. Esses artigos

---

[81] Ver: AMARAL, Amadeu. Uma tarefa a executar. In: _____ **Tradições populares**. Coautoria de Paulo Duarte. São Paulo, SP: [s.n.], 1948.

[82] No "Capítulo 3" desta dissertação exploramos, pautados pelo método de Erich Auerbach, o artigo de Florestan Fernandes discorrendo sobre a atividade de literato folclorista de Mário de Andrade que foi publicado no *Correio Paulistano* em 1946.

[83] SILVA, Ana Teles da; CRUZ, Danielle Maia. **Do folclore ao patrimônio imaterial:** coleta, seleção e interpretação da cultura popular e identidades. 2018. Papper apresentado no 42º encontro anual da anpocs - GT 04. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt04-21> Acesso em: 12 mar. 2019. p. 6.

[84] CAVALCANTI, Maria Laura. Entendendo o folclore. In: _____ **Cultura popular e educação** / Organização René Marc da Costa Silva. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. (Coleção Salto para o Futuro) p. 22.

foram publicados separadamente: um no *Jornal de São Paulo* em 19 de fevereiro de 1946 e o outro no *Correio Paulistano* na edição de 24 de fevereiro de 1946[85]. Apesar disso, ambos artigos foram veiculados, de forma compilada e atualizada, na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* na publicação de jan.-fev./1946, vol. CVI.[86] No texto, Florestan Fernandes ressaltou que

> [...] Mário de Andrade foi um dos primeiros folcloristas brasileiros a se especializar [...] fazendo do folclore musical o seu campo principal de atividade. Por isso, deve-se deixar claro que o abandono dos problemas teóricos em nada avalia a sua contribuição como folclorista. Além disso, dedicou-se a estudos que mais implicam curiosidade e erudição que propriamente a observância de regras deste ou daquele gênero. Daí a fecundidade de sua passagem pelo folclore brasileiro, pois a sua mania de fichar tudo o que via, ouvia e lia, e sua quase católica curiosidade, talharam-no para o papel de folclorista erudito e pesquisador.[87]

Com essa passagem pudemos perceber que Florestan Fernandes exaltava o trabalho de Mário de Andrade, tendo em vista o empenho e o cuidado do folclorista ao coligir os materiais folclóricos. Além disso, vale destacar que Mário de Andrade, segundo Florestan Fernandes, era levado a "[...] ler as obras de natureza teórica, mantendo-o bem informado do que acontecia do lado de lá da ciência [...]"[88] apesar de o trabalho científico não ter sido a principal preocupação do folclorista. Essas reflexões acerca do trabalho de Mário de Andrade nos ajudaram a entender que, para o autor aqui estudado, o mérito do trabalho do folclorista em questão se encontrava, fundamentalmente, no cuidado e na dedicação durante o esforço de mapear e coligir os elementos folclóricos e, possivelmente, o preparo teórico do folclorista tenha sido fundamental para essa percepção de Florestan Fernandes, vide que, ainda segundo ele, "[...] não se pode negar um caráter muito sério aos trabalhos Mário de Andrade. Se não são rigorosamente científicos, não são exclusivamente obra de diletantismo."[89] Era, portanto, uma característica do trabalho de Mário de Andrade as análises aprofundadas sobre folclore,

---

[85] Esses artigos datam de um ano de morte de Mário de Andrade, acreditamos que ambos foram encomendados pelos jornais, visto que verificamos a existência de outras homenagens prestadas por outros importantes nomes do cenário intelectual do período.

[86] Disponível também no livro *A etnologia e a sociologia no Brasil*. Ver: FERNANDES, Florestan. **A etnologia e a sociologia no Brasil**. São Paulo, SP: Anhembi, 1958

[87] FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 182.

[88] FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 181.

[89] FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 182.

pois procurava "[...] determinar a proveniência imediata dos elementos do folclore brasileiro." [90] Em certa medida, era isso que Florestan Fernandes buscava nas análises sobre o folclore nacional: pesquisas que pudesse explicar a "realidade objetiva".

Em vistas desses três nomes do folclore, pudemos concluir que os folcloristas esquadrinharam as suas pesquisas com o objetivo de colocar em relevo a imagem e a cultura do ser nacional.[91] Florestan Fernandes estava inserido em momento histórico em que os estudos folclóricos eram vistos e entendidos como uma ferramenta para se reconhecer a cultura popular brasileira e, sendo assim, havia então a busca por valorizar a cultura nacional como uma estratégia para a unidade nacional[92]. Esse processo se materializou com as iniciativas que partiram, em uma parte, do Estado para que os estudos folclóricos fossem valorizados e colocados em prática. Já em outra parte havia, também, desde os fins da década de 1940 uma grande movimentação de pesquisadores com a finalidade de promover debates sobre o estudo e a pesquisa de folclore no território nacional, algo que a universidade e seus integrantes certamente tinham conhecimento. Nesse sentido, pudemos aventar a hipótese de que, além de outros fatores a serem discutidos nesta dissertação, parte do interesse de Florestan Fernandes pela temática do folclore tem relação com o fato de que os estudos folclóricos ganharam destaque no cenário intelectual brasileiro e, consequentemente, Fernandes também buscou se aventurar por esses caminhos.

Para se ter uma dimensão ampliada sobre a importância dos estudos *folk* no contexto brasileiro, basta ver que esse processo se desdobrou com a criação, em 1947, da Comissão Nacional de Folclore (CNFL) presidida por Renato Almeida (1895 - 1981), reconhecido folclorista da época. A comissão atuou de forma intensa na elaboração e realização de encontros nacionais e internacionais entre os pesquisadores de folclore. Para se ter uma ideia, a CNFL realizou, ao longo de suas décadas de maior atuação, quatro encontros da Semana Nacional do Folclore e cinco congressos brasileiro de folclore. Além dos eventos nacionais, a

---

[90] FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 183.

[91] DE CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros; VILHENA, Luís Rodolfo. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Revista Estudos Históricos**, v. 3, n. 5, 1990, p. 76.

[92] SILVA, Ana Teles da; CRUZ, Danielle Maia. **Do folclore ao patrimônio imaterial:** coleta, seleção e interpretação da cultura popular e identidades. 2018. Papper apresentado no 42º encontro anual da anpocs - GT 04. Disponível em: http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt04-21. Acesso em: 12 mar. 2019

comissão realizou um Congresso Internacional de Folclore em agosto de 1954 na cidade de São Paulo[93].

Vejamos, o folclore que para Florestan Fernandes "[...] tanto pode ser compreendido como uma realidade cultural viva nas ações e no pensamento dos seres humanos quanto como estudo dessa realidade [...]"[94], foi um tema historicamente marcado. Haja vista que em paralelo à comissão foi criada, em 1958, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro que vinculada ao Ministério da Educação e Cultura trazia "[...] uma proposta de atuação urgente [...]" ao entender que "[...] no folclore se encontram elementos culturais autênticos da nação, porém o avanço da industrialização e a modernização da sociedade representam uma séria ameaça. Por essa razão, a cultura folk deve ser intensamente divulgada e preservada."[95]

Com isso se fez possível verificar, portanto, que naquele contexto os folcloristas e os debates acerca da conceituação do folclore se preocupavam, fundamentalmente, em difundir a ideia da necessidade e importância de se compreender os elementos tradicionais da cultura enquanto havia resquícios dessas manifestações na sociedade. Para Maria Laura Cavalcanti e Luís Rodolfo Vilhena, as ações promovidas pelos congressos de folclore eram, inclusive, "[...] pensadas em certo sentido contra o tempo, contra o progresso avassalador; não tanto reconstruir mas sobretudo preservar."[96]

Essa forma de encarar o folclore nos diz muito sobre os intuitos e as preocupações dos folcloristas brasileiros ao observar o tema. Ora, a cultura vista sob o olhar dos estudos sobre folclore era "[...] entendida como um conjunto de comportamentos (verbais, musicais, rituais, laborais, etc) perceptíveis e documentáveis [...]"[97], ou seja, estavam circunscritos naquilo que era particular, palpável e que poderia ser preservado, uma vez que fossem reconhecidos e

---

[93] DE CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros; VILHENA, Luís Rodolfo Paixão. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Revista Estudos Históricos**, v. 3, n. 5, 1990.

[94] FERNANDES, Florestan. Amadeu Amaral e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 126.

[95] CAVALCANTI, Maria Laura. Entendendo o folclore. In: _____ **Cultura popular e educação** / Organização René Marc da Costa Silva. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. - (Salto para o futuro) p.21. - *Interpolação por minha conta*

[96] DE CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros; VILHENA, Luís Rodolfo. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Revista Estudos Históricos**, v. 3, n. 5, 1990. p.77.

[97] SILVA, Ana Teles da; CRUZ, Danielle Maia. **Do folclore ao patrimônio imaterial:** coleta, seleção e interpretação da cultura popular e identidades. p. 7 e 8. 2018. Papper apresentado no 42º encontro anual da anpocs - GT 04. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt04-21> Acesso em: 12 mar. 2019.

entendidos como uma pertença da identidade brasileira e, além disso, fossem identificados antes que as transformações experimentadas pela sociedade diluíssem esses comportamentos.

Como apontamos anteriormente, as décadas de 1940 e 1950 foram marcadas por um ambiente fértil, no Brasil, para a discussão e a análise do folclore. O clima de urgência, a capacidade de mobilização e a conquista, bem-sucedida, de ações no plano da política cultural oficial[98] marcaram o trabalho desenvolvido pelos folcloristas brasileiros. Vale relembrar que esse mesmo período, como já mencionamos, coincide com o momento de maior interesse de Florestan Fernandes para com os estudos da cultura *folk.*

Por esse ângulo, aqui chegamos em um dos primeiros questionamentos que levantamos ao iniciar esta dissertação: trata-se de tentar entender por que Florestan Fernandes dedicou-se, ao longo de mais de 20 anos, ao folclore como ferramenta interpretativa da realidade nacional. Com as leituras que mobilizamos até o presente momento, foi possível perceber que um dos motivos para tal interesse advinha de sua própria vivência folclórica, dito de outro modo, de sua própria condição de sujeito que lhe permitiu vivenciar diversas formas de manifestação folclórica. Ainda que esta seja uma justificativa convincente, como demonstramos no "item 1.1." deste capítulo, outros fatores, tal qual o momento de maior atuação e intensidade dos estudiosos da cultura *folk*, explicam parte do interesse de Florestan Fernandes por esses mesmos estudos, todavia não respondem o que o folclore permitiu ao autor explorar no processo de compreensão da sociedade brasileira, algo que desenvolvemos no decorrer desta dissertação, mas não sem antes discutir a forma de produção científica defendida por Florestan Fernandes.

No entanto, devemos lembrar que esse mesmo período, décadas de 1940 e 1950, foi marcado pelo processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, o qual Florestan Fernandes e a sua geração foram frutos e agentes importantes. E, assim sendo, nos parece ser esta uma questão relevante para se pensar os significados do folclore para Florestan Fernandes, além disso esse tema nos ajudou a compreender melhor os diálogos estabelecidos

[98] Segundo Luís Rodolfo Vilhena da Paixão, embora os estudos folclóricos tenham conquistado sucesso no plano político cultural, no plano acadêmico esses estudos fracassaram. Ao longo dessa pesquisa, tocamos nesse ponto do folclore ao discutirmos os diálogos entre Florestan Fernandes e os folcloristas. Ver: VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. 2017. (Tese de doutorado).

entre o cientista social e os folcloristas, sobretudo ao compreender a importância e o valor atribuído por Florestan Fernandes à produção científica.

1. 3 Florestan Fernandes: o folclore e a produção científica

Antes de pensar propriamente dito sobre os entendimentos de Florestan Fernandes sobre o folclore e a ciência, se faz necessário conhecer o processo de institucionalização do ensino superior brasileiro, isso porque acreditamos que o posicionamento de Florestan Fernandes para com o folclore passou pela sua experiência dentro da universidade. Para isso, recuperamos o processo conhecido como a Reforma Universitária de 1931 (decreto nº 19.851/31)[99], que dispôs, exclusivamente, sobre a organização do ensino superior. O decreto foi elaborado e colocado em prática por Francisco Campos (1891 - 1968) então Ministro da Educação e Saúde Pública no Governo Provisório de Getúlio Vargas (1882 - 1954).

É com a referida reforma que as universidades brasileiras passaram a ser organizadas em nível nacional, visto que antes a estruturação das universidades se encontrava orbitada aos seus respectivos estados. Além disso, a Reforma Francisco Campos é, ainda hoje, reconhecida por instrumentalizar o ensino. Dito de outra forma, um dos pontos sobre qual a reforma dissertou foi a respeito da necessidade de as universidades brasileiras organizarem seus trabalhos tendo em vistas os conclames do país. Há, portanto, a ideia de que as universidades deveriam atender aos anseios da nação.

Outra questão relevante para se pensar os efeitos dessa reforma nas universidades brasileiras é a de que no texto do decreto foi assegurado o estímulo pela investigação de caráter científico no qual a universidade deveria contribuir na elevação geral da cultura da nação, embora o texto tenha endossado a autonomia universitária de caráter relativo, ou seja, o texto visava assegurar que as universidades estariam sob o controle e a centralização do governo federal, expondo, portanto, as características autoritárias que entoavam o governo.

---

[99] Ver: BRASIL. Decreto-lei nº 19.851, de 11 de abril de 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 29 jun. 2019. Embora decretos federais tenham sido promulgados anteriormente à década de 1930 com o intuito de dar organicidade ao ensino superior brasileiro não pretendemos comentá-los, visto que corremos o risco de desviar do assunto desta pesquisa. Além disso, trata-se de medidas incipientes no que se refere a oficialização federal das universidades brasileiras. Ver: DE ALBUQUERQUE FÁVERO, Maria de Lourdes. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, n. 28, p. 17-36, 2006.

Na esteira da Reforma Universitária de 1931 foi criada a Universidade de São Paulo (USP), pelo Decreto nº 6.283 de 1934 que, por sua vez, emergiu com os seguintes objetivos assegurados no Artigo 2º:

> a) promover, pela pesquisa, o progresso da ciência; b) transmitir, pelo ensino, conhecimentos que enriqueçam ou desenvolvam o espírito ou sejam úteis à vida; c) formar especialistas em todos os ramos da cultura, bem como técnicos e profissionais em todas as profissões de base científica ou artística; d) realizar a obra social de vulgarização das ciências, das letras e artes por meio de cursos sintéticos, conferências e palestras, difusão pelo rádio, filmes científicos e congêneres.[100]

Segundo Irene Cardoso, uma das principais investidas da USP se relacionou, desde o princípio, com "[...]a presença da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como núcleo fundamental do sistema universitário e a instituição da alta cultura [...]"[101], algo que expressa os anseios e a necessidade de formação intelectual da elite dirigente do estado de São Paulo.

Sob a influência direta de professores franceses que compuseram, à época, o quadro principal de docentes da Faculdade foi se dando o processo de estabelecimento das Ciências Humanas no interior da Universidade de São Paulo. Em sua origem, com uma inclinação para estudos da cultura, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras elaborou suas pesquisas de caráter sociológico, haja vista que os principais temas pesquisados estavam circunscritos na questão racial e indígena, na literatura, no folclore etc., tendo como laboratório a particularidade nacional.[102] Florestan Fernandes tendo iniciado a sua graduação na década de 1940 vivenciou essa nova característica da USP. A Sociologia, portanto, que emanava da esfera acadêmica passou, dessa forma, a conquistar terreno na elaboração de interpretações sobre a realidade. Naturalmente, a Sociologia tal qual era desenvolvida dentro da academia encontrou oposição e dificuldades para se estabelecer entre os próprios pesquisadores que se encontravam alinhados a outro *modus operandis* de produzir pesquisa.[103]

A Universidade de São Paulo idealizada tendo em vista a elite intelectual e, portanto, restrita a um número pequeno de estudantes, experimentou ao longo das décadas

---

[100] BRASIL. Decreto-lei nº 6.283 de 25 de janeiro de 1934. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1934/decreto-6283-25.01.1934.html>. Acesso em: 29 jun. 2019.

[101] CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. **A universidade da comunhão paulista**: o projeto de criação da Universidade de São Paulo. Autores Associados, 1982. p. 123.

[102] ORTIZ, Renato. Notas sobre as ciências sociais no Brasil. **Novos Estudos**, nº 27, pp. 163 - 175. 1990. p.165.

[103] A título de exemplo, vale mencionar a polêmica entre Florestan Fernandes e Edison Carneiro e também discordância entre Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes.

subsequentes, mais precisamente a partir das décadas de 1950 e 1960, uma política de apoio aos cursos de Pós-Graduação, o que deu uma nova vitalidade ao desenvolvimento das Ciências Sociais, e também de outros cursos, que antes tinham como principal preocupação a formação de quadros profissionais e nem tanto objetivava a pesquisa científica. Esse momento coincide com o que Mariza Corrêa definiu de a "época dos projetos" e, segundo Castro Cavalcanti e Vilhena, "[...] o folclore é um dos temas já em voga no país quando se inicia o processo de institucionalização no ensino superior das chamadas Ciências Sociais."[104] Esse período, para Mariza Corrêa, foi ilustrativo da

> [...] transição entre um primeiro momento da história das Ciências Sociais [...] que poderíamos chamar de o momento das 'grandes sínteses', as avaliações globais da sociedade brasileira feito pelos intelectuais (Oliveira Viana, Sérgio Buarque, Gilberto Freyre), e o terceiro momento que será inaugurado com a reforma do ensino universitário no final da década de 1960 - e cuja expressão são os cursos de pós-Graduação[105].

O que devemos reter dessa informação é o fato de que os estudos e as pesquisas sobre a cultura já se encontravam estabelecidos no contexto nacional antes do desenvolvimento e/ou institucionalização das Ciências Sociais. Tal como propõe Renato Ortiz, na mesma linha de Mariza Corrêa, os cursos desenvolvidos no interior das universidades não inauguraram as pesquisas sobre a cultura, pois havia toda uma tradição pela qual as universidades iniciaram seus trabalhos.[106] Nesse sentido, "[...] os sociólogos devem portanto enfrentar uma disciplina tradicionalmente estabelecida nos Institutos Históricos e Geográficos, cujo padrão se contrapõe ao que está sendo gerado nas universidades."[107] Foi, portanto, um cenário complexo e de transição entre uma forma de se fazer pesquisa previamente consolidada e uma nova forma de produção intelectual que estava sendo gestada.

É diante desse contexto que Florestan Fernandes emergiu como um defensor da cientificidade das pesquisas de caráter sociológico, em paralelo com as suas pesquisas sobre o folclore. É, também, a conjuntura que nos interessou aqui, visto que aquele foi o momento em

---

[104] DE CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros; VILHENA, Luís Rodolfo. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Revista Estudos Históricos**, v. 3, n. 5, 1990, p. 75.
[105] CORRÊA, Mariza. **História da antropologia no Brasil**: (1930 - 1960), testemunhos. - São Paulo. Vértice, 1987. p.21.
[106] Vimos, na introdução desta dissertação, que Wolf Lepenies também destacou essa mudança de característica na Sociologia.
[107] ORTIZ, Renato. Notas sobre as ciências sociais no Brasil. **Novos Estudos**, nº 27, pp. 163 - 175. 1990

que “[...] o sociólogo transita da condição de jovem pesquisador, originário das camadas populares, para o de cientista social renomado, catedrático da Universidade de São Paulo e principal artífice do estilo acadêmico de reflexão.”[108] Nessa mesma linha de pensamento, compartilhamos do posicionamento de Osvaldo Elias Xidieh ao dizer que a “[...] a andança de Florestan pelos domínios do folclore foi uma propedêutica, um exercício preliminar, um ponto sólido de partida para a sua extensa, profunda e inovadora produção no campo das Ciências Sociais.”[109] Assim, podemos dizer que os estudos folclóricos desenvolvidos por Florestan Fernandes se inseriram em um contexto que exigia novas técnicas, métodos e habilidades de pesquisas.

Sendo assim, é relevante salientar que essa aproximação entre o período de clímax dos estudos de folclore e o processo de institucionalização das Ciências Sociais, o qual Florestan Fernandes foi um dos principais nomes, também foi utilizada entre os estudiosos do movimento folclórico - tais como Luís Rodolfo da Paixão Vilhena e Maria Laura Viveiros C. Cavalcanti - para argumentar sobre as dificuldades que os estudos folclóricos enfrentaram para se estabelecer enquanto um campo de conhecimento. A pergunta elaborada pelos autores é: por que apesar do sucesso de que gozou os estudos folclóricos nos anos 1950 esse é um tema de segunda ordem no pensamento social brasileiro?

Para Luís Rodolfo da P. Vilhena “[...] o relativo fracasso dos Estudos de Folclore em obter um maior reconhecimento acadêmico parece residir exatamente na sua incapacidade de participar desse novo arranjo institucional [...]”,[110] que as Ciências Sociais buscavam naquele momento e que, de certa forma, conseguiram. Portanto, ainda de acordo com Vilhena, os estudos folclóricos “[...] não tendo conseguido consolidar um padrão institucional ao final daquele período, [...] são consequentemente tomados como irrelevantes para a história das

---

[108] Maria Arminda do Nascimento Arruda na apresentação da segunda edição, em 2003, do livro “O Folclore em Questão” de Florestan Fernandes que, por sua vez, é uma coletânea de artigos publicados, pelo autor, em jornais e revistas entre os anos de 1944 e 1962, com a temática folclore.

[109] XIDIEH, Osvaldo Elias. O folclore em questão. In: D'INCAO, Maria Ângela (Ed.). **O saber militante**: Ensaios sobre Florestan Fernandes. São Paulo/Rio de Janeiro, Unesp/Paz e Terra, 1987.

[110] VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. 2017. (Tese de doutorado). p.26. É relevante ressaltar que essa formulação aparece na tese de doutorado de Luís Rodolfo da P. Vilhena, porém o livro que resulta dessa tese possui algumas mudanças pontuais no texto original, tendo isso em vista, nos utilizamos apenas da tese do autor.

Ciências Sociais [...]"[111], algo que conferiria uma dupla natureza no processo de institucionalização do folclore, pois se por um lado o movimento folclórico foi bem sucedido no plano da política cultural oficial - tal qual mencionamos anteriormente -, por outro lado fracassou na busca por se estabelecer no plano acadêmico.

Vejamos, o posicionamento de Luís Rodolfo da Paixão Vilhena era do ponto de vista de quem tentava entender o porquê de um movimento amplo e que gozava de apoio governamental não ter conseguido se estabelecer de forma efetiva ao longo do tempo, o que na ótica do autor era algo que devia ser observado tendo em conta as dificuldades de os estudos folclóricos penetrarem na academia enquanto uma disciplina autônoma. O ambiente narrado foi marcado por jovens pesquisadores formados na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e na Universidade de São Paulo que "[...] permaneceram tendo o folclore como referência importante em suas carreiras, e professores universitários paulistas como Roger Bastide e Oracy Nogueira irão se tornar membros ativos da comissão de folclore local [...]"[112], mas que não resultou nos estudos de folclore tendo sido contemplados formalmente, apesar da fluidez e transversalidade com que o folclore era discutido na academia.

No tocante a essa questão, é proveitoso observar Florestan Fernandes e a sua postura para com o processo de institucionalização das Ciências Sociais. Tendo sido o autor um defensor da pesquisa científica interessada, é compreensível entender a polêmica que envolveu o desenvolvimento da pesquisa folclórica no Brasil. Por um lado, os folcloristas com a busca incessante pela coleta das manifestações folclóricas e urgência no desenvolvimento desses trabalhos e, por outro lado, a busca pelo estabelecimento das pesquisas sociológicas de caráter científico.

Para exemplificar o posicionamento de Florestan Fernandes, no que tange à pesquisa científica, precisamos ampliar um pouco o leque de nossas leituras, para além dos textos sobre o folclore, recorrendo aos livros *A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua*

---

[111] VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. 2017. (Tese de doutorado). p.26

[112] VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. 2017. (Tese de doutorado). p.148.

formação e desenvolvimento (1977)[113] e *A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios* (1975).[114] Esses livros, embora publicados na década de 1970 momento em que as discussões sobre o folclore já não viviam o auge, reúnem ensaios escritos entre as décadas de 1940 e 1960 que, por sua vez, coincidem com o período aqui estudado.

No livro *A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios* Florestan Fernandes defendeu que o objetivo primordial da ciência era o de explicar a realidade e, portanto, "[...] o que caracteriza a marcha do pensamento científico não é a simples realização de pesquisas, nem certos atributos ou condições delas, como a habilidade em conduzi-las, os recursos materiais e humanos à sua disposição, as possibilidades de repeti-las, etc." No entendimento do autor, embora a pesquisa empírica fosse essencial para o conhecimento científico ela se "[...] constitui um meio e não um fim em si mesma"[115]. Isso significa dizer que os estudos empíricos deveriam ter como alvo a interpretação geral da realidade, sendo assim "[...] quando o investigador se propõe a pura e simplesmente a descrever uma totalidade cultural, uma situação de existência ou efeitos de determinado processo em dadas condições históricos culturais, sua realização deve ser avaliada em termos dos fins de explanação descritiva."[116] Embora esse tipo de explanação fosse, na visão do autor, importante também tendo em vista a aceleração do progresso e das transformações sociais e culturais que as sociedades se encontravam suscetíveis a experimentarem, visto que é capaz de mapear e documentar traços socioculturais partilhados pelas comunidades e/ou grupos, não era capaz, por si só, de produzir interpretações sociológica sobre esses traços.

Florestan Fernandes, ao discorrer sobre o desenvolvimento da Sociologia no livro *A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*, chegou a reiterar que "[...] o aparecimento e o florescimento da sociologia, nos tempos modernos, se vinculam a necessidades intelectuais de explicação do comportamento humano e do mundo,

---

[113] FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.
[114] FERNANDES, Florestan. **A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios**. Editora Vozes. 1975.
[115] FERNANDES, Florestan. **A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios**. Editora Vozes. 1975. p 140 - 141.
[116] FERNANDES, Florestan. **A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios**. Editora Vozes. 1975. p 141 - 142.

que possuem uma origem histórico-social e o sentido de uma mudança cultural."[117] Apenas para reforçar, mais uma vez se faz proveitoso destacar o interesse da Sociologia de Florestan Fernandes no processo de compreensão dos sentidos das mudanças sociais, lembrando que a hipótese aqui desenvolvida é a de que o folclore se tornou, para o autor, uma ferramenta para a compreensão de questões mais profundas da vida em sociedade, algo que discutimos "item 1. 4.".

Essa forma de ver o folclore foi ratificada pelo autor quando da publicação, na *Revista Brasiliense* de nº. 24, em jul.-ago. de 1959, do artigo chamado "*Folclore e Ciências Sociais*". Nessa publicação, o autor ao relembrar e citar os argumentos por ele utilizados no artigo *"Os estudos folclóricos em São Paulo*" e "*Os estudos etnológicos e sociológicos do folclore em São Paulo*"[118], assim como em outros artigos em que escreveu sobre o tema, procurou reafirmar o seu entendimento sobre a relação entre o estudo de folclore ao chamar a atenção para o fato de que "[...] a análise folclórica propriamente dita terá muito que aproveitar das contribuições dos etnólogos e dos sociólogos ao conhecimento do folclore brasileiro", da mesma forma que "[...] a etnologia e a sociologia puderam beneficiar-se dos materiais acumulados pelos folcloristas brasileiros [...]."[119] Esse parecer apresentado por Florestan Fernandes endossou o argumento, por ele elaborado, de que as análises sobre o folclore exigiam a descrição e a interpretação, pois somente assim os estudos desse tipo poderiam acessar a realidade social objetiva.

Para Débora Mazza, o que Florestan Fernandes desejava, portanto, era inserir o folclore "[...] na estrutura e na dinâmica social [...]"[120]. Essa concepção pode ser avaliada

---

[117] FERNANDES, Florestan. Desenvolvimento histórico-social da sociologia no Brasil. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 25.

[118] É importante dizer que os dois artigos mencionados se tratam de duas séries distintas de textos que, porém, foram disponibilizadas de forma conjunta sob o título "*Os estudos folclóricos em São Paulo*". Isto significa dizer que no livro *O folclore em questão* esses textos aparecem como pertencentes a um único artigo, no caso "*Os estudos folclóricos em São Paulo*". De forma idêntica, o texto pode ser encontrado também no livro *A etnologia e a sociologia no Brasil*. Ver: FERNANDES, Florestan. **A etnologia e a sociologia no Brasil**. São Paulo, SP: Anhembi, 1958.

[119] FERNANDES, Florestan. Folclore e Ciências Sociais. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 15. Disponível também em: FERNANDES, Florestan. Os estudos folclóricos em São Paulo. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 118-119.

[120] MAZZA, Débora. **A leitura sociológica do folclore paulistano**: a contribuição de Florestan Fernandes. p. 13. 2015. Disponível em: <http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2015/08/F-Fernandes-Sobre-Folclore-D-Mazza1.pdf.> Acesso em: 20 jun. 2019.

quando o autor, no livro *A condição de sociólogo* (1977), declarou que "[...] a análise do folclore é uma análise de reconstrução histórica, quando se discriminam as fontes e se analisam tanto as fontes imediatas quanto as fontes remotas, e torna-se uma análise comparada focalizada sobre temas genéticos e a dinâmica da cultura."[121] Todavia, Florestan Fernandes já vinha alertando há algum tempo que os estudos de folclore pouco estavam contribuindo para a interpretação da realidade, visto que com uma série de dois artigos publicados no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, nas edições dos dias 01 e 04 de janeiro de 1957, intitulados "*Os estudos etnológicos e sociológicos do folclore em São Paulo*", o autor chegou a dizer que

> De um lado, o levantamento empírico sistemático dos dados deu lugar a um registro predominantemente simplificado das ocorrências folclóricas, quase sempre descritas apenas sob seus aspectos formais. De outro a análise folclórica propriamente dita, de caráter histórico ou comparativo, passou a ser subestimada ou negligenciada, sob o fundamento de que "trabalho de gabinete" não são essenciais ou podem ser atacados em qualquer momento.[122]

Essa é uma questão importante ao pensarmos sobre os usos requeridos, por parte de Florestan Fernandes, das fontes empíricas tal qual o folclore enquanto objeto de observação. O cientista social, ainda nesse mesmo texto, afirmou que via e entendia o folclore como um método de trabalho e não um como uma ciência objetiva autônoma[123], todavia destacamos que essa forma de entender o folclore já vinha sendo gestada desde os seus primeiros escritos sobre a questão folclórica, a título de exemplo citamos o texto *"O folclore como método",* de 1944 e também publicado no *O Estado de S. Paulo,* na tiragem do dia 14 de setembro.

O autor, com o artigo supracitado de 1957, defendia que "[...] a ideia de converter o folclore em ciência positiva autônoma trazia, consigo, limitações e dificuldades insuperáveis [...]"[124], pois, para Florestan Fernandes, a investigação folclórica poderia ser realizada em diversas outras áreas como, por exemplo, a História, a Psicologia, a Linguística etc. No artigo,

---

[121] FERNANDES. Florestan. **A condição de sociólogo**. Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC. 1977. p. 12.

[122] FERNANDES, Florestan. Os estudos folclóricos em São Paulo. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 94.

[123] Essa questão aparecerá de forma mais detalhada no "Capítulo 3" desta dissertação, mais precisamente no momento em que discutimos o texto "*Folclorista em confronto"* publicado no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo.*

[124] FERNANDES, Florestan. Os estudos folclóricos em São Paulo. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 101 - 102.

ele seguiu dizendo que as aspirações em tornar o folclore uma ciência positiva autônoma tinham por base assumir

> [...] o folclore como realidade objetiva que pode e deve ser investigado cientificamente. Mas levaram a uma conclusão falaciosa, pois o estudo científico não pode ser "unificado" - cada ciência social investiga o folclore de um ponto de vista próprio [...] não cabe ao folclore, como disciplina especial, reduzir os diferentes pontos de vista a um denominador comum. Pode se falar em "ciência do folclore" e em "estudo científico do folclore". Sob tais expressões, entretanto, subentende-se, apenas, que o folclore poderá ser objeto de investigação científica, não que o "folclore" constitua uma ciência positiva autônoma. [125]

Diante dessa negativa sobre a autonomia científica do folclore, Florestan Fernandes chegou a sugerir que os estudos desse gênero deveriam ser vistos pelas vias de um método de trabalho, pois assim seria possível acessar e compreender os significados dos fatos folclóricos na organização da dinâmica social. Para Florestan Fernandes conhecer pura e simplesmente os fatos folclóricos, por si só, não possibilitava apresentar resultados sobre a importância exercida pelo folclore na organização da sociedade.

Ainda diante dessa discussão, segundo o pesquisador Diogo Valença, Florestan Fernandes entendia que "[...] o folclore, como ponto de vista especial, só se justifica como disciplina humanística, na qual se poderão aproveitar os resultados das investigações científica sobre folclore ou técnicas e métodos científicos de levantamento e ordenação de materiais folclóricos."[126] À vista disso, quando analisado os anseios e as preocupações vocalizadas pelos folcloristas em comparação com as pretensões dos sociólogos paulistas, onde Florestan Fernandes surgiu como principal nome, se pode notar que existem pontos de divergência entre as partes. Para ratificar essa questão, ilustramos esse conflito com a desavença entre Edison Carneiro (1912 - 1972), importante nome dos estudos folclóricos brasileiro, por sua vez, especialmente ativo sobre as questões afro-brasileiras, e Florestan Fernandes. A polêmica entre Fernandes e Carneiro é bastante citada entre os estudiosos da obra de ambos autores, mas para entender essa questão é preciso entender as concepções de cada lado acerca do folclore.

---

[125] FERNANDES, Florestan. Os estudos folclóricos em São Paulo. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 103.

[126] COSTA, Diogo Valença de Azevedo. **Florestan Fernandes em questão**: um estudo sobre as interpretações de sua sociologia. 2004. (dissertação de mestrado) p. 20.

A posição assumida por Florestan Fernandes, a qual relatamos acima, andava na contramão dos intentos dos folcloristas, encabeçados principalmente por Edison Carneiro que, por sua vez, entendia que os estudos folclóricos tinham o potencial de se tornar uma disciplina autônoma. Vale relembrar, como vimos anteriormente, que os estudos de folclore não conseguiram se estabelecer autonomamente no interior das universidades brasileiras.

Porém, o descontentamento de Edison Carneiro para com Florestan Fernandes teve como motivo o fato de que o cientista social, segundo Diogo Valença, negava "[...] as pretensões do folclore constituir-se como uma "ciência positiva autônoma", ao afirmar que o fenômeno folclórico poderia ser estudado cientificamente, mas sob o ponto de vista de disciplinas científicas especializadas como a Sociologia, a Psicologia e Antropologia."[127] Com isso, a negativa de um dos mais promissores pesquisadores da Universidade de São Paulo foi entendida como um ataque à profissão dos folcloristas e a todo o movimento folclórico que se desenvolveu no contexto brasileiro.

Ora, o amplo movimento folclórico que havia conquistado relevante espaço na opinião pública e no apoio governamental se encontrava em meio a um impasse, visto que, apesar da alta capacidade de mobilização e organização, os estudos folclóricos se situavam em um espaço "secundário" e/ou "marginalizado" no processo de produção de pesquisas, justamente por não terem sido contemplados, formalmente, nos cursos universitários. Essa situação, naturalmente, viria a causar incômodos que foram expressados por Edison Carneiro.

No artigo "*A sociologia e as 'ambições' do folclore*", publicado originalmente na *Revista Brasiliense* de nº. 23 no ano de 1959, mas que também pode ser encontrado por meio do livro *Dinâmica do Folclore*[128], Edison Carneiro manifestou a sua divergência com a postura dos sociólogos paulistas perante o folclore. O folclorista dialogou mais especificamente com Florestan Fernandes e Roger Bastide, ainda que tenha citado também os trabalhos de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1918 - 2018) e Lavínia Costa Vilela.

Na referida publicação, Edison Carneiro expôs o sentimento de descontentamento ao julgar que os sociólogos paulistas reduziram o labor dos folcloristas ao trabalho de "[...]

---

[127] COSTA, Diogo Valença de Azevedo. **Florestan Fernandes em questão**: um estudo sobre as interpretações de sua sociologia. 2004. (dissertação de mestrado) p. 20.

[128] CARNEIRO, Edison. A sociologia e as 'ambições' do folclore. In: _____ **Dinâmica do folclore.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1965. 187p.

meros coletores de um rico material que somente os sociólogos (eles mesmo, evidentemente) estariam em condições de interpretar."[129] Em nossa opinião, Edison Carneiro com essa frase estava retomando um argumento utilizado por Florestan Fernandes no artigo "*Os estudos etnológicos e sociológicos em São Paulo*" de 1957, quando o sociólogo afirmou que havia "[...] a necessidade de observar-se e conhecer-se o folclore como uma dimensão psicocultural das condições de existência social" em condições onde "[...] em São Paulo, esse tipo de abordagem do folclore começou a ser explorado graças à renovação intelectual, produzida pela instalação de centros universitários de ensino das ciências sociais."[130] Na visão de Carneiro essa investida contra o folclore, embora este já tenha sido enquadrado em 1957 - durante o III Congresso de Folclore em Salvador - no campo das ciências socioculturais, era infundamentada e mostrava o desconhecimento dos acadêmicos paulistas sobre o trabalho dos folcloristas e o sobre próprio folclore.

A indignação, digamos assim, de Edison Carneiro se fundamentava na resistência de Florestan Fernandes em aceitar o caráter científico das pesquisas folclóricas, tendo, os sociólogos paulistas, reservado aos estudos de folclore a classificação de pertencer a um ramo humanístico do saber e não possuir as bases para se tornar uma disciplina científica autônoma. Edison Carneiro citou o artigo de 1944, *"O folclore como método",* aquele que mencionamos anteriormente, de Florestan Fernandes no qual o cientista social destacou que o folclore poderia contribuir ao conhecimento humano sendo "[...] menos uma ciência à parte que um método de pesquisa."[131] Além disso, para Florestan Fernandes embora os estudiosos do folclore tenham realizado um trabalho importante para o conhecimento, classificação, agrupamento etc., das manifestações folclóricas, esses "[...] não prestaram, até hoje, a atenção devida à contribuição da etnografia e da antropologia, deixando de empregar de modo sistemático, os diversos critérios e técnicas de trabalho que provaram sua eficiência na abordagem da cultura nessas disciplinas [...]."[132] Ou seja, Fernandes, ainda no início de sua

---

[129] CARNEIRO, Edison. A sociologia e as 'ambições' do folclore. In: _____ **Dinâmica do folclore.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1965. p. 68.
[130] FERNANDES, Florestan. Os estudos folclóricos em São Paulo. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 106 – *interpolação por minha conta*.
[131] FERNANDES, Florestan. O folclore como método. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 57.
[132] FERNANDES, Florestan. O folclore como método. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 59

carreira, entendia que as pesquisas folclóricas teriam muito a ganhar caso se vinculassem à etnografia e/ou antropologia, ou qualquer outra área das ciências humanas. Em 1956/1957, Florestan Fernandes vai chegar à conclusão de que "[...] o folclore oferece um campo ideal de investigação para os cientistas sociais [...]"[133], isto é, teria o potencial de servir como subsídio para formulações teóricas e científicas em outras áreas de conhecimento.

Como vimos, Edison Carneiro discordava da percepção de Florestan Fernandes sobre o lugar ocupado pelo folclore e sobre as potencialidades dos estudos de folclore. Em resposta às críticas de Edison Carneiro, Florestan Fernandes publicou, também no ano de 1959 e igualmente na *Revista Brasiliense*, o artigo "*Folclore e Ciências Sociais"*. Lá, o autor Fernandes buscou se defender dizendo que "[...] o que não pode perdurar são as confusões, que vêm transformando o folclore em disciplina híbrida [...]" e que, para ele, "[...] já é tempo de pôr fim seja à improvisação involuntária, seja a mistificação consciente, seja à falta de especialização apropriada nesse campo de estudos."[134] Nos parece que o autor com esse artigo buscava uma certa conciliação, ao dar a entender que a sua forma de encarar os estudos folclóricos não era uma tentativa de menosprezar o esforço dos folcloristas, mas sim a tentativa de instrumentalizar os trabalhos realizados por aqueles que se interessavam pelo folclore.

Apesar de ter existido uma divergência de opiniões entre Florestan Fernandes e Edison Carneiro sobre as pretensões dos estudos de folclore não nos parece correto dizer que havia uma investida dos sociólogos paulistas contra o folclore. Basta observar que em 1944 Florestan Fernandes se inscreveu ao concurso "Temas Brasileiros", promovido pelo Departamento de Cultura do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com o trabalho "*As "trocinhas" do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis."*[135]

Florestan Fernandes, ainda jovem pesquisador, venceu o concurso na seção de Ciências Sociais e posteriormente, em 1947, publicou esse mesmo trabalho na *Revista do*

---

[133] FERNANDES, Florestan. Os estudos folclóricos em São Paulo. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p.107

[134] FERNANDES, Florestan. Folclore e Ciências Sociais. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 4. - *Interpolação por minha conta*

[135] FERNANDES, Florestan. As "trocinhas" do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

Arquivo Municipal de São Paulo, sob o nº. CXIII com o prefácio escrito por Roger Bastide. Na primeira frase do prefácio, Roger Bastide mostrou-se um defensor do caráter científico do folclore ao dizer que o "[...] o folclore, durante tanto tempo abandonado aos amadores, seus únicos estudiosos, tornou-se hoje uma ciência, que tem suas regras, seus métodos, e que exigem de quem a estuda qualidades especiais."[136] Ora, Roger Bastide reconheceu que o folclore, enquanto área de estudo e sistematização de conhecimento, tinha condições de reivindicar as suas qualidades científicas.

Essa posição de Bastide era algo que estava em desencontro com o próprio entendimento de Florestan Fernandes sobre o assunto. Essa questão ficou evidente, quando da escrita do prefácio teórico do texto "*As "trocinhas" do Bom Retiro"* que, como já dissemos anteriormente, foi retirado do documento original e veiculado separadamente com o nome "*Sobre o folclore"*, por sua vez, publicado em 1945 na revista *Filosofia, Ciências e Letras.* A respeito dessa questão, nos parece relevante fazer um parêntese, pois a divergência de posição entre Roger Bastide e Florestan Fernandes justifica, segundo a hipótese de Luís Rodolfo da Paixão Vilhena, a opção de Fernandes em não publicar o documento na íntegra, precisamente para não contradizer o professor Bastide. No então prefácio teórico original, Florestan Fernandes apresentou a seguinte reflexão ao dizer que as pesquisas folclóricas eram utilizadas por diversos profissionais, tais como sociólogos, psicanalistas e historiadores "[...] os quais aproveitam o material recolhido e analisado pelos folcloristas ou os resultados de suas interpretações, para esclarecer problemas levantados em seus trabalhos, reforçando hipóteses ou abrindo-lhes novas perspectivas."[137] Florestan Fernandes citou, inclusive, *As regras do método sociológico* de Émile Durkheim (1858 - 1917) para justificar a não especificidade do folclore. Esse uso partilhado do folclore chegava, de acordo com o autor, "[...]a caracterizá-lo como processo e até como técnica de trabalho, no campo das ciências sociais [...]"[138] situação que, por sua vez, tendia a dar uma ampla significação ao folclore no qual a discussão sobre ser um método ou uma ciência perdia completamente a atualidade, visto que, para Florestan

---

[136] FERNANDES, Florestan. As "trocinhas" do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p.195.

[137] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 47.

[138] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 47.

Fernandes, "método ou ciência [...] a importância do folclore jamais poderia advir de sua conceituação e sua situação nos quadros dos conhecimentos científicos, mas da contribuição concreta que ele representa."[139] O que nos parece é que Florestan Fernandes desejava superar esse debate e concentrar forças e atenções às questões urgentes que o folclore podia, naquele momento, colocar em relevo sobre a realidade social objetiva, apesar disso, o próprio autor chegou à conclusão de que o folclore se tratava de uma disciplina humanística.

Já a posição de Maria Isaura Pereira de Queiroz, também citada por Edison Carneiro, se mostrava um tanto quanto mais dura para com os esforços realizados pelos folcloristas. No livro *Sociologia e Folclore,* publicado em 1958, a autora argumentou que os estudos folclóricos, até então realizados no Brasil, careciam de uma formação profissionalizada, uma vez que os cursos de Ciências Sociais foram criados tardiamente. Para Maria Isaura "[...] a formação especializada é uma das primeiras condições para a realização de qualquer trabalho de maneira objetiva e eficiente. Sendo o fato folclórico um fato social, cumpre examiná-lo também sob esse aspecto, e para tal é necessária uma formação sociológica."[140] Portanto, a autora acreditava que o folclore deveria ser analisado sob a égide da formação científica e, mais precisamente, sociológica.

Com essa breve reflexão acerca dos posicionamentos sobre o folclore pudemos constatar, portanto, que as opiniões dos cientistas sociais, por vezes, não eram tão similares tal qual Edison Carneiro propunha, embora em alguns momentos Florestan Fernandes e seus colegas acadêmicos tenham sido mais enfáticos - ou mais simpáticos - ao determinar as potencialidades científicas ou, melhor dizendo, as não potencialidades científicas do folclore. Para os efeitos desta dissertação, cabe entender que aquele momento histórico era muito fértil para debates e defesas das particularidades profissionais tantos dos cientistas sociais quanto dos folcloristas, e muito mais, porque cabia antes ao folclore a primazia de uma determinada explicação da realidade brasileira, e que a Sociologia nascente no país não podia ignorar este fato social, tornado agora por Florestan Fernandes um objeto sociológico.[141]

---

[139] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 48.

[140] QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Sociologia e folclore**: a dança de São Gonçalo num povoado bahiano. Salvador, BA: Progresso: Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, 1958. p.13.

[141] Conforme mencionado na introdução, a armação deste problema deve-se à leitura de Wolf Lepenies que nos alertou para o processo de transformação envolvendo a Sociologia que, por sua vez, buscava inaugurar um olhar

Diante disso, vale dizer que essa "disputa" entre os folcloristas e os sociólogos se mostrou uma questão bastante interessante, justamente porque nos permitiu compreender melhor parte da obra de Florestan Fernandes. Ainda que o folclore tenha ocupado posição menos privilegiada, em termos dos temas centrais no todo da obra do sociólogo, foi possível perceber que a preocupação com o folclore se revelava também como um período de amadurecimento intelectual do próprio autor enquanto pesquisador das Ciências Sociais, ocupado com determinados objetos carentes de explicação sociológica. Precisamente, são nesses momentos que Florestan Fernandes passou a iniciar de fato o trabalho de campo que veio a se configurar como uma fonte para o esclarecimento de certos problemas da realidade brasileira.

Entretanto, é importante enfatizar algumas conexões que, em nossa interpretação, afetaram os interesses de Florestan Fernandes ao observar o folclore brasileiro. No item seguinte, buscamos discutir o quanto a figura de Roger Bastide e fascínio de Florestan Fernandes na observância do processo de mudanças sociais são pontos chave para compreender a Sociologia produzida pelo cientista social brasileiro.

1. 4 Florestan Fernandes: a influência de Roger Bastide e a busca pela compreensão dos efeitos da modernização

Como já mencionado em outros momentos ao longo deste capítulo, Florestan Fernandes foi um homem de seu tempo. Isso significa assumir que o ofício de um estudante/pesquisador de Sociologia nas décadas de 1940 e 1950 estava copiosamente vinculado às questões pertinentes àquele período. Além do mais, é importante destacar, que se soma a essa característica as condições objetivas e materiais de um sujeito advindo das classes populares que, naturalmente, precisava se dedicar a temas que estavam na ordem do dia e que, de alguma forma, lhe rendesse possibilidades de publicações, financiamento para pesquisas etc., elementos que configuram a profissão de um cientista social.

---

diferente sobre os temas já consolidados em outras áreas de estudo, algo que no contexto brasileiro não foi diferente tal como podemos observar ao analisar o folclore na obra de Florestan Fernandes

Além dessas questões nos parece interessante investigar outras conexões que possam ter motivado as pesquisas folclóricas de Florestan Fernandes. Nesse sentido, acreditamos que a figura de Roger Bastide tenha exercido influência significativa na trajetória do cientista social, sobretudo no que se refere ao seu interesse pelas questões culturais, onde os estudos sobre a cultura *folk* se localizam. Ora, Roger Bastide era o principal referencial das Ciências Sociais paulista, basta lembrar que ele ocupava a Cadeira de Sociologia I na Universidade de São Paulo, ou seja, as pesquisas desenvolvidas no interior da universidade tinham muito que ver com as inquietações que moviam o interesse sociológico de Roger Bastide. Inclusive, Florestan Fernandes ao falar, no texto "*Os estudos etnológicos e sociológicos do folclore em São Paulo*", sobre as pesquisas folclóricas que estavam sendo realizadas no Brasil, destacou a figura de Roger Bastide que era, para ele,

> [...] o grande estimulador de quase todos esses estudos, sugere-nos como explorar o folclore na investigação da sociedade brasileira: seja na análise das origens e evoluções das instituições mágico-religiosas afro-brasileiras; seja na interpretação das influências dinâmicas - de natureza geográfica, econômica, psicocultural ou social - que permitem esclarecer as transformações do folclore europeu no Brasil e sua fusão com outros folclores, nativos ou africanos.[142]

Nesse sentido, essa influência e, em alguma medida, parceria entre os autores é um tema bastante comentado pelos estudiosos de ambos cientistas sociais, especialmente por aqueles que investigam a importância de Roger Bastide para o desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil e é um tema que foi citado, inclusive, pelo próprio Florestan Fernandes que chegou a dizer que o professor francês teve "[...] importância para mim nos termos diretos e restritos da formação do especialista."[143] A respeito da importância do cientista francês, cabe mencionar o trabalho desenvolvido por Maria Lúcia de Santana Braga que investigou a recepção de Roger Bastide no Brasil, especialmente no que se referia à influência, por ele exercida, na sociologia produzida por seus alunos e/ou orientandos: Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza, Maria Isaura Pereira de Queiroz e, por fim, Florestan Fernandes.[144] Apenas

---

[142] FERNANDES, Florestan. Os estudos folclóricos em São Paulo. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 112.

[143] FERNANDES. Florestan. **A condição de sociólogo**. Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC. 1977. p. 32.

[144] Ver: BRAGA, Maria Lúcia de Santana. A recepção do pensamento de Roger Bastide no Brasil. **Sociedade e estado**, v. 15, n. 2, p. 331-360, 2000.

para ilustrar a importância de Roger Bastide nas pesquisas sobre as manifestações culturais, populares ou não, cabe citar a pesquisa desenvolvida por Antonio Candido sobre a dança caipira paulista chamada "Cururu", que mais tarde resultou no livro *Os parceiros do rio bonito* (1954)[145]; a tese desenvolvida por Gilda de Mello e Souza sobre *A moda no século XIX* (1950)[146]; e o interesse de Maria Isaura pelo folclore e também pela religião que se materializaram, respectivamente, nos livros *Sociologia e folclore: a dança de São Gonçalo num povoado baiano* e *O messianismo no Brasil e no mundo.*[147]

A respeito da primeira aproximação entre Roger Bastide e Florestan Fernandes, é relevante recorrer às próprias memórias do sociólogo brasileiro. No texto "*Em busca de uma sociologia crítica e militante*", Florestan Fernandes declarou que "[...] com o professor Bastide os contatos foram mais lentos e, na verdade, provocados por mim."[148] Isso é interessante, especialmente porque esse contato inicial foi estabelecido tendo o folclore como principal tema de interesse comum. Inclusive apontamos, no "item 1.1.", que o folclore foi o primeiro tema de pesquisa que interessou ao autor aqui estudado. Sobre essa primeira imersão no tema, Florestan Fernandes chegou a mencionar a disciplina oferecida por Roger Bastide, entretanto ministrada por sua assistente Lavínia da Costa Vilela. Durante a disciplina cursada, Florestan Fernandes fez uma monografia sobre o folclore paulistano em condições onde, segundo o autor,

> A bagagem intelectual era deficiente, pois a professora Lavínia da Costa Vilela se limitara a nos introduzir em alguns conceitos básicos de Sebillot e de Santyves. Não obstante, graças às aulas do próprio Bastide, eu já estava lendo Durkheim e Mauss e me sentia capaz de projetar o folclore no "meio social interno". Dadas as minhas origens de autodidata, foi-me muito fácil trabalhar uma ampla bibliografia, existente na Biblioteca Municipal, na Biblioteca Central da Faculdade [...] e na Biblioteca da Faculdade de Direito. Em função da minha experiência de vida tão recente, sabia onde coligir os dados e como. Por conseguinte, fiz um levantamento e uma análise que estava acima do se poderia esperar de um trabalho de aproveitamento e, em particular, de um estudante do primeiro ano. Todavia, depois de um duro esforço, pretendia pelo menos uma compensação psicológica. Ela não veio. A professora

[145] Ver: CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre Azul, 2010.
[146] Ver: SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras. 1978.
[147] Ver: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Sociologia e folclore**: a dança de São Gonçalo num povoado bahiano. Salvador, BA: Progresso: Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, 1958.; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo, SP: Dominus: Edusp, 1965.
[148] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 161.

> Lavínia me deu nove e, como eu insistisse em um debate crítico, adiantou a opinião com a qual não concordei, de que eu fora longe demais no tratamento sociológico do folclore. Esperei a volta do professor Bastide e exigi dele uma definição: não me importava a nota, queria uma crítica séria do trabalho. Ele ficou surpreso. "Como existe uma monografia sobre o folclore de São Paulo? Ela me interessa muito". Entreguei-lhe o trabalho dias depois. Não se passou muito tempo e ele me convidou a ir à sua casa. Disse-me que estava disposto a corrigir a nota, que ele julgava injusta (o que recusei) e fez comentários preciosos sobre a interpretação sociológica dos dados, demonstrando que eu tomara uma pista correta e que ela podia ser explorada de modo ainda mais amplo.[149]

Algumas interpretações podemos tirar do relato de Florestan Fernandes. Uma delas é a de que as leituras sugeridas por Roger Bastide abriram o caminho para que Fernandes tivesse uma percepção de que o folclore precisava ser investigado *pari passu* com o meio social, ou seja, o folclore não deveria ser investigado por diletantismo em conhecer as manifestações *folk*, mas sim para compreender a sua importância e os seus significados no decorrer da vida social. Para matizar essa maneira de encarar o folclore é relevante citar o sociólogo Bastide (1959) que apontava para o fato de que "[...] o folclore não flutua no ar, só existe encarnado numa sociedade, e estudá-lo sem levar em conta essa sociedade é condenar-se a apreeender-lhe apenas a superfície."[150] Além disso, ainda a respeito da declaração de Florestan Fernandes, nos foi possível interpretar que os comentários de Roger Bastide o alertaram sobre a potência do folclore como fonte para a interpretação sociológica da vida social, se pudermos utilizar a expressão de Auerbach é como se Bastide compreendesse a "força de irradiação" que os estudos sobre a cultura *folk* poderiam proporcionar no processo de compreensão social.

Ainda diante desse caso que aproximou os sociólogos, é importante mencionar que a partir desse momento Bastide mostrou-se interessado no trabalho e na figura de Florestan Fernandes. Foi ele quem inseriu Florestan Fernandes na carreira de escritor público, visto que o indicou e o apresentou aos diretores dos jornais e revistas da época, algo que discutiremos melhor no "Capítulo 3" desta dissertação. Florestan Fernandes, chegou a declarar que "Bastide tornou-se, daí em diante, o meu principal professor e um dos meus melhores

---

[149] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 161.
[150] BASTIDE, Roger. **Sociologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Anhambi, 1959. p. 7.

amigos."[151] E ainda de acordo com Fernandes, em entrevista concedida a Maria Lúcia de Santana Braga em maio de 1994, "[...] logo de início a sorte me ajudou e Bastide está no centro disso tudo porque ele foi o professor que abriu as portas para esse vasto desdobramento de ocorrências que seriam inexistentes sem a colaboração dele."[152]

Aqui, entendemos que é preciso pensar a contribuição de Roger Bastide em relação a Florestan Fernandes em dois sentidos, um no sentido profissional e outro no sentido pessoal. Isso porque embora Florestan Fernandes tenha reconhecido a importância de Roger Bastide como alguém que lhe abriu as primeiras portas e que tenha se tornado um amigo, nos interessa sobretudo comentar a influência de Bastide na produção sociológica de Fernandes e vice-e-versa. Para Fernanda A. Peixoto,

> Bastide pensou e escreveu sobre o Brasil à medida que o foi conhecendo. Na crítica de jornal, nas aulas na universidade, nas viagens, nos terreiros de candomblé, nas galerias de arte, nas literaturas e nas conversas, foi construindo e reconstruindo pontos de vista sobre o país, fazendo e refazendo perspectivas de análise.[153]

Com isso, as pesquisas de Roger Bastide tiveram a arte e a cultura brasileiras como objetos primordiais, onde se destacavam as pesquisas que visavam conhecer a autenticidade da cultura brasileira, ou seja, um país de origem colonial que impunha ao cientista a necessidade de aprofundar as análises nas influências dos grupos étnicos formadores. Para Peixoto, um dos temas teóricos principais contidos na produção Roger Bastide diz respeito à relação entre cultura e estrutura social.[154] Com vistas a essa questão, Fernanda A. Peixoto nos alertou para o fato de que "[...] o folclore, o barroco e a literatura permitem a Bastide olhar para o país a partir da trama sincrética, isto é, da concorrência desigual entre os dois sistemas culturais: o branco/europeu [...] e o negro que luta para ferir a camada dominante e impor os seus valores."[155] Desse interesse é que se desdobrou as pesquisas sobre as relações raciais existentes no contexto brasileiro que, por sua vez, ganhou fôlego e financiamento a partir da

---

[151] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: _____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 162.
[152] BRAGA, Maria Lúcia de Santana. A recepção do pensamento de Roger Bastide no Brasil. **Sociedade e estado**, v. 15, n. 2, p. 331-360, 2000. p. 345.
[153] PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos brasileiros**: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 17.
[154] PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos brasileiros**: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 174.
[155] PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos brasileiros**: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 75.

década de 1950 com o Projeto Unesco. A parceria acadêmica[156] entre Florestan Fernandes e Roger Bastide no desenvolvimento do projeto veio a estreitar ainda mais os laços entre eles, apesar de algumas discordâncias interpretativas sobre a situação do negro no contexto brasileiro.[157]

Para uma compreensão da relação estabelecida entre Florestan Fernandes e Roger Bastide, é proveitoso observar a declaração de Gilda de Mello e Souza que em depoimento concedido à Maria Lúcia de Santana Braga, em maio de 1994, afirmou que "Florestan foi mais um colaborador. Eles fizeram vários trabalhos juntos, coisa que eu nunca fiz. Eu não. Eu fui uma discípula mesmo dele sobretudo no momento em que fiz a minha tese."[158] Essa declaração nos abriu caminho para a discussão sobre a influência de Bastide, no sentido de entender de que tipo seria essa influência. A partir dos depoimentos colhidos por Maria L. S. Braga a mesma também chegou à conclusão de que a relação entre Roger Bastide e Florestan

---

[156] Há, inclusive, um caso curioso a respeito da pesquisa desenvolvida por Bastide e Fernandes. Florestan Fernandes relatou esse episódio em depoimento concedido à Mariza Corrêa da seguinte forma: "Eu estava trabalhando com os Tupinambá e não tinha tempo para me envolver em um projeto que caía abruptamente do céu. Respondi até com uma certa má-criação ao professor Bastide quando ele me convidou para dividir com ele a responsabilidade da pesquisa sociológica sobre relações raciais na cidade de São Paulo. [...] Eu lhe devia muito, quase tudo, desde os bancos escolares, mas mantive-me firme na recusa, porque estava empenhado com afinco na elaboração da tese para doutoramento. O que fez Bastide me convencer? Ele foi à sala na qual eu trabalhava para insistir de novo e eu fui peremptório: "Não, de jeito nenhum! O senhor não me convence". Aí ele foi saindo, já ia fechar a porta, quando meteu a cabecinha entre o vão e me disse: "Professor, eu colho todo o material. O senhor só trabalha nos dados. O senhor aceita?" Eu confesso que então chorei. Foi uma emoção forte demais. Aquele homem, do qual eu tinha sido aluno quatro anos, que fizera tudo por mim, de repente faz isso, exige a minha colaboração, levando a sua dedicação a esse ponto. Ele faria tudo e eu só teria de trabalhar na fase de interpretação. Então eu me levantei e anuí: "Bom, o senhor venceu. Eu faço a pesquisa com o senhor". Ver: FERNANDES, Florestan. **Florestan Fernandes**: Esboço de uma trajetória. Depoimento concedido ao Projeto História da Antropologia no Brasil, coordenado por Mariza Corrêa na UNICAMP. BIB. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995. p. 19 - 20.

[157] A respeito das divergências entre os autores no que se refere à situação do negro diante do dilema racial brasileiro, é interessante recorrer ao artigo escrito por Eliane Veras Soares, Maria Lúcia de Santana Braga e Diogo Valença de Azevedo Costa e próprio trabalho de Fernanda A. Peixoto. Todavia, é importante mencionar que o próprio Florestan Fernandes reconhecia existência de divergências entre eles antes mesmo de iniciar a pesquisa, isso fica patente em *Florestan Fernandes: Esboço de uma trajetória* (1995), texto o qual pudemos conhecer através da leitura do livro de Fernanda A. Peixoto. Vale citar o trecho em que Florestan Fernandes discorre sobre o assunto: "Elaborei o projeto de pesquisa com vistas a acertar os ponteiros, já que muita coisa ele via de um jeito e eu via de outro. Elaborando o projeto tornava-se possível unificar as nossas perspectivas." Ver: FERNANDES, Florestan. **Florestan Fernandes**: Esboço de uma trajetória. Depoimento concedido ao Projeto História da Antropologia no Brasil, Coordenado por Mariza Corrêa na UNICAMP. BIB. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995. p. 20.; e, também, SOARES, Eliane Veras; BRAGA, Maria Lúcia de Santana; COSTA, Diogo Valença de Azevedo. O dilema racial brasileiro: de Roger Bastide a Florestan Fernandes ou da explicação teórica à proposição política. **Sociedade e Cultura**, v. 5, n. 1, 2002.; PEIXOTO, Fernanda Arêas. Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.;

[158] BRAGA, Maria Lúcia de Santana. A recepção do pensamento de Roger Bastide no Brasil. **Sociedade e estado**, v. 15, n. 2, p. 331-360, 2000. p. 334.

Fernandes, assim como a relação entre Bastide e Candido, tratava-se mais de uma colaboração entre os sociólogos do que de uma relação entre mestre e discípulo, tal como existia entre Bastide e as suas duas outras orientandas.

Apesar da relação de parceria acadêmica e intelectual entre Bastide e Fernandes, nos parece conveniente observar a influência de Roger Bastide sob outra perspectiva. Tal como apontamos anteriormente, as pesquisas realizadas por Bastide no Brasil foram marcadas por uma busca inconteste da particularidade brasileira onde os estudos sobre a cultura ocupavam espaço basilar. Podemos citar, como exemplo, as pesquisas do sociólogo francês sobre as religiões afro-brasileiras que permitiram a ele verificar, segundo Peixoto, que essas "[...] talvez sejam as únicas manifestações culturais capazes de inverter o sentido de acomodação das camadas que compõe a totalidade sincrética: aí, a contribuição negra é a base, o solo fundamental."[159] Ou seja, ao olhar para a religião, Roger Bastide pôde compreender as influências africanas no Brasil.

Sob esse viés e essa forma de Bastide produzir ciência no Brasil, a nossa hipótese é a de que, em alguma medida, Florestan Fernandes tenha sido influenciado por esse modo de encarar as questões da sociedade. Ora, o interesse de Roger Bastide ao olhar para as religiões afro-brasileira era acessar uma questão ainda mais ampla que, por seu turno, o permitiu compreender o legado cultural negro e a sua respectiva influência na cultura brasileira. À vista disso, nos coube perguntar se o folclore, pesquisado por Florestan Fernandes, também o auxiliou a compreender questões mais profundas e amplas da sociedade brasileira, lembrando que as pesquisas folclóricas realizadas por Florestan Fernandes foram incentivadas e elogiadas por Roger Bastide. Apesar disso, apenas para ilustrar, vale dizer que os respectivos olhares dos sociólogos para a questão folclórica se apresentavam de forma distinta. Para Roger Bastide o folclore serviu de subsídio para as reflexões sobre a herança cultural brasileira, ele buscava compreender as influências culturais de cada grupo étnico formador. Já para Florestan Fernandes o folclore serviu como objeto que por sua natureza lançava luzes sobre as questões pertencentes àquela época que envolviam a coexistência entre o que era considerado "velho" e do que era "novo". Luís Rodolfo da P. Vilhena resumiu essa diferença

[159] PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos brasileiros**: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 75.

da seguinte forma: "[...] Bastide observa o folclore brasileiro tendo como parâmetro um passado neolítico, Fernandes enfatiza o futuro."[160] Ou seja, as pesquisas empreendidas por ambos autores se complementavam e, sendo assim, interessava um ao outro, tal como verificamos.

Aqui, acreditamos que haja um ponto crucial para se pensar o folclore, embora não apenas o folclore, em Florestan Fernandes. Em nossa interpretação as andanças dele pelo domínio da cultura *folk* o ajudava a compreender as transformações sociais em curso naquele momento. Devemos lembrar que o processo de modernização e de mudança social é um tópico capital nas pesquisas realizadas pelo sociólogo brasileiro[161], visto que há diversas publicações do autor tendo essa temática como assunto principal.[162] Sendo assim, entendemos que o folclore ajudou Florestan Fernandes a compreender alguns dos aspectos e/ou fatos que fugiam do processo modernizador, pois as manifestações folclóricas encontravam-se, àquela época, ainda presentes na vida social ao mesmo tempo que a modernização se fazia sentir em maior intensidade. Ao discutir a importância da mudança social como objeto de estudo para os sociólogos, Florestan Fernandes chegou a reconhecer que

> Mesmo uma sociedade tida como "estagnada" só pode sobreviver absorvendo pressões do ambiente físico ou de sua composição interna, as quais redundam e requerem adaptações sociodinâmicas que significam, sempre, alguma mudança incessante, embora esta seja com frequência pouco visível.[163]

Ou seja, a pressão imperiosa da mudança social era, de acordo com Florestan Fernandes, um fato que precisava ser investigado pelos cientistas sociais, pois as referidas mudanças sociais produziam efeitos na forma de organização da sociedade, visto que "[...] o fluxo de mudança social trazia em seu bojo novas formas de organização institucional das atividades econômicas, socioculturais e políticas [...]."[164] Nesse sentido, as investigações folclóricas se tornavam relevantes, visto que a sua existência e/ou resistência em uma cidade

---

[160] VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. 2017. (Tese de doutorado). p. 197 - 198.

[161] Para Fernanda A. Peixoto, o tema da modernização também é uma questão relevante nas análises sociológicas produzidas por Roger Bastide.

[162] Ver: FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. 4ª Ed. rev. - São Paulo: Global, 2008.; FERNANDES, Florestan. **A sociologia numa era de revolução social**. São Paulo, Editora Nacional. 1963.; FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

[163] FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. 4ª Ed. rev. - São Paulo: Global, 2008. p. 32.

[164] FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. 4ª Ed. rev. - São Paulo: Global, 2008. p. 48.

tal qual São Paulo, mas não só no contexto paulista e paulistano, possibilitavam ao cientista social compreender algumas características das mudanças sociais em curso.

Com isso, entendemos que embora a mudança social e/ou a modernização estivessem ocorrendo naquela época, o próprio sociólogo - figura central deste trabalho - buscava, em seus escritos, avaliar e compreender os sentidos daquelas transformações na sociedade brasileira.[165] O autor, ao perceber a forma como o desenvolvimento se dava nas diversas regiões do país, entendeu que os rumos desencadeados pela modernização não passavam de uma ilusão de progresso. Contudo, essa ilusão não era capaz de eliminar os efeitos desse processo. Segundo o próprio Florestan Fernandes "[...] nós nos modernizamos por fora e com frequência nem o verniz aguenta o menor arranhão. É uma modernização postiça [...]."[166] Isso nos leva a entender que embora a modernização naquele momento se apresentasse como algo natural, os traços profundos da sociedade ainda resistiam de alguma forma, a cultura *folk* era um desses traços. Ou seja, a pergunta que se apresentava era: quais os sentidos dessa modernização que conserva em si elementos do passado? O que haveria por detrás dessa dinâmica que conserva mudança social e cultura tradicional?

Aqui, tendemos a concordar com Fernanda A. Peixoto que chamou a atenção para o fato de que o interesse de Florestan Fernandes pelo folclore "[...] não se confunde com o olhar para o passado. Ao contrário, trata-se de analisar no presente as imbricações que se estabelecem entre os diferentes "tempos", sociais e culturais, para projetar os contornos da sociedade brasileira moderna, de corte burguês."[167] Sendo assim, o folclore em fragmentação se tornou, para ele, uma fonte privilegiada para se compreender os ritmos e os efeitos da mudança social, na medida em que se pôde compreender aquilo que permanecia e aquilo que

---

[165] Cabe dizer que esse não é um tema exclusivo da Sociologia produzida por Florestan Fernandes, visto que é um tema clássico do pensamento social brasileiro e que mobilizou outros importantes intérpretes sociais cada um com seus pontos de vistas, tal como Sérgio Buarque de Holanda, Roberto Schwarz, Antonio Candido, entre outros. Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000. 220 p.; SCHWARZ, Roberto. Fim de século. In: _____ **Sequências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp.155-162.; CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria história literária. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Academia Brasileira de Letras: Ouro sobre Azul, 2010. 201 p.

[166] FERNANDES, Florestan. Reflexões sobre a mudança social no Brasil. In: _____ **A sociologia numa era de revolução social**. São Paulo, Editora Nacional. 1963. p. 204.

[167] PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos brasileiros**: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 173.

se perdia nessa nova forma de organizar a sociedade que, é bom pontuar, em um espaço curto de tempo deixou de ser predominantemente rural para se tornar urbana.

Alguns desses efeitos buscamos explorar no "Capítulo 2" desta dissertação ao discutirmos os entendimentos de Florestan Fernandes sobre a cultura, a sociedade e a educação, pois entendemos que o autor ao mesmo tempo em que olhava para as manifestações folclóricas verificava os fluxos e os refluxos da modernização. Ou seja, o processo modernizador era, em sua natureza, um processo que conservava em si a ambiguidade entre os grupos que, como vimos no "item 1. 2.", acessavam de maneira desigual os resultados das transformações sociais.

Mas é importante não nos esquecermos de que, em parte, os estudos sobre folclore emergiram desse recente momento experimentado pela população brasileira, sobretudo pela cidade de São Paulo. Sobre isso, inclusive, Florestan Fernandes chegou a dizer que "[...] a cidade de São Paulo reproduz, na atualidade, o futuro provável de outras comunidades brasileira em urbanização e em industrialização."[168] Naquele momento os estudos folclóricos eram vistos e entendidos como uma ferramenta para se reconhecer a cultura popular brasileira que, por sua vez, parecia estar se esvaindo. Nesse sentido, a transformação social permitiu o folclore florescer, de acordo Florestan Fernandes, "[...] como uma reação à posição acadêmica que encerrou a investigação científica dos fenômenos humanos ao estudo do branco, adulto, normal e culto."[169] Isso significa que o folclore, como estudo, inaugurou um novo olhar, ou melhor, os estudos de folclore apresentaram um outro objeto de pesquisa que colocava em evidência a cultura, as tradições e os costumes daqueles que até então não eram de interesse para a investigação social, justamente porque a sociedade não apresentava fissuras socioculturais tal como aparentava apresentar com a nova organização social pautada pela modernização.

Dessa forma, entendemos que Florestan Fernandes ao perseguir os caminhos das mudanças sociais brasileiras se deparou com o folclore como sendo uma fonte privilegiada para se pensar essas transformações, justamente por poder compreender essa relação entre passado, presente e futuro.

---

[168] FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. 4ª Ed. rev. - São Paulo: Global, 2008. p. 21.
[169] FERNANDES, Florestan. Amadeu Amaral e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 142.

CAPÍTULO 2 - Florestan Fernandes e a relação do folclore com a cultura, a sociedade e a educação

Já vimos, no capítulo anterior, que as reflexões de Florestan Fernandes sobre o folclore estavam localizadas em um tempo histórico e que, além disso, o autor não era adepto da ideia de que o folclore poderia pleitear o cargo de uma disciplina científica autônoma. Discutimos também quanto o folclore como objeto de estudo pôde ser uma ferramenta para a compreensão dos ritmos e dos efeitos da modernização que àquela época estava em curso. Neste momento da dissertação nos dedicamos a compreender qual era o papel que Florestan Fernandes atribuía ao folclore. Para nós, é preciso entender quais os efeitos das manifestações folclóricas na vida em sociedade, segundo o ponto de vista do autor.

Como já indicamos em outros momentos, buscamos averiguar, a partir da análise de seus escritos sobre a temática do folclore, quais as concepções de cultura, educação e sociedade que Florestan Fernandes formulou durante os vinte anos em que discutiu o folclore [170]. Fizemos isso indicando a ordem cronológica das publicações do autor para verificar as possíveis mudanças conceituais, embora nem sempre a exposição tenha seguido essa ordem, visto que Florestan Fernandes não seguiu uma linearidade temática em seus textos. Para além disso, é necessário destacar que nem todos os textos sobre o folclore escritos pelo sociólogo nos auxiliaram neste objetivo, isso porque os temas abordados por ele são diversos e, por vezes, escapam ou não dialogam dos objetivos aqui propostos.[171]

Dessa forma, organizamos nossa exposição com vistas a alcançar os nossos objetivos de forma separada: expusemos primeiramente a concepção que Florestan Fernandes nutria sobre a cultura; posteriormente discutimos a concepção do autor acerca da sociedade sob a luz do folclore e, por fim, nos dedicamos a compreender a relação entre educação e folclore em Florestan Fernandes. Apesar disso, é importante destacar o fato de que vimos, ao longo da exposição, que esses assuntos se misturavam e se interligavam, visto que para a Sociologia de

[170] Segundo José César Gnacarini, ao se analisar a importância do folclore no conjunto da obra de Florestan Fernandes é possível verificar que nesses estudos apresentam-se questões que permeiam a completude da obra do autor. Ver: GNACARINI, José César. Folclore e sociologia. In: D'INCAO, Maria Ângela (Ed.). **O saber militante**: Ensaios sobre Florestan Fernandes. São Paulo/Rio de Janeiro, Unesp/Paz e Terra, 1987.

[171] Vale citar, mais uma vez, o apêndice desta dissertação no qual o leitor pode verificar variedade de temas e a quantidade de textos elaborados por Florestan Fernandes.

Florestan Fernandes a compreensão da realidade exigia uma análise total da mesma. É importante lembrar, também, que entendemos que nas análises do autor o folclore pode ser considerado uma chave explicativa da qual acreditamos que é possível apreender os sentidos de cultura, sociedade e educação para o autor. Sendo assim, os textos em que o Florestan Fernandes analisou o folclore foram, portanto, o nosso ponto de partida[172] para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa.

Todavia, antes de nos dedicarmos especificamente a essa tarefa, cabe aqui reforçar uma definição importante a respeito do folclore nas interpretações de Florestan Fernandes e dos estudiosos do folclore. Tanto para o autor, aqui estudado, quanto para os folcloristas de profissão, o folclore tinha um duplo caráter, uma vez que podia ser entendido tanto como uma expressão/manifestação cultural, ou seja, uma realidade cultural viva, quanto uma tentativa de sistematização do conhecimento. Declarações do autor sobre essa assertiva podem ser encontradas em diferentes artigos e momentos da produção de Florestan Fernandes, tais como "*A burguesia, o "progresso" e o folclore*" (1944), "*O folclore como método*" (1944), "*Sobre o folclore*" (1945), "*Amadeu Amaral e o folclore brasileiro*" (1948), "*Os estudos folclóricos em São Paulo*" (1956), "*Os estudos etnológicos e sociológicos do folclore em São Paulo*" (1957), "*O objeto e o campo do folclore*" (1958) e "*Folclore e Ciências Sociais*" (1959).

Então, para acessar as concepções e os sentidos que o sociólogo propôs ao folclore nos dedicamos a analisar os trechos dos textos/artigos em que o autor buscou discutir propriamente os efeitos (ou os possíveis efeitos) das manifestações folclóricas no processo de organização da vida social, sobretudo em um momento de acelerado processo de modernização.

2. 1 Florestan Fernandes: a relação entre o folclore e a cultura

Perante o exposto, cabe uma primeira reflexão necessária e que, ao nosso ver, é essencial para que se pense a relação entre o folclore e a cultura na obra de Florestan Fernandes. Ora, ainda nos primeiros textos do autor nos quais o folclore foi tema central, no

[172] Mais uma vez, ressaltamos que essa é uma expressão e uma sugestão metodológica de Erich Auerbach.

início da década de 1940, uma preocupação de Florestan Fernandes logo se evidenciou, principalmente no que dizia respeito a discutir as condições em que surgiram os estudos folclóricos, tal qual apontamos anteriormente. Todavia, um outro elemento que nos salta aos olhos, ao consultar esses primeiros artigos, diz respeito à tentativa do autor de localizar em que medida os estudos folclóricos poderiam contribuir para a compreensão da realidade social.

Para ilustrar essa busca de Florestan Fernandes, é interessante recorrer ao artigo "*Sobre o folclore*" de 1945, o qual já mencionamos em outros momentos desta dissertação. Nesse artigo, Florestan Fernandes apresentou os primeiros indícios sobre o quanto eram importantes os estudos que tinham o folclore como objeto de pesquisa. Isso porque, para ele,

> Os fatos apresentados e caracterizados como folclóricos estão compreendidos numa ordem de fenômenos mais ampla - a cultura - e podem ser estudados como aspectos particulares da cultura de uma sociedade [...]. Os fatos folclóricos não passam de um aspecto da cultura totalmente considerada e são fatos que se referem a modalidades diferentes dessa cultura e, por conseguinte, só podem ser explicados a partir dessa mesma cultura[173].

Vale dizer, que essa forma de encarar os estudos de folclore foi reafirmada pelo autor durante a década de 1950, pois no texto "*Os estudos folclóricos em São Paulo*" o autor fez uma autorreferência de seu próprio artigo de 1945. Com isso, compreendemos que a leitura feita por Florestan Fernandes sobre o folclore o permitiu chegar à conclusão de que por meio do estudo sobre as manifestações folclóricas era possível acessar aspectos da cultura de uma determinada sociedade. O que então justificaria, na opinião de Fernandes, a diferença entre o folclore e a cultura? Na nota de rodapé número um do artigo "*Sobre o folclore"*, Florestan Fernandes apresentou uma reflexão, relevante para nós, acerca dessa questão e que reproduzimos aqui para elucidar as diferenças, segundo o autor, entre o folclore e a cultura:

> Para os autores da época e ainda para alguns folcloristas contemporâneos o termo *cultura* significaria o patrimônio cultural das classes mais elevadas; e seria, caracteristicamente, uma cultura transmitida por meios escritos, compreendendo todos os conhecimentos científicos, as artes em geral e a religião oficial. O termo *folclore* significaria e abrangeria, pois, todos os elementos que constituem o que se poderia entender como "a cultura das *classes baixas*"*,* transmitida oralmente. [...].[174]

---

[173] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 48-49.

[174] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 39.

Pois bem, essa é uma consideração interessante e que nos abriu caminho para pensar o que Florestan Fernandes entendia sobre o folclore. É importante combinar essa explanação com os primeiros usos da terminologia folclore que discutimos no "item 1. 2." desta dissertação. Ali vimos que a palavra folclore nasceu da junção das palavras *folk* e *lore* que designavam, juntas, o termo saber popular. Ou seja, era algo que pertencia essencialmente ao povo, isto é, pertencia àqueles que não participavam ou não acessavam integralmente os códigos da ordem burguesa e que preservavam em seus costumes as sobrevivências de um passado longínquo. Cabe questionar o porquê da permanência de elementos do passado numa sociedade que experimentava mudanças sociais. Ora, nos parece que o que Florestan Fernandes estava tentando dizer era que não foram todos os indivíduos de uma sociedade que puderam usufruir dos novos quadros mentais[175] que estavam se construindo. Isso é significativo, tendo em vista que, para Florestan Fernandes, o estudo do folclore irrompeu com o intuito de investigar os modos de ser do povo que abrangeria "[...] fatos de natureza ergológica, como técnicas de trabalhar na roça, ou manipular metais, de transporte ou de esculpir objetos etc., e de natureza não material, como as lendas, as superstições, as danças, as adivinhas, os provérbios etc."[176] Ou seja, estas eram manifestações que não mais condiziam com a nova configuração da sociedade que estava em processo de industrialização e urbanização.

Em síntese, Fernandes argumentava no sentido de justificar a ideia e, portanto, demonstrar que o folclore surgiu como "[...] o estudo dos elementos culturais praticamente ultrapassados [...]."[177] Ou seja, para ele, os estudos folclóricos manifestaram-se em busca de conhecer as características *sui generis* do povo que, por sua vez, eram entendidas como sendo diametralmente oposta às outras camadas sociais, mais especificamente aos burgueses. Inclusive, esses sim eram considerados habilitados ao "progresso" e, inclusive, precursores

---

[175] Cabe mencionar que o termo "quadros mentais" foi também utilizado por Florestan Fernandes com vistas a designar a sua própria vivência dentro da cultura *folk*, tal como citamos no "item 1.1" desta pesquisa. Sendo assim, utilizamos o termo aqui com o mesmo objetivo de apontar uma certa vivência e/ou experiência dentro de uma condição específica da vida em sociedade.

[176] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 39.

[177] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 41.

desse processo. Com essa forma de perceber os estudos desse tipo, o que Florestan Fernandes tentou demonstrar foi que as manifestações folclóricas nada mais eram do que manifestações culturais, e o que diferia uma da outra era justamente a classe e/ou o grupo em que elas se manifestavam. Ou seja, o folclore que se revelava entre o povo nada mais era do que a cultura desse mesmo povo. Foi denominado folclore porque era algo que se tratava da cultura que era manifestada em maior intensidade entre àqueles que não participavam, não tinham acesso ou não podiam acessar completamente os quadros mentais do estilo de vida que estava em formação a partir do século XIX e que, por sua vez, inauguraram novos elementos, formas, expressões culturais etc. Há que se perceber, aqui, a forma desigual com que a mudança social se processava no contexto brasileiro, ou seja, o sociólogo compreendeu que esses quadros novos não eram acessados universalmente por todos os indivíduos.

Pois bem, segundo a filosofia positivista a qual Florestan Fernandes atribuía o surgimento dos estudos folclóricos, não estaria o folclore restrito às sobrevivências entre as camadas da sociedade que não participavam do progresso? A título de exemplo, Florestan Fernandes citou, no artigo "*Sobre o folclore*", o próprio trabalho realizado na cidade de São Paulo que, devido à proximidade das datas de publicações e a temática coincidente, nos leva a crer que se trate do texto "*As "trocinhas" do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis".* No texto que dissertou sobre o folclore, Florestan Fernandes concluiu que

> É fácil verificar, como fizemos numa pesquisa, em São Paulo, que os mesmos elementos folclóricos ocorrem, indistintamente, em ambos os meios ou classes sociais. Os mesmos provérbios, as mesmas "superstições" e as mesmas "crendices", os mesmos contos, as mesmas lendas etc. são igualmente usados por indivíduos do "povo" ou das classes "altas" e "cultas", não havendo aí condições para caracterizar profundamente - e não por ocorrências específicas e isoladas - uns ou outros, relativamente à "literatura oral", salvo participação desigual dos elementos, o que não infirma, em absoluto, a generalidade desses elementos. Do mesmo modo, crianças pobres ou ricas brincam de roda ou disputam os mesmos jogos (a aquisição desses jogos ou rodas pode ser feita nos grupos infantis como as "trocinhas"; mas, os próprios indivíduos que não interagem nesses grupos adquirem-nos nos grupos de recreio, nas escolas, por exemplo, como observamos); pessoas adultas, sem distinção, empregam formas de explicação geralmente consideradas não racionais (atribuição do insucesso ao "peso", ao "mau-olhado" etc.; de doenças a forças malignas, que agem ativamente contra o indivíduo; explicar o sucesso como forma de "sorte" etc,); e o pobre [...] só não joga tênis, provavelmente, porque não pode, nada impedindo ao burguês o jogo de malha, enquanto a elevação do padrão de vida

> muitas vezes faculta ao primeiro recreações caras - o tênis inclusive -, permitindo-lhe manter, até, um estilo de vida quase burguês[178].

Florestan Fernandes, segundo nos mostrou o texto, explicou que o folclore, os costumes, as tradições e as explicações irracionais não se manifestavam exclusivamente entre o povo, mas eram partilhados entre todos os grupos e classes sociais. Onde os ricos e os pobres se distanciavam eram justamente nas condições materiais que viabilizavam, ou não, o acesso universal às "recreações cara", por exemplo. Todavia, é interessante pensar em uma outra questão, dado que o autor nos artigos "*Sobre o folclore*" (1945) e "*Mentalidades grupais e folclore*" - também publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 02 de novembro de e 1944 - reforçou a ideia de que "[...] a situação social dos indivíduos determina as condições gerais de seu modo de vida, permitindo e fazendo-os participar de certa maneira do patrimônio cultural do seu grupo."[179] Ora, para o autor, essa seria uma justificativa de o porquê o folclore ter sido historicamente tomado como algo que era, essencialmente, característico e manifesto pelo povo, pois os indivíduos das classes baixas se encontravam em contato direto com os signos e os códigos compartilhados no seu grupo de origem e, na maioria das vezes, não acessavam os códigos e signos do outro grupo, tal como pudemos apreender do excerto acima transcrito, apesar de o movimento contrário ser, evidentemente, possível.

Embora essa forma de encarar o folclore esteja presente nos primeiros artigos/textos do autor, é, para nós, importante combinar as primeiras elaborações de Florestan Fernandes sobre o folclore com as explicações mais recentes sobre o assunto. Para isso, vale citar os textos que resultaram no artigo "*Os estudos etnológicos e sociológicos do folclore em São Paulo*" (1957) e o artigo "*O folclore e as Ciências Sociais*" (1959), sendo que este último, por sua vez, se tratou de um apanhado das concepções formuladas pelo autor sobre o folclore durante os anos de estudo. Na década de 1950, portanto, Florestan Fernandes continuou a entender que o folclore permitia "[...] observar fenômenos que lançam enorme luz sobre o

---

[178] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 46.

[179] Esse mesmo trecho encontra-se presente, igualmente formulado, nos artigos "*Sobre o folclore*" e "*Mentalidades grupais e folclore*", respectivamente em: FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 44; FERNANDES, Florestan. Mentalidades grupais e folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 63.

comportamento humano [...]"[180], isso porque, para ele, o pesquisador ao acessar o comportamento humano poderia compreender a natureza dos valores culturais, assim como seria possível entender sobre as circunstâncias em que esses valores se atualizavam. Consequentemente, era algo que permitia, naquele momento, compreender os efeitos das mudanças sociais no comportamento dos indivíduos e na organização da realidade objetiva.

Assim, entendemos que Florestan Fernandes buscava compreender, ao olhar para cultura *folk*, qual era o lugar da cultura numa sociedade que estava experimentando a modernização. O folclore enquanto objeto de pesquisa possuía um valor inegável, visto que a partir de sua análise era executável compreender a organização da vida em sociedade que, por sua vez, se apresentava como um complexo de fatores onde se processava rupturas, continuidades, diferenças, semelhanças e, sobretudo, desigualdade na participação dos indivíduos no desenrolar da vida social.

No referido texto de 1956/1957, Florestan Fernandes defendeu ainda que o folclore deveria ser tomado como uma esfera da cultura que "[...] se objetiva por meio de elementos culturais de ordem variável: como um artefato, certa técnica de cura ou determinado processo de lidar com a madeira e a pedra [...]"[181]. Apesar disso, Fernandes fez uma ressalva ao dizer que naquele momento os limites do folclore ultrapassavam a técnica ou artefato puro e simplesmente, pois o relevante para os pesquisadores era acessar "[...] as emoções, os conhecimentos e as crenças que lhes são subjacentes, os únicos dados que nos facultam indagar, de modo direto ou indireto, quais são e como operam os móveis intelectuais que orientam o comportamento social humano [...]."[182]

Por isso, segundo o autor, o folclore proporcionava um campo de investigação ideal para os cientistas sociais, pois ao olhar para o folclore os pesquisadores logravam verificar a sua influência no comportamento humano e conseguiam entender a sua atuação na "[...]

---

[180] Cabe reforçar que esse mesmo trecho se encontra disponível em ambos os artigos citados. FERNANDES, Florestan. Os estudos folclóricos em São Paulo. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 107. FERNANDES, Florestan. Folclore e Ciências Sociais. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 11.

[181] FERNANDES, Florestan. Os estudos folclóricos em São Paulo. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 110.

[182] FERNANDES, Florestan. Os estudos folclóricos em São Paulo. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 110 e 111.

organização da personalidade, da cultura e da sociedade."[183] Vemos, dessa forma, que para Florestan Fernandes o trabalho dos cientistas sociais deveria envolver a necessidade de coligir materiais folclóricos, quando necessário, e trabalhar com eles para lançar luz aos aspectos relevantes da sociedade que se busca explicar, ou seja, o pesquisador deveria fazer uso do folclore com o intuito de entender os fatos que justificavam a sua permanência em uma sociedade que estava em transformação. Além disso, ao olhar para a cultura *folk* era possível compreender os efeitos por ela causada na formação cultural e intelectual de seus portadores. Com isso, mais uma vez Florestan Fernandes reforçou a importância de ir além da pura descrição dos dados coletados empiricamente, haja vista que se fazia necessário a interpretação dos mesmos. Para ele, era fundamental entender o que acontecia com as manifestações folclóricas, dado as mudanças sociais.

Daí podemos inferir que o autor, desde muito cedo, percebeu e reconheceu a importância da cultura enquanto objeto de estudo, visto que o folclore era elemento constitutivo da cultura, isto é, a cultura que foi tipificada como pertencente ao povo, muito embora Florestan Fernandes tenha observado, como apontado acima, que o folclore se encontrava presente entre todas as camadas sociais. Essa cultura que era manifestada através dos repertórios folclóricos, segundo o próprio Florestan Fernandes, colocava o indivíduo em contato com uma variedade de signos e significados, crenças e superstições, lendas e danças etc., que tinham o potencial de moldar o comportamento dos mesmos na vida em sociedade. Em outras palavras, o folclore dispunha de uma função socializadora, onde colocava-os em contato com uma herança cultural viva. Naturalmente, isso nos leva a entender o folclore como sendo uma realidade social dinâmica e complexa.

A prova disso são os estudos por ele desenvolvido na cidade de São Paulo, pois com as pesquisas Florestan Fernandes percebeu que as manifestações folclóricas, embora tenham uma presença bastante limitada no meio urbano, ainda assim se fazia presente aqui ou acolá. Mas a presença dessas manifestações culturais somente teria chance de continuidade caso pudessem se adaptar à nova realidade social e foi algo que de fato ocorreu, mas de maneira muito incipiente, pois ele observou que o folclore apresentava algumas pequenas alterações

---

[183] FERNANDES, Florestan. Os estudos folclóricos em São Paulo. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 107.

em seus ditos populares, brincadeiras etc. Mudanças estas que passavam a dialogar com a vida urbana, já não mais rural.[184]

Todavia, não devemos nos esquecer da complexidade que a categoria cultura abarca. Aqui é interessante recorrer ao historiador Edward P. Thompson (1924 - 1993) que também se dedicou a analisar a questão folclórica no contexto da sociedade britânica que, por sua vez, é bom lembrar, possui e possuía uma realidade bastante divergente do contexto brasileiro. As análises do historiador se iniciaram a partir dos anos 1970, ou seja, momento em que Florestan Fernandes já havia cessado de escrever sobre a questão folclórica, mas, apesar disso, o seu trabalho nos interessou aqui por apresentar uma reflexão sobre o termo cultura. Nas avaliações do historiador, ele chamou atenção para o fato de que "[...] o próprio termo "cultura" com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto"[185]. Isto é, a cultura e a sua manifestação na vida em sociedade precisam ser avaliadas com cuidado, visto que essa esfera da vida social carrega em si questões mais amplas e profundas do que a sua própria manifestação. Thompson seguiu dizendo que

> [...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa [...] assume a forma de um "sistema".[186]

Ora, essa assertiva nos auxiliou ao pensar sobre os escritos de Florestan Fernandes, haja vista que o folclore, portanto, emergiu numa arena conflituosa que exigia empenho e resistência ao se olhar para vencidos, ainda que esse olhar tenha aflorado dos vencedores, como discutimos ao longo da dissertação. Sobretudo, o que Thompson estava chamando a atenção, assim como Florestan Fernandes, era o fato de que o folclore - a cultura *folk* - estava imerso em uma constante troca e em uma arena de conflitos. Aqui, o que devemos fixar é que na interpretação de Florestan Fernandes há um duplo movimento do folclore que tanto

---

[184] FERNANDES, Florestan. O folclore de uma cidade em mudança. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.
[185] THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998. p.17
[186] THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998. p.17

poderia funcionar como uma herança cultural compartilhada quanto poderia funcionar como uma herança cultural restritiva. Ao mesmo tempo que o folclore, como cultura, se manifestava entre todas as camadas sociais, ele se encontrava em maior intensidade entre o povo, cabe a nós questionar o porquê desses usos desiguais. Mas é justamente essa desigualdade entre os grupos sociais que permitiu Florestan Fernandes compreender a concepção, fundamentalmente, originada na filosofia positivista, de que haveria uma sociedade dividida, algo que discutimos no "item 2. 2." deste capítulo, onde de um lado estariam aqueles que se associavam ao progresso e de outro lado aqueles que permaneciam apegados ao passado. Na verdade, estariam de um lado aqueles que podiam usufruir e acessar o progresso e do outro lado aqueles que não podiam acessar os efeitos da modernização e é, justamente a cultura tradicional que estava em meio a esse impasse, pois ela era vista como um indicador de atraso sociocultural.

2. 1 Florestan Fernandes: a relação entre o folclore e a sociedade

Como vimos, a percepção de que o folclore era algo restrito ao povo era uma percepção equivocada para Florestan Fernandes. O autor estava tentando evidenciar que os estudiosos/pesquisadores ao assumirem o folclore como algo exclusivo de um grupo social carregavam em si uma concepção prévia resultante da ideia de que em uma mesma sociedade se poderia conviver indivíduos que participam de mundos diferentes. Para Florestan Fernandes, essa suposta divisão entre mundos ficava evidente, visto que no artigo "*Mentalidades grupais e folclore*" o autor argumentou que folclore ao ser designado como algo exclusivo do povo levava a entender que

> A sociedade seria uma grande dicotomia, em que se poderia distinguir: de um lado, o povo, vivendo exclusivamente desses valores residuais, muitas vezes caracterizados como irracionais; de outro, um grupo homogêneo de indivíduos, com hábitos e formas de conduta radicalmente diferentes, que muito pouco - ou nada - se utilizariam daqueles valores "ultrapassados". [...] De qualquer forma, os modos de ser, de pensar e de agir dos indivíduos pertencentes a cada divisão difeririam por natureza. [...] De modo que teríamos, paralelamente, numa mesma sociedade, duas formas de comportamento diversas, nascidas de valores também diversos. No que

> toca ao folclore, este consistiria, objetivamente, numa cômoda expressão, na "cultura dos incultos".[187]

Florestan Fernandes percebeu que a cultura *folk*, para além das condições materiais, poderia ser tomada como um divisor ou um distanciador entre os grupos sociais. Ainda no mesmo artigo, embora o mesmo trecho a seguir possa ser encontrado com igual formulação no artigo denominado "*Sobre o folclore*", a sociedade dividida seria assim caracterizada, onde "[...] um homem do povo, por exemplo, recorreria às práticas tradicionais e ao tratamento empírico de doenças, enquanto o burguês procuraria, na mesma situação, os trabalhos de um clínico especializado; o burguês jogaria tênis, enquanto o pobre jogaria malha [...]"[188], um assentaria suas explicações na racionalidade, enquanto o outro teria suas explicações assentadas na irracionalidade e assim por diante, algo que poderia transparecer a ideia de que o povo estivesse culturalmente apegado ao passado.[189]

Os trabalhos de campo, segundo ele, demonstraram que havia uma distinção apenas de grau entre esses grupos, visto que, para ele, se os estudiosos do folclore "[...] não tivessem desligado os elementos folclóricos dos fatores da ambiência social e cultural que os explicam, verificariam apenas que a situação dos indivíduos na escala social pode implicar uma utilização maior ou menor desses elementos".[190] Ao nos atermos à expressão utilizada por Florestan Fernandes - "situação dos indivíduos na escala social" - pudemos verificar que, desde a década de 1940, o autor identificava que os usos do folclore estavam condicionados às possibilidades materiais reais e efetivas dos indivíduos. Isso significa que o povo ao apresentar explicações consideradas não racionais[191] para as questões do dia-a-dia não o fazia

---

[187] FERNANDES, Florestan. Mentalidades grupais e folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 62.

[188] FERNANDES, Florestan. Mentalidades grupais e folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 62; FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 43.

[189] FERNANDES, Florestan. Mentalidades grupais e folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 63.

[190] FERNANDES, Florestan. Mentalidades grupais e folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 44.

[191] Os termos "não racional" e "explicações não racionalizadas" foram utilizados por Florestan Fernandes para designarem as leituras realizadas pelos pesquisadores da cultura *folk* que consideravam as manifestações folclóricas como algo oposto aos quadros mentais de tipo burguês pautados pela filosofia positivista. Ver: FERNANDES, Florestan. Mentalidades grupais e folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003.

por se encontrarem apegados ao passado, mas porque tinham nessas explicações as únicas possíveis dado o seu acesso e participação na vida social de quadro burguês.

Ainda no mesmo sentido, Florestan Fernandes chegou à conclusão, no texto *"Sobre o folclore*", de que

> Numa sociedade todos compartilham, pouco mais ou menos, valores comuns. Parece conveniente, portanto, insistir sobre isso - coisa que pelo menos alguns daqueles folcloristas deveriam ter considerado -: que o ideal social, criado pela sociedade sob a forma de valores, e, portanto, expresso também sob a forma de elementos folclóricos, abrange indistintamente todas as classes sociais, sobrepondo-se às variações restritas da vida de seus membros e às diferenças ocasionadas por essas variações. Uma mesma regra vale para todos os indivíduos, enquanto membros de uma sociedade, já que são coletivas e, embora o fato de se pertencer a uma determinada camada social possa implicar alguns privilégios (ou ausência deles), é óbvio que a vida social seria impossível se pelo menos os elementos considerados básicos para a sobrevivência da sociedade não fossem compartilhados e aceitos por todos os seus membros[192].

Tal como vimos no "item 2.1", para o autor, o folclore não estaria condicionado ao saber popular, ao saber do povo, mas sim seria partilhado por todos os grupos sociais. Dessa forma, supor que os resquícios dos elementos folclóricos na sociedade civilizada sejam motivados pela incompletude do desenvolvimento humano entre os indivíduos de classe baixa, e, inclusive, sobre as crianças, não condizia com uma reflexão verdadeira, segundo as análises do autor.

Esse é um tema fundamental aqui, pois nos permitiu enveredar na tentativa de compreender o valor educativo das manifestações folclóricas[193], algo que desenvolvemos no "item 2.3" deste capítulo. Todavia, antes de seguir para a reflexão sobre a relação entre o folclore e a educação em Florestan Fernandes, um outro ponto nos parece ser fundamental para compreender a relação entre o folclore e a sociedade nas análises do autor. Cabe a nós questionar o porquê de Florestan Fernandes ter concentrado os seus estudos, primordialmente, na cidade de São Paulo, mencionamos essa questão brevemente no "item 1. 4.".

Essa primazia da cidade de São Paulo nas análises de Florestan Fernandes ficou evidente com os artigos publicados originalmente pela *Revista Anhembi,* sob os números 106 a 114, entre os anos 1959 e 1960 denominado "*O folclore de uma cidade em mudança".* Ali,

---

[192] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 45.

[193] É preciso reforçar o fato de que esses textos de Florestan Fernandes estão localizados em um tempo histórico específico e que a questão folclórica caso fosse investigada atualmente exigiria uma outra abordagem.

Florestan Fernandes indicou que o interesse pela capital paulista se justificava por aquela ser a cidade que passava, naquele momento, "[...] por transformações muito rápidas, a partir do último quartel do século passado, mas num período de tempo que é bastante curto para permitir um confronto quase físico entre a antiga "cultura de *folk"*, em desagregação, e a "cultura *civilizada*", em emergência e expansão."[194]

São Paulo, portanto, era um bom laboratório para os cientistas sociais preocupados em desvelar questões do comportamento humano em metamorfose, era um lugar apropriado para compreender "[...] o processo pelo qual certos elementos culturais perdem a universalidade e se tornam requisitos da vida social de determinada camada da população [...]."[195] Sendo essa a peculiaridade da cidade de São Paulo, Florestan Fernandes concentrou seus estudos no folclore paulistano, embora o autor também tenha realizado pesquisa folclórica em Sorocaba no ano de 1942, resultando no artigo "*Congadas e batuques em Sorocaba*" publicado, em 1943, na revista *Sociologia* sob o vol. V, nº. 3.

Apesar da centralidade da cidade de São Paulo em suas pesquisas, é imprescindível mencionar que Florestan Fernandes reconhecia o quanto o folclore se desenvolveu e cresceu enquanto objeto de estudo no Brasil aspirando compreender o papel que as correntes étnicas (indígena, portuguesa e negra) desempenharam no processo formativo da cultura brasileira. Ou seja, os estudos em outras regiões nas quais se manifestava o folclore também eram, para o autor, de suma importância para uma análise total dessas influências no processo de formação de nosso sistema sociocultural[196].

Mas para os interesses em compreender os efeitos da mudança social, a cidade paulistana era um lugar privilegiado. Ora, se tratava de uma cidade que, segundo pesquisas demográficas da época[197], possuía em 1836 uma população de cerca de vinte e uma mil

---

[194] FERNANDES, Florestan. O folclore de uma cidade em mudança. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo.** 3º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p.9. (Itálico do autor)

[195] FERNANDES, Florestan. O folclore de uma cidade em mudança. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p.10.

[196] Florestan Fernandes fez constatações desse tipo ao rememorar a importância de Amadeu Amaral para o desenvolvimento dos estudos folclóricos no Brasil. FERNANDES, Florestan. Amadeu Amaral e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 145.

[197] Recenseamento realizado por Marechal Daniel Pedro Müller que foi publicado pela primeira vez no ano de 1838. Trata-se de um raro estudo sobre a população da província paulistana. Ver: BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo et al. São Paulo do passado: dados demográficos. **Campinas: NEPO–Núcleo de Estudos em População/UNICAMP**, v. 1, 1998.; MATOS, Odilon Nogueira de. São Paulo no século XIX. In: AZEVEDO,

pessoas, onde a população urbana sequer chegava a dez mil habitantes. Já cerca de um século depois, precisamente em 1940, a cidade passou a ter aproximadamente um milhão e trezentos mil habitantes. Ainda mais sintomático é pensar na década de 1950 que praticamente dobrou o número da população da década anterior passando a ter algo em torno de dois milhões e cem mil habitantes[198]. Ou seja, a cidade de São Paulo experimentou um crescimento demográfico intenso em um curto período de tempo, algo que para Pasquale Petrone, ao escrever durante a década de 1950, "[...] veio a transformar a "metrópole do café" ou a "capital dos fazendeiros" na dinâmica e movimentada *metrópole industrial* [...]"[199], resultado do processo de industrialização experimentado ao longo do século XX. Isto é, a cidade passou a ter uma nova feição onde a vida rural foi abruptamente substituída por uma vida urbana que significou uma expansão territorial e demográfica, imprimindo novas características àquela cidade. Contudo, restava saber em que medida as transformações materiais e socioeconômicas resultaram em mudanças socioculturais, de modo a transformar os quadros mentais daquela população.

Com isso, o que devemos reter é que para Florestan Fernandes a capital paulista, com seu movimento de vanguarda da modernidade, servia como um bom objeto de estudo com vistas a acessar as diferenças entre os resquícios culturais e a emergência de novos elementos culturais. Isso ficou patente quando Florestan Fernandes, ainda na mesma série de artigos publicados na *Revista Anhembi*, apontou que

> O que aconteceu [...] com o folclore da cidade é fácil de explicar-se. Ele foi preservado, durante muito tempo, pelas condições rústicas e provincianas de vida, que imperaram em São Paulo até quase os fins do século XIX. A transição para o estilo urbano de vida processou-se, em seguida, com certo ímpeto e intensidade, sob a confluência de heranças culturais mais ou menos distanciadas da antiga tradição rural imperante na cidade. Em consequência, não se operou uma renovação de quadros humanos numa direção que pudesse estabelecer maior continuidade com as matrizes de novo sistema civilizatório. Outra cidade, como Recife, São Salvador ou Rio de Janeiro - só para falar das mais importantes -, experimentaram essa continuidade, pois o seu crescimento urbano inicial se fez sob condições muito mais estáveis, tendo-se em vista os valores fundamentais da cultura luso-brasileira e a presença de agentes humanos empenhados em preservá-los. Na cidade de São Paulo,

Aroldo de. **A cidade de São Paulo**. Estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

[198] ARAÚJO FILHO, José Ribeiro de. "A população paulistana". In: AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo.** Estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

[199] PETRONE, Pasquale. São Paulo no século XX. In: AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo**. Estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. p. 101.

> tal coisa sucedeu em escala mitigada, pois o controle exercido pelas camadas dominantes não pôde impedir a rápida renovação dos estilos de pensamento e de ação. Com isso, as oportunidades de mudança gradual desapareceram ou nem chegaram a impor-se com referência a vários setores da herança social tradicional. O folclore foi um dos setores mais afetados, já que as próprias pessoas chegavam a envergonhar-se de certas "rusticidades" e de certos "provincianismos" que constituíam condição para a sua renovação nas situações urbanas de vida.[200]

Florestan Fernandes notou que ao observar a cidade de São Paulo seria possível compreender de forma mais direta as vicissitudes que envolvia o folclore, ao mesmo tempo que permitia compreender as origens da percepção de que haveria uma sociedade dividida, ou melhor dizendo, a percepção de que coexistiam numa mesma sociedade dois grupos sociais que viviam e explicavam o mundo de forma oposta, posto que na interpretação do autor o processo de rápida modernização urbana não se deu de forma concomitante à mudança dos quadros mentais dos indivíduos. As transformações sociais exerceram uma força imperiosa onde as "rusticidades" passaram a ser encaradas como atrasos socioculturais. Florestan Fernandes chegou, inclusive, a lembrar o fato de que não houve tempo para que o folclore pudesse se adaptar às novas formas e condições sociais. Algo que explicaria a tentativa constante de delegar as sobrevivências, as tradições e os costumes com sendo exclusivos de uma única camada social, justamente, aquela que não dispunha a força impulsionadora da transformação da cidade.

Sobretudo o que devemos apreender é que a sociedade daquele período, para Florestan Fernandes, funcionava, justamente, porque os indivíduos compartilhavam de valores comuns que os permitiam participar da vida em sociedade por completo, apesar de um grupo experimentar em maior ou em menor intensidade a cultura *folk*. Reconhecer a existência de uma variação de intensidade nos usos feitos pelos elementos folclóricos nos leva a questionar o porquê dessa variação. Essa questão nos abre caminho para o próximo ponto de nossa pesquisa que é, precisamente, entender a relação que Florestan Fernandes estabeleceu entre o folclore e a educação.

---

[200] FERNANDES, Florestan. O folclore de uma cidade em mudança. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p. 31.

2. 3 Florestan Fernandes: a relação entre o folclore e a educação

Tal como vimos, para Florestan Fernandes, o folclore não se resumia a uma mera "sobrevivência" ou o apego ao passado, mas a sua manifestação naquela época se tratava de uma continuidade sociocultural que em alguma medida resultava em uma preservação sucinta dos próprios elementos folclóricos, especialmente numa sociedade que estava se adaptando às novas formas de organização. Para corroborar com essa afirmação, vale recorrer, novamente, ao artigo "*Sobre o folclore*", onde Florestan Fernandes defendeu a ideia de que o brincar de roda colocava a criança em contato com um mundo simbólico de valores e sentimentos, de modo que os "[...] elementos folclóricos, algumas vezes, expressando regras de conduta, passam a agir, de modo amplo e em períodos normais, como um dos veículos de uniformização dos padrões de comportamento, contribuindo para tornar possível a vida em sociedade [...]."[201] O que devemos apreender disso, é que o autor, portanto, estava sugerindo que era necessário interpretar o folclore como uma manifestação da vida em sociedade algo que, por sua vez, somente seria possível com o compartilhamento de valores essenciais e integrados entre os grupos que compunham a sociedade como um todo.

Para nós, é importante combinar essa informação com os textos em que Florestan Fernandes discutiu a relação entre o folclore e a educação. Bem como afirmamos em outros momentos, uma das características de suas pesquisas era, justamente, a inter-relação entre os temas discutidos, isso significa que Florestan Fernandes discutiu o folclore e a educação em diversos momentos, embora tenha se dedicado a alguns textos específicos para levantar interpretações sobre essa relação. Nos dedicamos a compreender alguns pontos desses textos, apesar disso, é bom dizer, não nos furtamos de outros escritos que nos auxiliaram no objetivo aqui proposto.

Porém, antes de nos dedicarmos propriamente a compreender as formulações de Florestan Fernandes, nos parece indispensável fazer algumas considerações prévias. O leitor desta pesquisa deverá perceber que quando discutimos o tema educação nos escritos do autor

---

[201] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 45.

nem sempre estamos falando de uma mesma questão. Há que se reconhecer que Florestan Fernandes, ao falar sobre a relação entre folclore e educação, utilizou o termo educação com diferentes intuitos. Ora, o autor discutiu o valor educativo das manifestações folclóricas e as suas influências na formação sociocultural dos indivíduos, discutiu a contraposição entre a educação informal - onde o folclore historicamente se encontrou localizado - e a educação formal/sistemática - fruto das mudanças sociais, além de ter discutido o folclore como recurso pedagógico. Ou seja, ao falar da relação entre folclore e educação é preciso considerar esses sentidos da esfera educacional.

Dito isso, o primeiro texto de Florestan Fernandes que mapeamos e que buscava traçar uma relação entre o folclore e a educação foi originalmente publicado na *Revista Sociologia* (1943) no vol. V, nº. 2, nomeado de "*Educação e cultura infantil*"[202]. Com esse artigo, logo de início Florestan Fernandes buscou explicar o porquê o folclore, enquanto manifestação cultural, poderia participar do processo educativo das crianças. O autor alertou para o fato de que

> Concebendo a educação como um sistema de aquisição de elementos culturais, podemos estudar a educação das crianças também como um processo de seus próprios grupos, através de atualizações da cultura infantil (nos folguedos em geral). O importante, para o sociólogo, é que esses elementos, adquiridos pelas crianças em seus próprios grupos, são justamente os padronizados pelo grupo social, correspondendo aos usos e costumes das pessoas adultas.[203]

Para Florestan Fernandes, apesar de existir uma aquisição, por parte da cultura infantil, dos elementos culturais adquiridos da cultura adulta, é incorreto dizer que esse processo se trate de uma imitação, pois, segundo ele, as crianças também elaboram as suas próprias interpretações nas suas brincadeiras. O autor exemplificou o seu ponto ao constatar que

> [...] há entre as crianças (até 7 ou 8 anos entre os meninos e até mais entre as meninas) brinquedos cujos motivos são aspectos da vida do indivíduo adulto, tais como "fazer comidinhas", "brincar de casinha" etc. Nestes casos, em que uma faz o papel de pai, de mãe ou de dona-de-casa, a criança não imita o pai, a mãe ou a dona-de-casa, *strictu sensu*. Os atos do pai têm um significado real, dentro do grupo familial, profissional, religioso ou vicinal em que ele age: correspondem a necessidades relacionais, rituais ou técnicas. São atos particulares, pessoais, de que a

[202] Esse artigo foi publicado no livro *Folclore e mudança social em São Paulo* de Florestan Fernandes sob o capítulo "*Variações sobre os mesmos temas*". Ver: FERNANDES, Florestan. Variações sobre os mesmos temas. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

[203] FERNANDES, Florestan. Variações sobre os mesmos temas. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p. 468.

> criança pode dizer: "Meu pai fez isto. Eu também fiz, porque o vi fazer". Mas, nos brinquedos, a criança não imita seu pai ou sua mãe. Pai e mãe são entes gerais, representam uma função social. As crianças abstraem da pessoa A, B ou C, para falar de "pai" e "mãe" de modo genérico, desempenhando nos folguedos suas funções.[204]

Por essa forma de olhar para o folclore podemos dizer que o autor buscou apresentar uma perspectiva nova para a cultura infantil e para a infância. Isto é, Florestan Fernandes, ainda na década de 1940, já defendia a ideia de que existia uma cultura infantil onde o universo lúdico das brincadeiras e dos brinquedos funcionava como um elemento socializador. Mais do que isso, devemos interpretar que o argumento do autor, segundo Patricia de Castro Pereira Porto, foi fundamental para que as próximas gerações de pesquisadores pudessem levar em conta o ponto de vista de que

> [...] a criança é um sujeito de memória, criatividade e intuição, um ser cognoscente, capaz de interpretar e compreender o mundo a partir de elementos elaborados por ela própria, brincando e reinventando interações e linguagens. É um sujeito criativo que traz nas suas brincadeiras cotidianas elementos do mundo adulto, ressignificando-os a partir de uma cultura infantil.[205]

Ou seja, a pesquisa folclórica desenvolvida por Florestan Fernandes o permitiu lançar luzes sobre a infância, além de abrir caminhos para se pensar as relações entre o mundo adulto e o mundo infantil onde, para ele, as manifestações folclóricas realizadas por meio das brincadeiras, brinquedos, folguedos etc., eram

> [...] aquisições de elementos culturais por meio de atualização da cultura infantil, sem uma transmissão sistemática e ordenada das experiências, porquanto não há interferência dos adultos. Os traços adquiridos são geralmente, ideias e representações elaboradas na própria sociedade, tendo correspondência, portanto, com a vida social das pessoas adultas. Tendem, em última palavra, a desenvolver no indivíduo o "ser social", impondo aos imaturos modos de ver, de sentir e de agir "aos quais nunca chegariam espontaneamente".[206]

Essa percepção ficou patente com o texto "*As "trocinhas" do Bom Retiro*", no qual o autor defendeu o fato de que os brinquedos e as brincadeiras - ou seja, o folclore - entre os

---

[204] FERNANDES, Florestan. Variações sobre os mesmos temas. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p. 469.

[205] PORTO, Patricia de Cassia Pereira. Educação, literatura e cultura da infância: compreendendo o folclore infantil em Florestan Fernandes. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 126, p. 129-141, 2014. p. 139.

[206] FERNANDES, Florestan. As "trocinhas" do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p. 219.

grupos infantis resultava em uma "[...] educação da criança, entre as crianças e pelas crianças."[207] Prosseguiu ele dizendo que "[...] a criança é modelada, é formada, também, através dos elementos da cultura infantil, pois estes elementos põem-na em contato direto com os valores da sociedade."[208] Sobre essa questão, nos parece ser fundamental colocar Florestan Fernandes em diálogo com outro importante nome da Sociologia clássica, pois acreditamos que haja interpretações distintas sobre a educação entre eles. Estamos falando de Émile Durkheim, o qual Florestan Fernandes, inclusive, fez menção em uma nota de rodapé no texto sobre as "trocinhas" ao falar da relação educação e sociologia, apesar de compreensões distintas acerca da educação infantil. Para Émile Durkheim,

> A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine.[209]

Ora, essa é uma interpretação completamente oposta à defendida por Florestan Fernandes. Para Durkheim, "[...] a *educação* é a ação exercida, junto às crianças, pelos pais e mestres."[210] Quer dizer, Émile Durkheim reconhecia como educação o processo que envolvia o aprendizado transmitido entre as gerações, que emanava dos mais velhos para os mais jovens. Aqui, o leitor desta dissertação poderá levantar o questionamento sobre o tipo de educação sobre a qual Durkheim está tratando, formal ou informal, visto que nesse momento Florestan Fernandes estava discutindo a educação informal e folclórica onde as crianças analisadas se encontravam localizadas em um bairro operário que tinham a vizinhança e a rua como espaço brincante e educativo. Porém, para complementar a sua argumentação Durkheim chegou a dizer que a influência educativa entre as gerações

---

[207] FERNANDES, Florestan. As "trocinhas" do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p. 219.

[208] FERNANDES, Florestan. As "trocinhas" do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p. 219.

[209] DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia** / Émile Durkheim; com um estudo da obra de Durkheim pelo Prof. Paul Fauconnet; tradução do Prof. Lourenço Filho. - 11. ed. - São Paulo: Melhoramentos; [Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978. p. 41.

[210] DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia** / Émile Durkheim; com um estudo da obra de Durkheim pelo Prof. Paul Fauconnet; tradução do Prof. Lourenço Filho. - 11. ed. - São Paulo: Melhoramentos; [Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978. p. 57. (Itálico do autor)

> [...] não se faz sentir somente nos curtos momentos em que pais e mestres comunicam conscientemente, por via do ensino propriamente dito, os resultados de suas experiências aos que vêm depois deles. Há uma educação não intencional que jamais cessa. Pelo nosso exemplo, pelas palavras que pronunciamos, pelos atos que praticamos - influímos de maneira contínua sobre a alma de nossos filhos.[211]

Como demonstramos, essa é uma interpretação diversa da de Florestan Fernandes que observou, a partir de seus estudos empírico realizados em Bom Retiro, que as crianças eram formadas também por elementos que eram próprios da cultura infantil embora estivessem desempenhando papéis e/ou funções. Ou seja, as crianças observadas produziam interpretações sobre o mundo dos adultos, porém, as brincadeiras folclóricas entre as crianças tratava-se também de um processo educativo que as colocava em contato com mundo simbólico, não expressamente pessoal, mas social. A cultura *folk*, os folguedos, as troças etc., no universo da cultura infantil também funcionavam como processos educativos, logo isso é algo oposto da interpretação do sociólogo francês que entendia que a educação sempre caminhava no sentido dos mais velhos para os mais jovens.

Essa questão nos parece ser bastante interessante, ora um autor não europeu e que, em termos temporais, estava apenas no início de sua carreira e já apresentava uma interpretação diferente da de um sociólogo que era, inclusive, referência para o pensamento sociológico que estava se formando no contexto brasileiro da década de 1940. Isso nos mostra não a genialidade de Florestan Fernandes, mas sim a profundidade com que ele encarou os temas pesquisados, pois ao olhar para o folclore na cultura infantil ele percebeu que entre os imaturos também se desenvolvia um processo educativo.

Apesar disso, nos cabe perguntar: em que medida essa discussão pôde ser significativa para compreender a importância da cultura *folk* no processo educativo das crianças? Segundo Florestan Fernandes, no texto "*Educação e cultura infantil*", "[...] quando falamos em aquisição de padrões de comportamento, pela criança em seu próprio grupo, temos em mente que são experiências aproveitáveis no futuro, quando já indivíduo adulto [...]."[212] Dessa forma, pudemos entender que Florestan Fernandes percebia a manifestação folclórica na vida

---

[211] DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia** / Émile Durkheim; com um estudo da obra de Durkheim pelo Prof. Paul Fauconnet; tradução do Prof. Lourenço Filho. - 11. ed. - São Paulo: Melhoramentos; [Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978. p. 57.

[212] FERNANDES, Florestan. Variações sobre os mesmos temas. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p. 470.

das crianças como um mecanismo que, além de ter função socializadora, inseria as crianças em mundo simbólico, no qual os valores e os comportamentos eram adquiridos ao observar o mundo dos adultos e revelados nas brincadeiras. Sendo assim, possuíam um valor educativo, visto que "[...] na realidade, a criança aprende que há relações específicas entre os membros da comunidade dentro dos limites impostos pelos padrões de comportamento através dos ensinamentos dos adultos."[213] E essas relações são também aprendidas pelas crianças e entre as crianças. Há que se dizer que Fernandes seguiu fazendo interpretações dos materiais recolhidos em São Paulo sobre as brincadeiras e as cantigas exteriorizadas pelos grupos infantis, justamente para exemplificar essa característica educativa do folclore.

Ainda sobre as análises das trocinhas do Bom Retiro, o autor constatou que o folclore promovia a integração das crianças na cultura da sociedade e que "[...] ao contrário do que pode acontecer com a educação sistemática - a qual tende geralmente à universalização do indivíduo pelo conhecimento -, esta forma de socialização plasma o indivíduo para o seu meio restrito, sendo particularista por excelência."[214], tal como discutimos no "item 2.1" desta dissertação. Isso significa que os valores, os comportamentos, a consciência, os gostos etc., eram, para ele, transmitidos por meio dos indivíduos e que esses comportamentos compartilhados "[...] os caracterizarão como membros de uma certa comunidade e contribuirão para que formule "suas" ideias sobre os diversos aspectos da vida social [...]."[215] Assim então, pudemos compreender que por meio do folclore e fazendo uso dele os indivíduos encontravam-se inseridos num mundo social partilhado com outros indivíduos que possuíam igual ou similar concepção de mundo, tal como Florestan Fernandes observou com as trocinhas entre as crianças, onde estas se organizavam grupalmente entrando em contato com uma infinidade de regras e valores socioculturais, desencadeando um comportamento coletivo. Podemos aqui citar outras pesquisas folclóricas do autor, as quais ele observou que o

---

[213] FERNANDES, Florestan. Variações sobre os mesmos temas. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p. 472.

[214] FERNANDES, Florestan. As "trocinhas" do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3º ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p.220.

[215] FERNANDES, Florestan. As "trocinhas" do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3º ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p.224.

mesmo ocorria com as crendices, superstições e usos de provérbios[216] entre os adultos, visto que estas eram "percepções sociais" que os levavam a determinados comportamentos tradicionais e socialmente aceitos que muitas vezes funcionavam como sendo um dispositivo de controle social ou de manutenção/perpetuação de um estilo de vida.

Bem, devemos combinar essa avaliação de Florestan Fernandes com outras que já discutimos nesta dissertação. Se pensarmos sobre o porquê de o folclore ser encontrado em maior intensidade entre as camadas sociais mais baixas, torna-se importante notar que, segundo o autor, havia um motivo para essa ocorrência e que, por sua vez, em nossa interpretação, relacionava-se também com a esfera da educação. Novamente, cabe citar o artigo "*Sobre o folclore*", onde Fernandes chegou à conclusão de que

> Aqueles valores, considerados "sobrevivências", são mais acessíveis a um número maior de indivíduos porque sua transmissão se faz por meio de processos informais, pelo "intercâmbio cotidiano", enquanto a educação sistemática, veículo comum do pensamento científico, abre-se ainda hoje, na maioria dos países, a um número bem mais restrito de pessoas.[217]

Com isso, nós interpretamos dois desdobramentos dessa percepção de Florestan Fernandes: *a)* a cultura *folk* permanecia, em alguma medida, viva entre os indivíduos porque a linhagem do pensamento científico, naquela época, ainda não havia se universalizado entre todos os indivíduos de uma determinada sociedade; e *b)* a educação sistemática, para Florestan Fernandes, poderia funcionar ou de fato funcionava como um elemento novo nos quadros mentais das pessoas, em virtude de, como mencionamos anteriormente, ter a capacidade de uniformizar o comportamento humano. Isto é: a sociedade orientada pela educação sistemática, na opinião do autor, tenderia a não comportar outras formas de visualizar e experimentar o mundo, ainda que esta - a educação sistemática – tenha sido encontrada, até aquele momento, restrita a uma pequena parcela da população.

Por detrás desses desdobramentos, há uma questão fundamental que nos parece ser uma chave explicativa para os interesses Florestan Fernandes pelo folclore[218]. Ora, a partir das

---

[216] Disponível em: FERNANDES, Florestan. Aspectos mágicos do folclore paulistano. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3º ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

[217] FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 44.

[218] No "item 1. 4" desta pesquisa levantamos algumas hipóteses na busca de compreender em que medida a pesquisa folclórica ajudou Florestan Fernandes a produzir interpretações sobre a sociedade brasileira que

pesquisas sobre a cultura *folk,* Florestan Fernandes chegou à conclusão de que os efeitos das mudanças sociais não eram partilhados uniformemente pelos indivíduos que àquela época compunha a sociedade. O acesso ao pensamento científico não se tornou universal, embora este tenha se configurado com um ponto crucial para as sociedades que buscavam e/ou estavam em processo de modernização social. Nas interpretações do autor, havia um acesso desigual à educação sistemática, onde cabia ao povo fazer usos daquilo que era considerado "sobrevivência", mas que na verdade era a realidade daqueles que não tinham a possibilidade de usufruírem da educação formalizada. Não se trata de diferenças constitutivas entre os indivíduos dessa ou daquela camada social, mas sim de um acesso desigual aos novos quadros mentais que foram se tornando aceitos na realidade social objetiva que se erguia com as mudanças sociais experimentadas. Há que se dizer que todas as sociedades passaram e experimentaram mudanças, no caso brasileiro essas mudanças não foram de alcance universal, tal como constatou Florestan Fernandes.

É importante ressaltar que esse entendimento do autor se deu ainda na década de 1940. Todavia, a partir de nossas leituras, percebemos que essa forma de encarar o folclore foi reafirmada na década de 1960 com a escrita do artigo "*Educação e folclore"*. Nesse texto Florestan Fernandes buscou discutir, efetivamente, as potencialidades educativas do folclore. O mencionado artigo foi publicado no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, na edição de nº 195 na data de 20 de agosto de 1960. No que tange à discussão sobre faculdade educativa do folclore, ele julgava que "[...] pelo jogo e pela recreação, a criança se prepara para a vida, amadurece para torna-se um adulto em seu meio social."[219] Naturalmente esse aprendizado se dava, predominantemente, por vias informais por onde a criança adquiria técnicas, conhecimentos e valores objetivados culturalmente que, mais tarde, viriam orientar o comportamento dos indivíduos na sociedade, como vimos com o artigo de 1943 - "*Educação e cultura infantil*". Florestan Fernandes seguiu dizendo que com o folclore "[...] a criança assimila esses elementos culturais, introduzindo-os em seu horizonte cultural e passando a ver

vivenciava a modernização. Com isso vemos que ao olhar para o folclore Florestan Fernandes identificou a forma desigual com que esse processo se materializa.

[219] FERNANDES, Florestan. Educação e folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 66.

as coisas muitas vezes através deles [...]"[220], desencadeando uma situação em que se estabelece uma continuidade sociocultural. Isso significa que as manifestações culturais - o folclore - que eram transmitidas entre as gerações moldavam o comportamento humano.

Embora o autor tenha percebido a potencialidade educativa das manifestações folclóricas e a sua influência na vida das crianças, Florestan Fernandes se preocupou em dizer que era necessário ter cautela na utilização do folclore como técnica educativa ou como recurso pedagógico. Para ele, embora o folclore pudesse ser aproveitado amplamente pelos professores de diversas áreas como um recurso educativo, não havia nada que justificasse a introdução do folclore como uma disciplina independente em qualquer que fosse o nível de ensino. Pudemos constatar esse olhar com a seguinte assertiva:

> Ninguém pode ignorar, em nossos, dias, o valor educativo do folclore. Mas ninguém deve ignorar a complexidade e a delicadeza dos problemas suscitados por sua utilização deliberada como instrumento de educação. Enquanto suas influências socializadoras se dão espontaneamente, não existem problemas. A criança "aprende" na rua. Alarga sua experiência e amadurecimento, convivendo com os outros. No entanto, quando se pensa em introduzir o folclore na escola e em tirar proveito deliberado do folclore como "técnica de educar", passa-se para um outro nível de reflexão e de ação.[221]

Podemos, aqui, aventar a hipótese de que essa cautela e/ou preocupação manifestada pelo autor se justifica por ser o período em que Florestan Fernandes se encontrava comprometido com a Campanha em Defesa da Escola Pública, mas sobretudo o que devemos reter dessa compreensão de Florestan Fernandes é que, para ele, o folclore como processo de educativo se dava por meio da informalidade, se dava por meio da troca dos elementos culturais, se dava pela brincadeira etc., o que, naturalmente, não implicava em dizer que, por isso, deveria ser inserido de forma deliberada na educação sistemática. Em outras palavras, o autor defendia o valor educativo do folclore e entendia que este poderia ser utilizado pelo sistema de educação, porém considerava que a inclusão do folclore no currículo era uma tarefa bastante complicada que requeria pesquisas aprofundadas sobre o assunto, com o intuito de verificar as reais e inovadoras contribuições que o folclore como disciplina poderia

---

[220] FERNANDES, Florestan. Educação e folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 67.

[221] FERNANDES, Florestan. Educação e folclore. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 68.

suscitar aos estudantes, vale dizer que esse é um debate de mesma ordem daqueles em que Florestan Fernandes discutiu com os folcloristas sobre o folclore ser ou não passível de ser classificada com ciência, tal como vimos no "Capítulo 1" desta dissertação.

Essa concepção acerca da relação entre o folclore e a educação foi reafirmada pelo autor quando o mesmo publicou uma resenha sobre o livro *Danças tradicionais das Américas* de Maria Amália Correa Giffoni. A resenha de Florestan Fernandes foi publicada no caderno Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo* de nº. 262 em 30 de dezembro de 1961. Ao discutir as danças tradicionais das américas, Fernandes sustentou, mais uma vez, a concepção de que o valor educativo do folclore deveria ser visto em relação com a herança cultural transmitida entre os indivíduos, pois

> Os que discutem o valor educativo do folclore deveriam partir do alargamento do horizonte cultural que o ensino poderia provocar. A questão não está tanto na introdução do folclore como disciplina acadêmica, no currículo de escolas superiores. Mas no aproveitamento inteligente, pelo menos de certa parte do folclore nacional ou estrangeiro, na reeducação do homem maduro e na socialização dos imaturos. [222]

Com esse trecho, nos foi possível constatar que o autor pouco se encontrava preocupado com a introdução do folclore no currículo, embora estivesse interessado em fazer um certo uso das manifestações folclóricas, tais como as danças tradicionais, onde, na opinião dele, seria possível promover o alargamento do horizonte cultural dos indivíduos. Com a resenha, Florestan Fernandes alertou para o fato de que o folclore, em geral, poderia e deveria ser usado com vistas a atuar como um elemento cultural recheado de histórias, tradições, costumes, conhecimentos etc., algo que por sua característica colocava os indivíduos em contato com um mundo simbólico e em contato com visões e interpretações diversas sobre o mundo.

Um outro artigo de Florestan Fernandes que envolveu o folclore e a educação se trata, também, de uma resenha que o autor elaborou sobre o livro *Jogos para recreação na escola primária* de Ethel Bauzer Medeiros. O artigo, de mesmo nome, foi publicado no Suplemento Literário d'*O Estado de S. Paulo,* sob o nº. 268, em 10 de fevereiro de 1962. Com a resenha em questão foi apresentada uma importante reflexão que, em nossa opinião, merece ser

---

[222] FERNANDES, Florestan. Educação e recreação: danças tradicionais das Américas. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 235.

sublinhada, visto que nos ajudou a interpretar a relação entre o folclore e a educação. No texto o autor apresentou a seguinte reflexão:

> Todas as comunidades humanas, destituídas da educação sistemática, organizaram de tal modo a vida da criança e do jovem, que lhes proporcionaram meios para o adestramento do corpo, o domínio artificial das energias e dos movimentos; enfim, criaram condições externas favoráveis ao crescimento do organismo e da personalidade. As comunidades humanas que basearam a formação do homem na educação sistemática tiveram que inventar recursos novos, que desse às escolas sucedâneos para esses métodos e técnicas espontâneas de desenvolvimento da "pessoa humana". [...] Com a crise do folclore, as crianças sofreram duros golpes em seu processo de crescimento e amadurecimento normais, pois não estabelecemos equivalentes e substitutos adequados aos folguedos e brinquedos tradicionais.[223]

Combinando essa reflexão de Florestan Fernandes com as outras que expomos até o momento, pudemos perceber que ele estava voltado a pensar o folclore como sendo esse um dos mecanismos constitutivos da personalidade humana. Para ele, o folclore era uma das ferramentas que proporcionava ao indivíduo o desenvolvimento de sua pessoa, haja vista que a cultura *folk* assegurou durante gerações o amadurecimento dos indivíduos que não dispunham da educação sistemática. Portanto, isso significa que as brincadeiras, os brinquedos, as danças, as lendas, as superstições e o mundo lúdico, em geral, eram elementos essenciais para que a pessoa humana pudesse desenvolver por completo a sua personalidade. Com isso, foi possível entender que Florestan Fernandes julgava que a formação humana baseada exclusivamente na educação sistemática perdia no processo de desenvolvimento completo da pessoa humana, pois existiam outras formas e/ou vias para o crescimento e o amadurecimento dos indivíduos, isto é: a socialização humana não se realiza, segundo ele, única e exclusivamente com a implementação da educação escolarizada. A fim de evitar equívocos, vale reforçar que Florestan Fernandes, apesar dessa posição, foi um dos principais defensores da escola pública no Brasil, pois reconhecia também a necessidade de um acesso universal à educação sistemática, ou seja, um acesso universal aos quadros mentais da nova ordem social. Portanto, a crítica por ele elencada era, justamente, a de que a educação sistemática não dispunha de condições de se apresentar, por si só, como um único mecanismo capaz de ampliar o horizonte cultural das pessoas. Para Florestan Fernandes, a formação da personalidade humana e a compreensão de mundo advinha também de outros meios.

---

[223] FERNANDES, Florestan. Educação e recreação: jogos para recreação na escola primária. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 225.

É bom lembrar que essas avaliações datam da década de 1960 e que, portanto, os efeitos da mudança social eram mais perceptíveis aos olhos do autor. Sendo assim, nos parece que o Florestan Fernandes estava tentando chamar atenção para o fato de que o folclore que já na década de 1940 "[...] estava em adiantado processo de desintegração. Já não era o mesmo folclore rico e vivo de outrora, capaz de renovar-se por suas próprias forças, de inspirar os homens e de mover suas ações ou suas concepções da vida [...]"[224]. Ou seja, podemos imaginar então a situação do folclore na década de 1960, a qual certamente não mais encontrava paralelo na vida social. Nesse sentido, foi possível extrair das declarações do autor um certo pesar ao ter constatado que a influência educativa ou o valor educativo do folclore se perderam no processo de transformações sociais, algo que a sociedade moderna não conseguiu encontrar elementos correspondentes.

Sendo assim, ao verificar o folclore em relação à cultura, à sociedade e à educação, segundo Florestan Fernandes, percebemos que para o autor os elementos folclóricos faziam parte da complexidade da vida em sociedade que, naturalmente, era permeada por valores culturais os quais eram compartilhados e irradiados, de maneira predominantemente informal, entre os indivíduos. Isso nos levou a perceber como os significados de cultura, sociedade e educação encontravam-se imbricados entre si, fazendo parte de um todo.

Nesse sentido, entendemos que o que Florestan Fernandes estava tentando demonstrar, a partir de suas análises sobre o folclore, era que esse termo compreendia elementos vivos da sociedade e, por isso, deveria ser tomado como objeto de estudo servindo como aporte para elucidar questões pertinentes à interpretação da vida social. Nos parece que o horizonte de Florestan Fernandes, ao defender o folclore enquanto uma fonte para se investigar as relações sociais e populares, abriu margens para se questionar a respeito da importância do folclore para aquele momento histórico, o qual abria caminhos para investigação folclórica e, dessa forma, abria oportunidades para os estudos sobre a cultura. Portanto, o folclore enquanto objeto de pesquisa se constituiu em uma forma de colocar o povo na pauta do dia, de modo a evidenciar os seus valores, comportamentos, crenças, brincadeiras, tradições etc., que atuavam de forma determinante na organização social. Contudo é preciso dizer que o povo,

---

[224] FERNANDES, Florestan. O folclore de uma cidade em mudança. In: _____ **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. p. 30.

aqui, é entendido como todos os indivíduos da sociedade sem distinção de classe, grupo ou raça, ora o folclore, tal como vimos, se encontrava presente em todas as classes sociais e era manifestado por todos os grupos sociais.

Na interpretação de Florestan Fernandes não havia a possibilidade de entender o folclore sem que o tomasse por completo, ou seja, sem que fossem observadas todas as vicissitudes que envolviam a sua manifestação. Em resumo, a conclusão do autor era a de que se o folclore permanecesse como um elemento cultural na sociedade esse deveria ser investigado, visto que através dele seria possível compreender os valores orientadores do comportamento humano de uma determinada sociedade, além de ser um estudo que possibilitava aos sociólogos a compreensão dos fluxos e refluxos de uma sociedade que experimentava a modernização. As análises sobre o folclore, portanto, funcionavam como um prisma capaz de lançar luz sobre diversos aspectos da vida social. Florestan Fernandes estava atento a essas questões e no exercício de sua profissão tentou colocar essa pauta em debate com a publicação de suas reflexões em jornais e revistas.

Com o próximo capítulo tentamos entender aquele ambiente ao observar os jornais pelos quais o sociólogo publicou suas reflexões, de forma a conhecer a opinião pública que cedia espaço para o folclore.

CAPÍTULO 3 - Florestan Fernandes e o grande público

> *[...] o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores.*
>
> *Antonio Candido*

Neste capítulo o nosso objetivo é apresentar, primeiramente, uma reflexão acerca dos usos que Florestan Fernandes fez dos suportes comunicativos, jornais e revistas, embora a nossa análise tenha se concentrado nos textos publicados nos jornais, visto que nos parece ser uma fonte privilegiada para analisar a relação entre Florestan Fernandes e o grande público. É importante mencionar que essa é uma escolha metodológica por entendermos que as revistas, embora importantes no processo de difusão do conhecimento, ficavam circunscritas aos debates universitários, uma vez que eram periódicos acadêmicos. O leitor desta pesquisa pode constatar essa afirmação ao consultar o "Apêndice" no qual constam, entre outras informações, as revistas por onde o sociólogo publicou.

Dito isso, é bom dizer que ao longo desta dissertação vimos a importância dos periódicos no processo de transmissão das análises que o autor realizou sobre o tema folclore. Sendo assim, nos parece que essas ferramentas de comunicação, por onde Florestan Fernandes publicou, estavam abertas aos debates sobre as questões culturais que se encontravam presentes naquele momento histórico. A questão folclórica, como vimos, foi um tema localizado historicamente e encontrou nos meios de comunicação - jornais e revistas - um local para a divulgação de seus debates. Essa é uma questão interessante e ilustrativa do fato de que as discussões folclóricas não se encontravam circunscritas ao âmbito da academia, tal como buscamos discutir em outros momentos. Inclusive o próprio autor deixou essa questão evidente na "*Nota Explicativa*" (1975) do livro *O folclore em questão* ao refletir sobre os usos e as potencialidades dos jornais e das revistas. Vale a pena reproduzir:

> Revendo esse passado tão recente - e que, não obstante, nos parece tão remoto! - sou forçado a fazer certas constatações melancólicas. Os cientistas sociais perderam muito terreno na comunicação com o chamado "grande público" e na colaboração frequente em jornais diários e revistas de "alta cultura". A comunicação em massa destruiu os nichos que ainda davam cobertura a uma maior participação intelectual dos cientistas sociais na discussão de temas de interesse geral; e a sociedade de consumo fez o resto, absorvendo o seu tempo de lazer em atividades que são características dos setores médios "afluentes". Doutro lado, uma profissionalização mal-entendida tende a reproduzir, aqui, os mesmos estragos que fez nos Estados Unidos, incentivando o isolamento intelectual e político dos "acadêmicos", fechados cada vez mais dentro dos seus muros e entre os seus pares.[225]

A partir dessa consideração de Florestan Fernandes foi possível constatar a importância atribuída pelo autor aos jornais e as revistas, sobretudo porque era uma forma de se comunicar com aqueles que se encontravam fora da academia, ou seja, era um instrumento imprescindível aos cientistas sociais na comunicação com a população em geral, de forma a não ficarem circunscrito a dialogarem apenas com seus pares.[226] Ademais, é necessário dizer que os jornais e as revistas se configuraram em uma oportunidade de colocar o folclore na pauta do dia, vimos isso ao longo desta pesquisa, principalmente, no que se refere aos debates entre os folcloristas e os "acadêmicos". Ainda diante da ponderação melancólica do autor, também entendemos que se por um lado Florestan Fernandes lamentava a perda de espaço dos cientistas sociais na comunicação com a população leitora, por outro lado isso significava que ele, desde o início de sua carreira, reconhecia a importância dessa ferramenta no processo de propagação dos conhecimentos acumulados na universidade, algo que pode justificar a intensidade de seu próprio envolvimento com os periódicos. Ou seja, Florestan Fernandes talvez seja o exemplo manifesto de um sujeito que esteve envolvido com os três pilares da

---

[225] FERNANDES, Florestan. Nota explicativa. In:_____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. XX.

[226] Aqui é necessário chamar a atenção para a existência de diversos estudos desenvolvidos a respeito de Florestan Fernandes que o tomam como um intelectual orgânico, nos termos de Antonio Gramsci (1891 - 1937). Esses estudos se assentam na concepção que assume a importância de Florestan Fernandes, enquanto intelectual, ao se inserir na vida prática de forma orgânica aos interesses da classe trabalhadora e também dos grupos marginalizados. Ver: LEITE, Jaciara Oliveira; CORDEIRO, Kátia Augusta Curado Pinheiro; MARTINS, Leila Chalub. O "intelectual orgânico" Florestan Fernandes: contribuições para a educação e para a pesquisa. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 90-102, 2017.; PROTO, Leonardo Venicius Parreira. **Florestan Fernandes como expressão do intelectual orgânico do socialismo nas décadas de 60 a 80**. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

universidade - pesquisa, ensino e extensão -, tal como buscamos discutir ao longo desta dissertação.[227]

Florestan Fernandes lançou mão desses recursos comunicativos por mais de 20 anos[228] ao ter elaborado reflexões acerca do folclore. O próprio autor reconheceu que "[...] embora tenha sido uma área de aprendizagem (de 1941 a 1945) e um setor marginal em meus centros de preocupações, o folclore sempre esteve presente em meus escritos até 1962"[229]. Ou seja, foi um tema relevante e longo sob a perspectiva temporal dos estudos do autor e, naturalmente, se tornou uma área de estudo relevante na compreensão sobre as portas que se encontravam abertas para esse tipo de discussão.

Sendo assim, ao desenvolver este capítulo buscamos, também, entender melhor sobre as portas que se abriram para as discussões folclóricas. Para isso, cabe dizer que a análise de alguns dos artigos publicados por Florestan Fernandes nos jornais foi de grande valia, pois entendemos que a imersão nessa questão nos auxiliou no processo de compreensão daquele ambiente, ou melhor, daquele espaço que era resguardado aos estudos de folclore durante aquelas décadas.

Cabe dizer que reconhecemos a existência de uma linha de pensamento que preconiza a importância de ser conhecer o texto e o contexto das publicações, levando em conta a linha editorial do jornal, os objetivos dos editores ao publicarem o texto etc.[230] Mas, apesar de reconhecer essa forma de trabalhar e a sua importância para o conhecimento dos periódicos, dado os objetivos deste capítulo, a nossa preocupação maior foi a de conhecer o texto de Florestan Fernandes em sua publicação original, com o intuito de verificar a linguagem do autor em seu diálogo com o grande público. Sendo assim, é bom mencionar que não fizemos uma análise dos periódicos e sim uma análise dos artigos de Florestan Fernandes, apesar de

---

[227] Dermeval Saviani ao discutir a importância de Florestan Fernandes para o campo educacional também destacou a atuação do sociólogo frente ao tripé da universidade. Ver: SAVIANI, Dermeval. Florestan Fernandes e a educação. **Estudos avançados**, v. 10, n. 26, p. 71-87, 1996.

[228] Cabe dizer que estamos cientes de que Florestan Fernandes lançou mão desse recurso até o fim de sua vida, mas, neste momento, o que nos interessa é pensar sobre o envolvimento do autor com o tema folclore.

[229] FERNANDES, Florestan. Nota explicativa. In:_____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. XIX.

[230] Conferir os trabalhos, sobretudo, de LUCA, Tania Regina. Magazines and writing of history: some interpretative challenges. In: (Orgs) ABREU, Márcia; DA SILVA, Ana Claudia Suriani. **The cultural revolution of the nineteenth century**: theatre, the book-trade and reading in the transatlantic world.. Bloomsbury Publishing, 2015. p. 45.

termos identificado a necessidade de se mencionar algumas questões para além do texto em si.

Todavia, mais uma vez, ressaltamos a grande quantidade de textos produzidos pelo autor que trataram da questão folclórica. Isto posto, cabe dizer que fizemos uma seleção de seis textos elaborados por Fernandes para discutirmos essas questões: "*O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio*"; *"O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças*" e; "*O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências*", todos publicados no mês de julho de 1943 no jornal *O Estado de S. Paulo*. Publicados em sequência e que merecem ser analisados conjuntamente. Além disso, foram lidos os demais textos: "*Mário de Andrade, literato-folclorista*", publicado no jornal *Correio Paulistano,* em 1946; "*Folcloristas em confronto*", de 1960 e publicado no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo;* e, por fim, "*Brincando de roda*", veiculado em 1962, também pelo Suplemento Literário d'*O Estado de S. Paulo*. Acreditamos que ao analisar esses trabalhos, em suas publicações originais, foi possível compreender melhor a importância dos jornais na difusão das reflexões folclóricas do autor.

Todavia, antes de adentrar propriamente nas análises dos artigos publicados pelo autor, parece-nos importante fazer um apanhado - especificamente no que se refere à questão folclórica - do percurso de Florestan Fernandes enquanto escritor público, ou seja, escritor para além dos muros da academia.[231]

Como já mencionamos em outros momentos, o autor teve a sua estreia, enquanto escritor de periódico, ainda no início da década de 1940 quando, até aquele tempo, era estudante de graduação de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da

[231] Sobre a importância da difusão dos conhecimentos adquiridos entre os intelectuais, acreditamos ser oportuno recorrer a Gramsci que ao falar sobre a necessidade de se valorizar o fator cultural, também como uma chave explicativa da sociedade, nos fez pensar a respeito da atuação de Florestan Fernandes como um escritor público. Antonio Gramsci afirmava que: "Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas 'originais'; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, 'socializá-las' por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais, um elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato 'filosófico' bem mais importante e 'original' do que a descoberta, por parte de um 'gênio' filosófico, de uma nova verdade que permanece como patrimônio de pequenos grupos intelectuais." Ver: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999. v. 1. p. 96.

Universidade de São Paulo. Em 1942, Florestan Fernandes publicou o seu primeiro artigo dissertando sobre a questão folclórica. A porta de entrada para a carreira de escritor público foi a *Revista Sociologia*. Nessa revista o autor veio a publicar em outras três oportunidades entre os anos 1942 e 1944. Após essa incursão, Florestan Fernandes veiculou artigos em cinco oportunidades na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* entre 1946 e 1949, e em três ocasiões na *Revista Anhembi* nos anos de 1956, 1957 e 1960. O autor também publicou duas vezes na *Revista Brasiliense* em 1958 e 1959, e uma vez em cada uma das seguintes revistas: *Revista Filosofia, Ciências e Letras*, *Revista Trópico* e *Revista de História*, respectivamente em 1945, 1950 e 1952.

Com essa breve rememoração, pudemos perceber que as revistas foram uma importante ferramenta de divulgação dos escritos do autor. Todavia, é primordial mencionar os usos que Florestan Fernandes fez dos jornais. Em 1943, o autor se lançou ao diálogo com o grande público-leitor.[232] Com uma parceria que durará longos anos, o jornal *O Estado de S. Paulo* foi o principal periódico o qual ele escreveu recorrentemente. Para se ter uma ideia, nesse jornal Florestan Fernandes publicou trinta e cinco artigos[233] os quais tinham o folclore como tema. Vale dizer que *O Estado de S. Paulo,* além de ter sido o primeiro jornal por onde Florestan Fernandes publicou, foi também o jornal que veiculou o seu último artigo de conteúdo folclórico no ano de 1962. Além disso, é necessário mencionar que o autor contribui com os jornais *Folha da Manhã* e *Correio Paulistano* com apenas um texto em cada suporte nos anos 1945 e 1946, respectivamente. Por fim, mapeamos que Florestan Fernandes contribuiu ao *Jornal de São Paulo* em cinco oportunidade no ano de 1946.

Foram, portanto, cinquenta e nove artigos em que Florestan Fernandes discutiu a questão folclórica, sendo que quarenta e dois foram publicados nos jornais e dezessete veiculados pelas revistas acadêmicas. Naturalmente, essa quantidade de textos publicados nos

---

[232] Conforme se pode conferir no "Apêndice" desta dissertação, o primeiro texto publicado, em jornais, por Florestan Fernandes que discorre sobre a questão folclórica data de 01 de julho de 1943 com o artigo "*O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio*". Ver: FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943.

[233] É necessário destacar que dos trinta e cinco artigos que Florestan Fernandes publicou no jornal *O Estado de S. Paulo* dezenove deles foram veiculados pelo Suplemento Literário do jornal que, por sua vez, foi lançado no ano de 1956. A partir dessa data todas as publicações, dissertando sobre o folclore, de Florestan Fernandes no jornal foram disponibilizadas no caderno em questão.

revela a importância desses meios de comunicação para o cientista social Florestan Fernandes.

Do ponto de vista da longevidade e intensidade de suas produções, cabe dizer que a década de 1940, a primeira década da carreira do autor, concentra a maior quantidade de publicações - trinta e dois artigos -, quer dizer, foi o momento de maior dedicação, especialmente no que se trata à coleta de materiais empíricos que resultou na elaboração de formulações teóricas. Já a década de 1950 foi marcada por dezenove artigos publicados nos periódicos, todavia devemos salientar que este é o momento em que Florestan escreveu artigos seriados para o jornal *O Estado de S. Paulo*, isto é, são textos sequenciais que foram publicados de forma fragmentadas nas edições do jornal, conforme exposto no "Apêndice" desta dissertação. Entre os anos 1960 e 1962 Florestan publicou oito artigos, dos quais sete deles foram veiculados pelo jornal *O Estado de S. Paulo.* Desses sete artigos veiculados pelo jornal, é necessário dizer que quatro dessas publicações tratavam-se de resenhas de livros de outros autores e/ou folcloristas. Algo importante de se mencionar, na medida em que demonstra que Florestan Fernandes encontrava-se atento àquilo que era produzido e publicado acerca da questão folclórica, ainda que nesta época o tema não fosse mais o seu principal objeto de análise.

Em síntese, esse apanhado sobre os usos requeridos por Florestan Fernandes dos jornais e das revistas nos informa sobre a importância desses recursos na carreira do autor. A prática de escritor público acompanhou o processo de desenvolvimento de sua profissão. O interessante disso é que essa atividade permitiu que Florestan Fernandes participasse do processo de formação da opinião pública. Nas próximas páginas concentramos esforços ao estudar alguns dos artigos publicados nos jornais que abriram espaço para Florestan Fernandes e o para o folclore.

Por fim, cabe dizer que sendo esses os nossos objetivos o leitor desta pesquisa poderá notar que o nosso foco principal não esteve concentrado em fazer um resgate histórico completo dos suportes comunicativos por onde Florestan Fernandes publicou, isso resultou, naturalmente, em algumas lacunas quando discorremos sobre os jornais. Não fizemos,

portanto, um exame desses periódicos[234], mas sim um esforço interpretativo das publicações de Florestan Fernandes, embora a nossa proposta tenha sido a de trazer algumas interpretações gerais sobre os jornais e sobre as revistas, sobretudo no que diz respeito ao caderno e/ou edição em que foram veiculados os artigos do autor.

3. 1 Florestan Fernandes: o folclore nos jornais

Embora tenhamos indicado os artigos aos quais nos detemos a investigar, se faz necessário apresentar as justificativas para tal escolha. No que se refere às publicações de Florestan Fernandes nos jornais, optamos por escolher textos que foram publicados em situações diferentes. Vejamos: os artigos sequenciais "*O negro na tradição oral*" publicados em 01, 15 e 22 de julho de 1943 pelo *O Estado de S. Paulo* foram os primeiros textos publicados por Florestan Fernandes nos quais ele discutiu a questão folclórica, algo que marcou o início do diálogo do autor com o grande público, isso por si só já merece um aprofundamento. Vale dizer que esses três artigos não se encontram nas publicações, em forma de livro, que reúnem os textos sobre o folclore produzidos por Florestan Fernandes, e para acessar esses textos os pesquisadores do tema folclórico na obra de Florestan Fernandes devem lançar mão do livro *O negro no mundo dos brancos* (1972)[235] ou devem buscar o conteúdo, em sua forma original, pelo acervo do jornal *O Estado de S. Paulo*.[236] É necessário destacar o fato de que no livro *O negro no mundo dos brancos* os artigos não foram dispostos respeitando a ordem cronológica das publicações, o que na nossa interpretação interfere na linha de raciocínio formulada pelo autor.

---

[234] Há que se mencionar a existência de uma extensa bibliografia que discute a história da imprensa brasileira. Podemos citar o livro de Nelson Werneck Sodré que fez um trabalho extenso sobre a imprensa no Brasil de 1808 até a década de 1960 e a pesquisa de Oscar Pilagallo que estudou a imprensa paulista. Ver: SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. com capítulo inédito Rio de Janeiro, RJ: Muad, 1999.; PILAGALLO, Oscar. **História da imprensa paulista**: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma. São Paulo, SP: Três Estrelas, 2012.

[235] FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo, SP: Difusão Européia do Livro, 1972. 285 p.

[236] Cabe dizer que tivemos conhecimento desse artigo ao fazer ampla pesquisa das publicações de Florestan Fernandes no jornal. Nesse sentido, o acervo online do jornal *O Estado de S. Paulo* foi de grande importância para o nosso trabalho. Ver: <https://acervo.estadao.com.br/.>

Além disso, em nossa opinião, esses três textos sobre "*O negro na tradição oral*" são fundamentais para se compreender o folclore em Florestan Fernandes, porém não apenas o folclore na obra do autor. Basta lembrar que a questão do negro foi um tema fundamental para a discussão sobre questão nacional, tema o qual Florestan Fernandes mais tarde se dedicou a estudar com maior profundidade. Ou seja, esses artigos demonstram que o interesse do autor para com a questão racial brasileira já vinha sendo gestado há algum tempo e ao analisar o folclore nacional, sob essa perspectiva, podemos inferir que o autor pôde ampliar o seu leque de compreensão sobre a questão do negro no Brasil, isto é: Florestan Fernandes compreendeu a "força de irradiação" do tema.

Já o artigo "*Mário de Andrade, literato-folclorista*"[237], veiculado pelo *Correio Paulistano*, é um texto que datou do aniversário de um ano de morte de Mário de Andrade, ou seja, foi uma publicação comemorativa com vistas a demonstrar ao leitor do jornal a importância do "literato-folclorista" para o folclore nacional, vale lembrar que Mário de Andrade era considerado um dos principais nomes da esfera artística no contexto brasileiro e que tinha a questão popular como o tema mais expressivo em sua obra. Além disso, cabe dizer que o texto de Florestan Fernandes foi a única publicação do autor no referido jornal, isso também nos despertou interesse investigativo. Já o artigo "*Folcloristas em confronto*"[238], por sua vez publicado no Suplemento Literário d'*O Estado de S. Paulo,* nos interessou, sobretudo, por se tratar de um diálogo direto de Florestan Fernandes para com os folcloristas, algo que pode ajudar o leitor a entender melhor o "Capítulo 1" desta dissertação.

Além disso, analisamos a penúltima publicação de Florestan Fernandes sobre o folclore. Trata-se de uma resenha bibliográfica que o autor escreveu sobre o livro *Brincando de roda*[239] de Iris Costa Novaes. A resenha foi igualmente veiculada pelo Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*. O nosso objetivo com a análise dessa resenha foi o de conhecer também essa característica do autor, de modo a compreender, em alguma medida,

---

[237] FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade, literato-folclorista. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18 - 19.

[238] FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.

[239] NOVAES, Iris Costa. **Brincando de roda**. Coautoria de Alayde Miranda Fortes, Rosalba Diva Marchesini, Maria Arlinda de Carvalho Correa. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Agir, 1983. 258 p.

os seus olhares para a produção folclórica do período. O nome da resenha produzida por Florestan Florestan é, também, "*Brincando de roda*".[240]

Dito isso, vamos aos textos respeitando a cronologia das publicações.

a) *O Estado de S. Paulo*: Florestan e a discussão sobre o folclore

Sobre as primeiras publicações de Florestan Fernandes, é importante pontuar que o autor recebeu a indicação, por parte de Sérgio Milliet para publicar no jornal *O Estado de S. Paulo.* Inclusive Florestan Fernandes rememora esse período e destaca a ajuda de Roger Bastide:

> Ao saber das minhas dificuldades, também se ofereceu para conseguir-me um emprego de tipo intelectual. Levou-me a Sérgio Milliet e este teve o bom senso de decidir: se Florestan começa a trabalhar aqui, na Biblioteca Municipal, ele enterra qualquer carreira que seu talento lhe possa abrir. Como alternativa, colocou-se à minha disposição para publicar os artigos que quisesse escrever em *O Estado de São Paulo.*[241]

Com esse trecho, pudemos levantar explicações sobre o envolvimento de Florestan Fernandes com o jornal em questão. Bem, o cientista social recebeu uma indicação direta para que passasse a contribuir sobre o "que quisesse escrever" naquele periódico.[242] A indicação de Sérgio Milliet é significativa nesse caso, pois Milliet era, à época, um importante intelectual que colaborava recorrentemente ao *O Estado de S. Paulo*, ou seja, podemos inferir que exercia alguma influência dentro jornal. Disso depreendemos que Florestan Fernandes foi indicado para realizar o diálogo com grande público, isto é, as portas se abriram para tal processo e ele, naturalmente, aproveitou a oportunidade.

---

[240] FERNANDES, Florestan. Brincando de roda. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1962. Caderno Suplemento Literário. p. 2.

[241] FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In:_____ **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 161-162.

[242] A título de curiosidade, podemos mencionar o quanto a temática das primeiras publicações era variada. Vejamos: Florestan Fernandes publicou em 1944 os seguintes artigos, além daqueles que discutiam a cultura *folk*, "*Júlio Correia - poeta paraguaio*" e "*Hugo Rodrigues Alcalá - poeta paraguaio*". Ver: FERNANDES, Florestan. Júlio Correia - poeta paraguaio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26 fev.. 1944. p. 4.; FERNANDES, Florestan. Hugo Rodrigues Alcalá - poeta paraguaio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23 mar. 1944. p. 4.

Sobre o jornal *O Estado de S. Paulo* cabe dizer que ele se encontra em circulação desde 1875, inicialmente denominado de *A província de S. Paulo*, tendo sido "[...] idealizado por defensores da república, que viam no sistema monárquico um entrave ao desenvolvimento livre do Brasil."[243] Segundo Nelson Werneck Sodré (1911 - 1999), o jornal sobrevivia, à época de seu ano inicial, "[...] de anúncios (de casas comerciais de amigos, de falecimentos, de missas, de partida de navios de Santos, de espetáculos de teatro, de chegada de médicos da Corte, de negros fugidos) [...]"[244], mas que com o passar dos anos foi ganhando novas feições tendo em vista o cenário político nacional e internacional. O jornal e suas lideranças, sobretudo o envolvimento da família Mesquita, estiveram em constante tensão devido aos seus posicionamentos políticos em momentos chave da política nacional.[245]

A nós, o importante a reter é o fato de que o jornal exerceu grande influência no processo de formação da opinião pública ao longo de sua existência e, além disso, abriu portas para a discussão folclórica. À época da publicação de Florestan Fernandes, o jornal estava sob intervenção da ditadura do Estado Novo, visto que em 25 de março de 1940 a redação foi invadida por militares e o seu diretor foi levado preso. Com isso o regime ditatorial, por meio do conselho nacional de imprensa, decidiu por indicar um nome de confiança para dirigir o jornal. O escolhido foi Abner Mourão (1890 - 1957) que ficou à frente do periódico até a devolução do mesmo à família Mesquita em 06 de dezembro de 1945. *O Estado de S. Paulo* não reconhece os números publicados durante o período de intervenção, isso é importante para nós, haja vista que os artigos aqui estudados foram publicados justamente nesse ínterim.

Isso significa que os artigos publicados por Florestan Fernandes nas edições de números, respectivamente, 22.641, 22.653 e 22.659 - sob intervenção - os quais investigamos aqui, não foram reconhecidos pelo jornal. Inclusive, vale dizer que quando devolvido à

---

[243] MADIO, Telma Campanha de Carvalho. **A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX**: O Estado de S. Paulo. História (São Paulo)**,** p. 61-91, 2007.

[244] SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966. p. 260.

[245] Para um aprofundamento nessa questão, ver: COSTA, Alexandre Andrade da. **Caleidoscópio político**: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo (1938-1945). Editora UNESP, 2010; LIMA, Soraia Herrador Costa. **Júlio de Mesquita Filho: entre a máquina de escrever e a política.** O discurso como elo entre o líder civil e o jornalista na cobertura da Revolução de 32 pelo jornal O Estado de S. Paulo. 2008. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo.

família Mesquita o jornal retomou a contagem das suas edições a partir da última publicação antes da interferência ditatorial.

a. a. *Florestan Fernandes em "O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio"*

O artigo do dia 01 de julho de 1943, "*O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio*", escrito por Florestan Fernandes, se localizava na página de número quatro de uma edição que contava com doze páginas.

Há algumas questões interessantes da edição que valem a pena serem aqui apontadas. A página de capa, assim como parte da página número dois, dedicava-se a trazer informações sobre o desenrolar da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), pois apresentavam uma série de notícias e informes sobre os acontecimentos nas áreas de conflitos. Podemos destacar aqui, para ilustrar aos leitores desta pesquisa, duas manchetes daquela edição e que ganharam destaque na primeira página do jornal. A primeira delas se trata dos "Posições germânicas conquistadas pelas forças russas" e "Os bombardeios aéreos aliados afetam o moral dos inimigos", mas o importante a mencionar é o fato de que os informes dos acontecimentos da guerra eram recorrentes nas diversas edições do jornal, inclusive nas outras duas edições, as quais analisamos aqui, esse tema também apareceu. Ora, era um tema que parecia mobilizar os possíveis leitores da época.[246]

As demais páginas apresentavam artigos e informes que discutiam outros temas, tais como a economia e o câmbio, as datas comemorativas católicas, notícias esportivas etc. Aquela edição apresentava uma quantidade relevante de anúncios e classificados, sobretudo entre as páginas oito e doze, além de conter uma página quase que inteiramente dedicada à divulgação dos filmes e das peças de teatro em cartaz.

---

[246] Acerca do público leitor, não temos como afirmar qual era seu interesse ou gosto, muito menos quem era esse público e qual sua dimensão. Contudo, sabemos que se trata de jornais de grande circulação, subentendendo a existência de uma extensa comunidade de leitores. Para mais detalhes sobre a categoria sociológica de público leitor, ver: PAIXÃO, Alexandro Henrique. **Leitores de tinta e papel**: elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX Campinas-SP: Mercado de Letras, 2017.

Todavia, o que nos interessa aqui é o artigo de Florestan Fernandes que, como mencionamos, ocupou espaço na página quatro do jornal. Essa página é algo bastante interessante de ser discutido, isso porque, ao nosso ver, ela apresenta elementos que diferem e não dialogam com os demais conteúdos que compunham o jornal daquela edição. Nos parece ser uma página isolada que, por sua vez, tinha por temática as discussões sobre a cultura.[247]

A página foi composta por sete artigos, são eles: "*Estrangeiros no Brasil*" de Conde Emmanuel Bennigsen[248], "*Vida e obra do bandeirante*" de Sérgio Milliet, "*Vida intelectual nos Estados Unidos*" de Rolmes Barbosa[249], "*Estudos sociais*" de Nelson Werneck Sodré, "*O destronamento do Radium*" de Richard Lewinson[250], "*Plataforma da nova geração*" que, por sua vez, se tratava de uma "[...] série de 29 entrevistas com a "geração de moços" [...]"[251] que respondiam sobre temas diversos, entre eles política e intelectualidade, o projeto foi elaborado por Mário Neme (1912 - 1973), nessa edição contou com reflexões de Cecílio J. Carneiro (1911 - 1970)[252] e, por fim, o texto de Florestan Fernandes. No que diz respeito ao artigo de Fernandes, cabe dizer que ele está localizado no canto superior direito da página e se estende até a página seguinte.

O que de início nos chamou a atenção é o fato de que todos os textos trabalhavam, em alguma medida, com o tema da cultura. Além disso, há que se ressaltar o fato de que os próprios autores, ao que nos parece, encontravam-se àquela época envolvidos com essa temática. Se aqui pudéssemos nos utilizar de uma analogia anacrônica seria a de dizer que essa página funcionava como um pequeno e enxuto suplemento literário que mais tarde viria a fazer parte do jornal. Além disso, cabe destacar o fato de que Florestan Fernandes dividiu o espaço com Sérgio Milliet, pessoa que o indicou para tal ofício.

Dito isso, vamos à análise do referido texto, seguindo a sugestão metodológica de Erich Auerbach que, como já dissemos, orientou o nosso trabalho. Florestan Fernandes iniciou o texto da seguinte forma:

---

[247] Conferir essa temática com a "Figura 1", disponibilizada na página 108 desta dissertação.
[248] Emigrado russo que colaborava no período matutino com o jornal *O Estado de S. Paulo*.
[249] Ao que nossa pesquisa demonstra Rolmes Barbosa contribuía regularmente para o jornal.
[250] Até o momento, não conseguimos localizar precisamente a figura de Richard Lewinson.
[251] SILVA, Tathianni Cristini da. **Um intelectual caipira na cidade**: a trajetória de Mário Neme e sua gestão no Museu Paulista. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
[252] Escritor de origem libanesa, mas naturalizado brasileiro. O autor tem como sua principal publicação o livro *Memória de um redivivo* de 1955.

> O negro escravo ocupou, na sociedade brasileira, uma posição sui-generis, - infiltrando-se "em nossa vida íntima", como observou Silvio Romero. Por isso conseguiu estabelecer e manter um sistema de relações primárias com os senhores, o que o colocou em situação privilegiada no grupo familial do branco e possibilitou o amplo sincretismo operado entre os elementos das três culturas em contato (do branco, do negro e do indígena). Estes aspectos da vida relacional e o aumento constante, durante o período do Brasil colônia e até meados do século XIX, do contingente negro, através do tráfico e da própria reprodução, tendendo este elemento a distribuir-se sobre uma área cada vez maior e a participar constante e ativamente da vida cultural de toda a sociedade, explicam a preponderância do negro sobre o índio em nossa tradição oral (quer nos aspectos aculturativos iniciais, quer no posterior desenvolvimento de amplos processos de aculturação). Além disso, o elemento indígena tendia a se retrair para o sertão, fugindo ao cativeiro imposto pelos brancos; embora não tenhamos dados concretos para avaliar quantitativamente o que afirmamos, é do conhecimento geral essa fuga do índio à civilização branca. É claro que a consequência imediata desse retraimento traduziu-se por uma diminuição dos contatos entre os índios e os brancos, o que possivelmente veio a atenuar a intensidade dos processos aculturativos existentes entre os dois grupos. As relações diretas entre negros e índios foi inicialmente prejudicada pela aversão que aqueles causavam aos silvícolas machos (cf. Saint-Hilaire) e provavelmente por motivos religiosos. Suas relações se tornaram mais íntimas só posteriormente, mas nunca chegaram a ser consideráveis, e isso nos força a admitir a hipótese de que a ação do negro sobre o folclore do índio se processou através de contatos com os brancos, e sobre os elementos da cultura oral indígena aceitos pelos mesmos brancos.[253]

Logo de início é interessante observar que Florestan Fernandes recorreu ao estudioso Sílvio Romero para matizar seu ponto, qual seja, o papel do negro na cultura brasileira, consequentemente seu impacto sobre o folclore nacional. Apesar de já termos mencionado anteriormente textos nos quais o autor dissertou sobre a atividade folclorística de Sílvio Romero, aqui nos parece que o interesse de Fernandes para com o trabalho de Romero[254] se deu por outro motivo. O uso requerido por Florestan Fernandes é, para nós, feito com um objetivo estratégico ao citar um pesquisador que no século XIX já alertava para a possível influência do negro na formação intelectual brasileira[255] e que acreditava que o negro havia

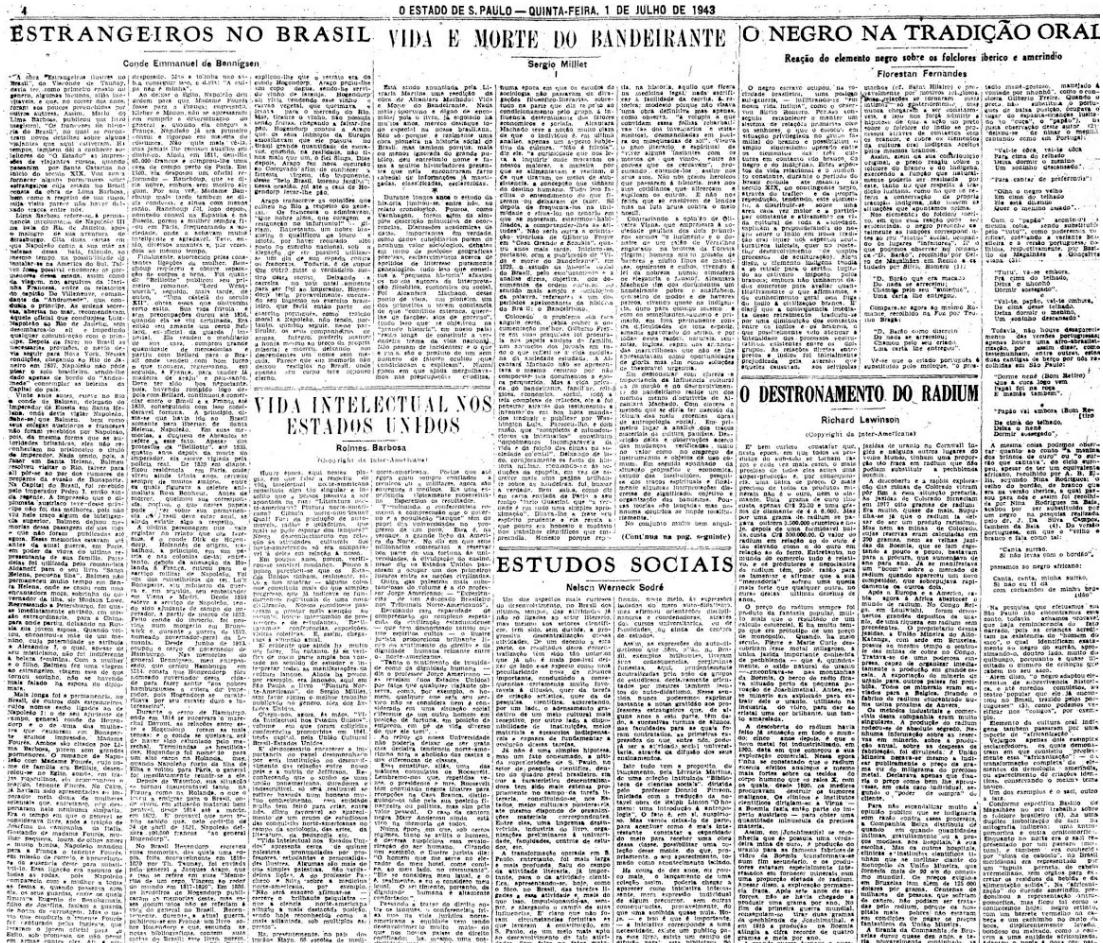
---

[253] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 4.

[254] Sobre a relevância do trabalho desenvolvido por Sílvio Romero é interessante recorrer à tese (1945) de Antonio Candido que mais tarde lhe valeu o título de Livre-Docente e, posteriormente, se tornou o livro *O método crítico de Sílvio Romero*. Ver: CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1988.

[255] Sílvio Romero defendeu essa ideia no livro *História da literatura brasileira* em meio ao Capítulo número VII ao discutir as tradições populares. O autor fez a seguinte afirmação: "A falta de documentos não quer dizer que o negro não tenha influído intelectualmente no Brasil." Ver: ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Tomo primeiro. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-editor. 2ª ed. 1902. p. 84.

Figura 1 - Página do jornal *O Estado de S. Paulo,* em 1 de julho de 1943.



4 O ESTADO DE S. PAULO — QUINTA-FEIRA, 1 DE JULHO DE 1943

ESTRANGEIROS NO BRASIL

Conde Emmanuel de Bennigsen

VIDA E MORTE DO BANDEIRANTE

Sergio Milliet

O NEGRO NA TRADIÇÃO ORAL

Reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e amerindio

Florestan Fernandes

VIDA INTELECTUAL NOS ESTADOS UNIDOS

Rolmes Barbosa

(Copyright da Inter-Americana)

O DESTRONAMENTO DO RADIUM

Richard Lawinson

(Copyright da Inter-Americana)

ESTUDOS SOCIAIS

Nelson Werneck Sodré

"PLATAFORMA DA NOVA GERAÇÃO"

Cecilo J. Carneiro

Fonte: Jornal *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso em: 12 jul. 2020

desenvolvido um papel maior do que o índio na formação cultural brasileira,[256] algo com o qual o próprio autor aqui estudado demostrou concordar.

Com isso, podemos dizer que com essa ponderação inicial Florestan Fernandes buscou estabelecer uma explicação histórica, fundamentada em estudos anteriores, capaz de justificar uma maior participação do negro na vida cultural - no folclore - da sociedade brasileira em relação à influência cultural exercida pelo grupo indígena. Alguns pontos merecem ser destacados dessa avaliação. O primeiro deles é o de que Florestan Fernandes buscou reconhecer a existência de uma relação de proximidade, isso não significa algo essencialmente harmonioso, entre brancos e negros. Outro ponto, levantado pelo autor, dizia respeito ao contingente populacional entre os grupos étnicos, haja vista que o contingente negro em todo o período, até o século XIX, foi crescendo em virtude do tráfico e da própria reprodução entre esse grupo. Isso significa que, para além da própria ordem das relações, havia uma ação externa, no caso o tráfico de pessoas negras escravizadas, algo que poderia vir a justificar a maior intensidade da influência negra no folclore brasileiro, justamente pela maior presença do negro no contexto nacional em comparação com o indígena.

Naturalmente, isso quer dizer que havia, na opinião do autor, uma menor participação do grupo indígena que, além disso, se retraia para o sertão para fugir da ação do homem branco, segundo o próprio Florestan Fernandes. Essa retração provocada pelo indígena tornava, segundo o autor, a relação entre branco e índio um pouco mais complexa, algo que tenderia a acontecer por meio da aculturação, ou seja, a relação exigia uma correlação de forças. Já no que se referia a relação entre o negro e indígena, esse último evitava uma aproximação. Aqui, é proveitoso mencionar a referência feita por Florestan Fernandes ao estudioso francês Auguste de Saint-Hilaire (1779 - 1853) que, por sua vez, viajou por diversas regiões território brasileiro no início do século XIX com o intuito de conhecer aspectos pertinentes à cultura e à natureza brasileira. Saint-Hilaire foi um nome bastante mencionado pelo sociólogo brasileiro, tendo em vista o trabalho por ele desenvolvido sobre a população indígena brasileira e, em alguma medida, sobre a população negra em sua relação com o

[256] Sobre essa questão, a qual Florestan Fernandes demonstrava concordar, Romero entendia que "Ao negro devemos muito mais do que ao índio; ele entre em larga parte em todas as manifestações da nossa atividade. Cruzou-se muito mais com branco". Ver: ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Tomo primeiro. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-editor. 2ª ed. 1902. p. 74.

branco e, também, com o índio. Vale dizer que a opinião de Saint- Hilaire era a de um viajante estudioso e interessado nos conflitos e relações estabelecidas em um país *sui generis* tal como o Brasil, algo que foi problematizado por Florestan Fernandes.

Nesse sentido e dadas as referências utilizadas pelo autor aqui estudado, podemos dizer que ele chegou à conclusão de que a participação do negro na vida cultural da sociedade brasileira se deu, em alguma medida, porque a relação estabelecida entre branco e negro permitiu uma troca de influências, onde o elemento negro se infiltrou na tradição oral brasileira. No caso da relação entre branco e indígena isso não ocorreu, da mesma forma que se for avaliada a relação entre negro e indígena se poderá constatar que não houve influência significativa do negro na tradição oral folclórica do índio. E, na opinião do autor, caso o negro tenha agido sobre o folclore indígena teria acontecido por meio do elemento branco nessa rede de influências, ou seja, por meio da relação do indígena com o branco.[257]

Ainda com vistas ao texto sobre a tradição oral do negro no folclore brasileiro, Florestan Fernandes continuou da seguinte forma:

> Assim, além da sua contribuição original, o preto reagiu sobre o folclore do branco e do indígena, exercendo a função que naturalmente poderia ser realizada por este, tanto no que respeita a tradição lusitana, como no que se referia à conservação da própria tradição indígena, não fossem as situações apontadas acima. Nos elementos do folclore ibérico, em que essa reação pode ser evidenciada, o negro preenche, geralmente as funções correspondentes ao seu *status* social, ocupando os lugares "inferiores".[258]

É importante ressaltar que Florestan Fernandes chamou a atenção para os limites para os da participação do negro no folclore ibérico e indígena. Ou seja, embora a participação

---

[257] Cabe aqui dizer que foi uma questão que preocupou as investigações de Florestan Fernandes, pois, em 1948, ao escrever uma série de cinco artigos para o jornal *O Estado de S. Paulo* discorrendo sobre o folclorista Amadeu Amaral. No texto do dia 12 de dezembro ("*Contribuição folclorística de Amadeu Amaral: II - formação e desenvolvimento do folclore brasileiro*"), Florestan Fernandes apontou o fato de que o trabalho assistemático realizado pelo folclorista o levou a preocupar-se "[...] fundamentalmente com as fontes ibéricas e com as correntes de renovação interna (*nativas*), atribuindo pouca importância à contribuição dos outros grupos étnicos [...]", no caso os negros e os indígenas. Ora, Florestan Fernandes, como vimos, identificou a influência da tradição oral do negro no folclore brasileiro, assim como Sílvio Romero buscava demonstrar, algo que Amaral não chegou a apontar. Ver: FERNANDES, Florestan. Contribuição folclorística de Amadeu Amaral: II - formação e desenvolvimento do folclore brasileiro. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 12 dez. 1948. p. 4.; FERNANDES, Florestan. Amadeu Amaral e o folclore brasileiro. In: _____ **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003. p. 149.

[258] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 4.

fosse limitada ela poderia ser sentida, sobretudo ao analisar as composições folclóricas em que aparecia o elemento negro ocupando certas funções pré-determinadas. Para exemplicar o seu ponto, Florestan Fernandes recorreu ao romance chamado "*D. Barão*" que no Recife, quando mapeado por Celso de Magalhães (1849 - 1879)[259], se apresentava da seguinte forma: "D' Barão que era macaco/ De nada se arreceou/ Chamou pelo seu "moleque"/ Uma carta lhe entregou."[260] Em contrapartida, esse mesmo romance quando colhido em Portugal por Teófilo Braga (1843 - 1924)[261] se apresentava, segundo Fernandes, da seguinte maneira: "D. Barão como discreto/ De nada se arreceou/ Chamou pelo seu criado/ Uma carta lhe entregou."[262]

Florestan Fernandes, então, concluiu: "Vê-se que o criado português é substituído pelo moleque, o "prestadio mané-gostoso, manejado à vontade por nhonhô", como considera Gilberto Freyre."[263] Cabe dizer que a referência a Gilberto Freyre pode ser encontrada no livro *Casa-Grande & Senzala* quando Freyre narrou a situação em que a criança negra escravizada era colocada na função de companheira de brincadeira da criança branca, geralmente de idade igual ou próxima.[264] Isso é importante, pois evidencia que Florestan Fernandes já se colocava em diálogo com um dos autores mais relevantes para o Pensamento Social Brasileiro da época, ora o livro *Casa-Grande & Senzala* - que se tornou referência para as pesquisas sobre a formação cultural brasileira - foi publicado pela primeira vez em 1933, ou seja, uma década antes de Fernandes escrever o artigo aqui analisado, isso nos mostra o repertório intelectual do autor aqui estudado, visto que no início de sua carreira já tecia comentários sobre o trabalho empreendido por Gilberto Freyre.

Voltando ao trecho, cabe ainda notar que Florestan Fernandes teceu o seu argumento tentado demonstrar que de fato teria existido uma adaptação do folclore ibérico no contexto e

---

[259] Celso de Magalhães, nascido no estado do Maranhão, foi um estudioso do folclore brasileiro e que, entre outros interesses, se dedicou ao estudo da poesia popular.

[260] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 4.

[261] O português Teófilo Braga tem uma obra reconhecida sobretudo no que diz respeito a sua carreira literária, mas atuou em diferentes áreas, tal como o direito, a sociologia, filosofia e política.

[262] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 4.

[263] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 4.

[264] Ver: FREYRE, Gilberto. **Casa- Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. - 48ª ed. rev. - São Paulo: Global, 2003. - (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1). p. 419.

realidade nacional. O autor seguiu dizendo que "[...] quando o preto não substituía o português de baixa posição, ocupava o lugar do espanta-crianças lusitano (o "cuca", o "papão") [265] Florestan Fernandes exemplificou o seu argumento com alguns trechos de cantigas de ninar, os quais reproduzimos abaixo. A primeira se tratava da cantiga em sua forma original cantada em Portugal, já a segunda se referia a adaptação cantada no Brasil.

> (1) "Vai-te, coca, vai-te coca
> Prá cima do telhado
> Deixa dormir o menino
> Um soninho descansado."
>
> (2) "Olha o negro velho
> Em cima do telhado
> Ele está dizendo
> Quer o menino assado."

Os versos demonstram uma adaptação da cantiga no contexto brasileiro, onde o elemento negro apareceu em substituição ao ser imaginário "coca" conhecido por assombrar crianças, algo que levou Florestan Fernandes a concluir que "[...] não houve desaparecimento das versões portuguesas: apenas houve uma afro-abrasileiração, por assim dizer [...]."[266] Isso significa que o folclore ibérico ao ter se manifestado no contexto brasileiro incluiu o negro em suas cantigas folclóricas e, como de costume para aquela época, o fez de modo pejorativo, como acabamos de apresentar. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que o contrário também é verdadeiro, para o autor, pois o negro também passou a se utilizar de elementos do folclore ibérico, como as cantigas etc, haja vista que Florestan Fernandes falava de uma cultura que era compartilhada entre os grupos e, sendo assim, participava da organização da vida coletiva, tal como discutimos no "Capítulo 2" desta dissertação.

Em sequência, após apresentar as cantigas que, na interpretação do autor, confirmavam a afro-abrasileiração da cultura *folk*, Fernandes passou então a discutir a influência do elemento negro entre o folclore indígena:

> Elementos da cultura oral indígena também passaram por uma espécie de "africanização". Vejamos apenas dois exemplos esclarecedores, os quais demonstram em que consistiu precisamente essa "africanização": ou transformação

[265] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 4.
[266] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 4.

> completa de elementos da demologia ameríndia; ou aparecimento de criações idênticas, conservando o mesmo tema básico. Um dos exemplos é o saci, outro a iara.[267]

Os exemplos citados são bastante conhecidos até os dias de hoje e se tornaram, então, uma fonte para que Florestan Fernandes pudesse identificar como o elemento negro foi incorporado, digamos assim, na tradição oral pelo folclore indígena. De forma sucinta o autor resumiu essa incorporação da seguinte forma:

> Conforme especifica Basílio de Magalhães, no seu trabalho sobre o folclore brasileiro, há uma dúplice simbolização do saci na mitologia indígena: uma antropomórfica e outra ornitomórfica. Enquanto no Norte era o saci representado por um "tapuia perneta de cabelo avermelhado, sem órgãos para excretar os resíduos da bebida e da alimentação sólida", na "africanização" do duende ameríndio predominou a representação antropomórfica, mas ficou tal como a conhecemos hoje: negro retinto com um barrete vermelho na cabeça e um cachimbo no canto da boca, displicentemente levado, bondoso ou malvado, como convém a uma entidade africanizada. [...] A iara já tinha uma correspondente na hidrolatria fetichista dos negros africanos: iemanjá. Entretanto, não houve propriamente uma substituição, na nossa cultura oral, desta por aquela, mas apenas o aparecimento de outra entidade idêntica, a "mãe-d'água".[268]

A referência à Basílio de Magalhães (1874 - 1957) é bastante oportuna, pois se tratou de um estudioso que se dedicou a conhecer o folclore brasileiro e se envolveu em pesquisas para estudar e interpretar a origem de mitos e lendas presentes na tradição popular.[269] Ao buscar conhecer os trabalhos realizados e que, por sua vez, discutiam as influências étnicas na construção das lendas e dos mitos, Florestan Fernandes chegou à conclusão de que houve trocas de influências entre os grupos formadores da cultura nacional, onde o elemento negro também exerceu participação na tradição oral brasileira, sendo que a essa experiência podemos dar o nome de "transferências culturais." Inclusive, é necessário mencionar o pioneirismo de Florestan Fernandes, ainda na década de 1940, ao discutir sobre a ocorrência das "transferências culturais", como bem apontou Alexandro Henrique Paixão em suas pesquisas[270], onde constatou que as interpretações de Florestan Fernandes apontavam em "[...]

---

[267] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 4.

[268] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 4 e 5.

[269] Ver: MAGALHÃES, Basílio de. **O folclore no Brasil**: com uma coletânea de 81 contos populares. Coautoria de João da Silva Campos. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: O Cruzeiro, 1960. 382 p.

[270] Ver: PAIXÃO, Alexandro Henrique. **Leitores de tinta e papel**: elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017. 335 p.; PAIXÃO, Alexandro Henrique;

uma direção contrária às perspectivas centradas em formas homogêneas de contato, pois os processos nacionais são diferentes e as trocas entres os espaços se dão sempre de maneira heterogênea."[271] Isto é, Florestan Fernandes já ensejava desnaturalizar a ideia de que a influência cultural se dava em um único sentido.

Por fim, o autor aqui estudado concluiu o artigo fazendo a seguinte consideração:

> Esses elementos, segundo cremos, podem dar uma ideia do que dissemos, acerca da reação do negro sobre os elementos do folclore ibérico e indígena e mostraram que, relativamente ao folclore do branco, há uma transferência das piores situações para o negro, que passa para um plano que poderíamos considerar "inferior".[272]

Com esse último parágrafo foi possível constatar o quanto o folclore se tornou uma fonte esclarecedora para a Sociologia produzida por Florestan Fernandes, o quanto o folclore possuía uma "força de irradiação". Ora, analisando as manifestações culturais folclóricas Florestan Fernandes pôde constatar como a imagem do elemento negro foi sendo construída no contexto nacional, tanto no que se refere ao folclore ibérico quanto ao indígena. A partir das análises das cantigas, das crenças e lendas populares, o autor constatou o quanto a cultura popular que se desenvolveu no Brasil teve a participação dos três grupos étnicos formadores. Agora, sobre a posição de inferioridade do negro no folclore e que foi apresentada no final desse primeiro artigo, Florestan Fernandes buscou abordar no texto subsequente.

a. b. *Florestan Fernandes em "O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças"*

A edição em que consta o artigo "*O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças*", diferentemente da anterior comentada, contou com dezesseis páginas, embora siga a mesma organização da outra, visto que também apresentou

---

DE ALMEIDA, Leandro Thomaz. A globalização da cultura impressa no século XIX: apresentação da conferência de Jean-Yves Mollier. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 38, p. 292-295, 2015.

[271] PAIXÃO, Alexandro Henrique; DE ALMEIDA, Leandro Thomaz. A globalização da cultura impressa no século XIX: apresentação da conferência de Jean-Yves Mollier. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 38, p. 292-295, 2015. p. 295.

[272] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 5.

na página de capa informes sobre os acontecimentos do conflito mundial. Os demais conteúdos abordam questões referentes ao estado de São Paulo, referentes à política, religião, economia, esportes, além de outras manchetes sobre o dia-a-dia etc., e uma quantidade significativa de anúncios.

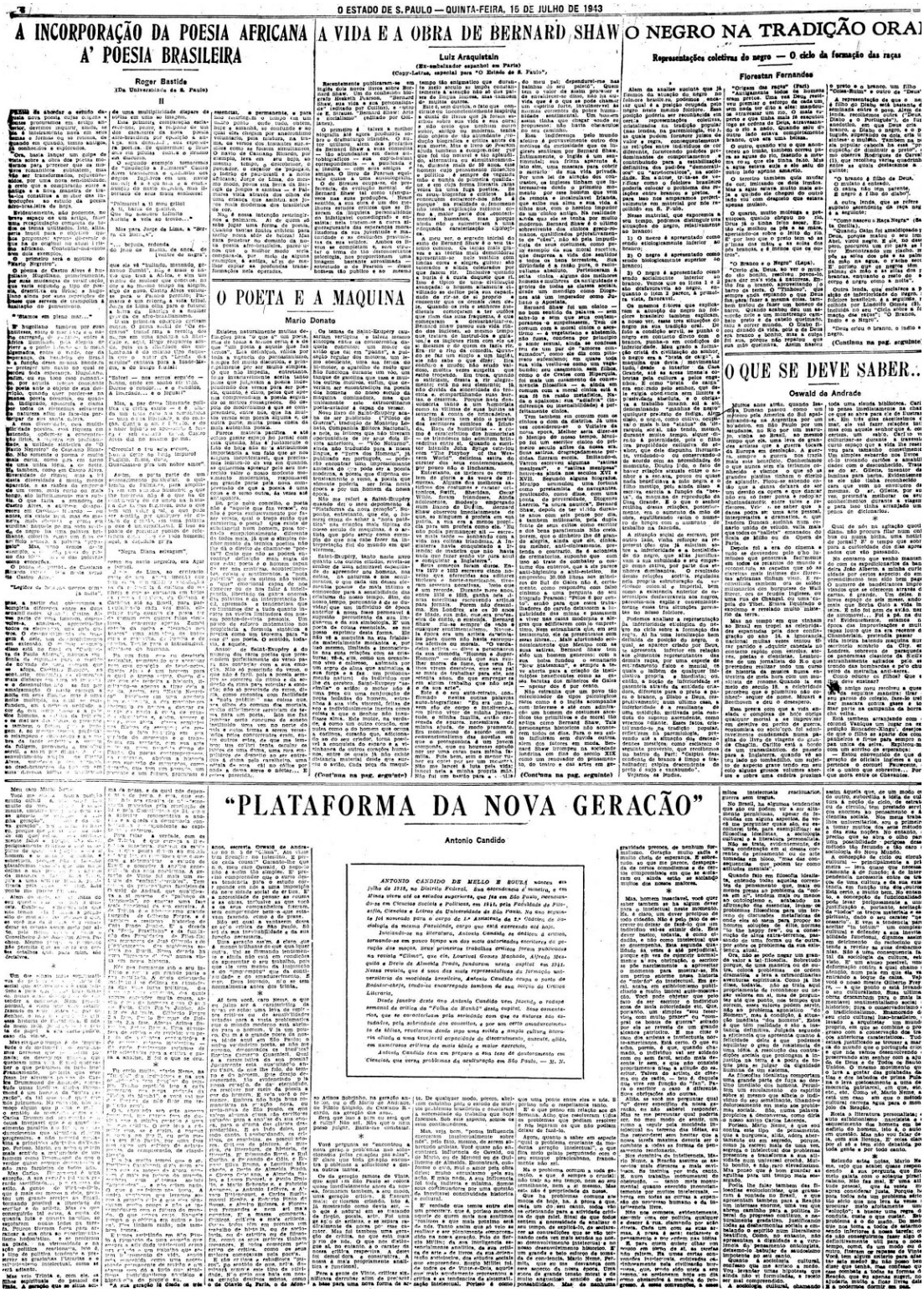
Na edição de quinta-feira do dia 15 de julho de 1943, o jornal igualmente reservou uma página para discussões sobre a cultura que contou com a contribuição de intelectuais da época[273]. Na página de número quatro, Florestan Fernandes dividiu o espaço com Roger Bastide que publicou o artigo intitulado "*A incorporação da poesia africana a poesia brasileira*", que se tratava de uma continuação de um artigo de mesmo nome publicado na edição do dia 08 de julho de 1943. Logo abaixo do nome de Bastide aparecia a identificação do autor em que dizia se tratar de um pesquisador da Universidade de São Paulo. Na mesma publicação aparecia outro autor, Mário Donato (1915 - 1992)[274] que contribuiu com o artigo chamado "*O poeta e a máquina*". Além disso, a página contou com mais três artigos, além do de Florestan Fernandes, um de Oswald de Andrade (1890 - 1954)[275], denominado "*O que se deve saber...*", outro de Luiz Araquistain (1886 - 1959)[276], chamado "*A vida e a obra de Bernard Shaw*" e, por fim, a seção "*Plataforma da nova geração*". Na edição aqui analisada o espaço foi cedido a Antonio Candido e chegou a ocupar metade daquela página.[277]

No que se refere ao artigo de Florestan Fernandes, este ocupou o canto superior direito, utilizando não mais do que três colunas, apesar de ter se estendido até a página seguinte. Florestan Fernandes iniciou o artigo "*O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças*" da seguinte forma:

> Além da análise sucinta que já fizemos da atuação do negro no folclore brasileiro, podemos encarar qual é a posição ocupada pelo negro neste mesmo folclore. Essa posição poderia ser reconhecida em certas representações coletivas, cristalizadas na tradição popular (nas lendas, paremiologia, etc), as quais podem fornecer juízos de

[273] Conferir essa temática com a "Figura 2", disponibilizada na página 116 desta dissertação.
[274] Um importante jornalista e escritor brasileiro, fundamentalmente conhecido pelo seu romance *Presença de Anita.*
[275] Conhecido escritor brasileiro tendo se tornado um dos principais nomes da Semana de Arte Moderna de 1922.
[276] Foi um importante jornalista e escritor espanhol que, inclusive, à essa época é identificado pelo jornal como sendo o ex-embaixador espanhol na França.
[277] Sobre as questões levantadas e comentadas por Antonio Candido na seção "*Plataforma da nova geração*" é interessante recorrer a dissertação de Camila Almeida Vaz Antunes defendida na Faculdade de Educação em 2017. Ver: ANTUNES, Camila Almeida Vaz. **Os anos de aprendizagem de Antonio Candido (1930-1940)**. 2017. 1 recurso online (102 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

Figura 2 - Página do jornal *O Estado de S. Paulo,* em 15 de julho de 1943.



O ESTADO DE S. PAULO — QUINTA-FEIRA, 15 DE JULHO DE 1943

A INCORPORAÇÃO DA POESIA AFRICANA A' POESIA BRASILEIRA

Roger Bastide
(Da Universidade de S. Paulo)

II

A VIDA E A OBRA DE BERNARD SHAW

Luiz Araquistain
(Ex-embaixador espanhol em Paris)
(Cosp-Latina, especial para "O Estado de S. Paulo")

O NEGRO NA TRADIÇÃO ORAL

Florestan Fernandes

O POETA E A MAQUINA

Mario Donato

"PLATAFORMA DA NOVA GERAÇÃO"

Antonio Candido

O QUE SE DEVE SABER..

Oswald de Andrade

Fonte: Jornal *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso em: 12 jul. 2020

> valor e regular, consequentemente, as relações entre indivíduos de cor diferente, fornecendo padrões predominantes de comportamento e contribuindo para a estabilização definitiva dos padrões "democráticos" ou "aristocráticos", na sociedade. Em síntese, trata-se de verificar como o folclore brasileiro poderia colocar o problema das relações entre brancos e pretos, e para isso nos amparamos, preferivelmente, em material por nós recolhido em S. Paulo.[278]

Em nossa interpretação, pode-se depreender desse trecho que Florestan Fernandes procurou levantar a hipótese de que ao olhar para o folclore brasileiro e, mais especificamente, para a representação do negro nesse mesmo folclore seria possível compreender, em alguma medida, as relações entre brancos e negros. Isso é fundamental para nós, pois foi a partir dessa constatação que pudemos compreender aquela expressão requerida por Florestan Fernandes, já citada nesta dissertação, de que "o folclore lança enorme luz sobre o comportamento humano". Há que se dizer, também, que essa proposta elencada pelo autor nos pareceu bastante ilustrativa dos anseios dele para os estudos sobre folclore, algo que vimos no "Capítulo 1", ou seja, de que folclore, enquanto material empírico, deveria ser utilizado com vistas a ajudar a compreender os problemas e as questões sociais. No que se refere ao material, por ele recolhido, o autor fez ainda a seguinte ponderação:

> Nesse material, que exporemos a seu tempo, podemos distinguir três situações do negro, relativamente ao branco: 1) O negro é apresentado como sendo etiologicamente inferior ao branco; 2) O negro é apresentado como sendo biologicamente superior ao branco; 3) O negro é apresentado como sendo socialmente inferior ao branco. Vemos que os itens 1 e 3 são desfavoráveis ao negro, enquanto o item 2 parece, à primeira vista, favorável. Os mesmos fatores que explicaram a situação do negro no folclore brasileiro também explicam, ao nosso ver, essas três situações do negro na sua tradição oral.[279]

O material folclórico de que Florestan Fernandes dispunha o levou a essas três representações do negro na sociedade. Então, no texto, ele passou a descrever quais eram as condições do negro, visto sob o viés do folclore, que corroboravam com as três representações citadas acima. Onde, para Florestan Fernandes, "[...] a condição servil, se punha o negro em contato direto com o branco, punha-o em condições de inferioridade."[280] Citemos:

> [...] o negro era a "besta de carga", a máquina que devia movimentar tudo, desde o

[278] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1943. p. 4.
[279] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1943. p. 4
[280] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1943. p. 4

> interior da Casa Grande, até as áreas imensas cobertas pela cultura e pelos engenhos. E como "besta de carga" era encarado pelo senhor, que dele exigia obediência sem limites e passividade absoluta, e o obrigava a trabalho insano, sol a sol, denominando "manhas de negro" qualquer pretexto de fadiga. Além disso, o negro, como cativo, ocupava o mais baixo "status" da hierarquia social, não tendo, mesmo durante muito tempo, sequer direito à paternidade, pois o filho era propriedade exclusiva do senhor, que dele dispunha livremente, vendendo-o ou conservando-o de acordo com as necessidades do momento. [...] A situação social do escravo, por outro lado, vinha reforçar as representações que já existiam sobre a inferioridade e a bestialidade do negro, que aliás justificavam a sua submissão e seu emprego como cativo, por parte dos senhores dominantes. O resultado dessas relações sociais, reguladas pela própria estruturação da sociedade colonial e imperial, bem como a existência anterior de estereótipos desfavoráveis aos negros, parecem-nos explicar convenientemente essas três situações previstas no nosso folclore. Podemos analisar a representação da inferioridade etiológica do negro no ciclo sobre a formação das raças. Aí há uma localização bem definida da posição do negro, o qual, se aparece criado por Deus, se apresenta inferior em relação aos elementos representantes das demais raças, por uma espécie de retardamento físico e mental, os quais o inibem de qualquer iniciativa própria e imediata; ou então, a noção de inferioridade se patenteia através da entidade criadora, diferente para o preto e para o branco, o Diabo e Deus, respectivamente; num último caso, a inferioridade é a resultante de uma maldição, motivada pela conduta do suposto ascendente [...]. [281]

Com esse excerto, logo de início devemos observar que Florestan Fernandes fez uso de algumas expressões recorrentes, encontradas no linguajar da época, sobre a representação física do negro. A expressão "besta de carga", ao que pudemos mapear, foi utilizada pela primeira vez por Euclides da Cunha na sua conhecida obra *Os Sertões* (1902) para designar a condição da população negra tendo em vista a pressão exercida pela ordem colonial.[282] Tomados como bestas de carga e expostos a condições extremas de trabalho compulsório, dentro ou fora da Casa Grande,[283] os mesmos sequer tinham direito ao cansaço. Florestan Fernandes se utilizou da expressão "manhas de negro"[284] para apresentar ao leitor um certo

---

[281] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1943. p. 4

[282] Segue o trecho de Euclides da Cunha: "A raça dominada, porém, teve, aqui, dirimidas pela situação social, as faculdades de desenvolvimento. Organização potente afeita à humildade extrema, sem as rebeldias do índio, o negro teve, de pronto, sobre os ombros toda a pressão da vida colonial. Era a besta de carga adstrita a trabalhos sem folga. As velhas ordenações, estatuindo o "como se podem enjeitar os escravos e bestas por os acharem doentes ou mancos", denunciam a brutalidade da época." Ver: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante). Disponibilizado pelo portal domínio público.

[283] Expressão consagrada na literatura brasileira por Gilberto Freyre.

[284] Ao que pudemos verificar, essa foi uma expressão utilizada por Monteiro Lobato no conto "*O resto de onça*" publicado em 1919. Embora não possamos afirmar com toda a certeza de que Florestan Fernandes tenha se referido a Monteiro Lobato, cabe aqui levantar essa hipótese, visto que o próprio cientista social afirmou ter lido o trabalho de Monteiro Lobato: "Foi graças a um colega no curso de madureza que eu me iniciei na literatura moderna brasileira e procurei melhorar a minha concepção de estilística. De modo que, naqueles anos, por exemplo, eu valorizava muito mais Monteiro Lobato do que Mário de Andrade, porque através dele eu conhecia

barbarismo da época, onde mesmo sob condições extremas de trabalho o cansaço era visto como manha, justamente pela suposta superioridade biológica do negro que era comparado a uma besta, algo que diferia o negro do branco tendo em vista a sua origem etiológica. O que Florestan Fernandes buscou descrever ficou evidente, para ele, ao se analisar as lendas, os ditos populares e as crenças. O negro era representado como portador de certas características e, por isso, era considerado como um ser inferior, submisso, amaldiçoado ou bestializado, argumento que servia de justificativa para a sua dominação.

Além disso, é necessário dizer, tal como pudemos observar, que as relações sociais eram, para o autor, reguladas e reforçadas pelo sistema colonial e escravista na qual, naturalmente, a cultura *folk* também tendia a se apropriar dessas representações. Florestan Fernandes, inclusive, citou um provérbio colhido no bairro do Pari, em São Paulo: "Caipira descendente de branco é limpo e trabalhador; caipira descendente de preto é sujo e vagabundo."[285] Isto é, até mesmo na busca pela compreensão de um elemento social, surgido em decorrência das transformações experimentadas ao longo dos séculos, ocorria a transferência de uma representação negativa sobre o negro. Apenas para situar o leitor, vale dizer aqui que a tentativa de conhecer e definir as características da figura do caipira no nosso contexto foi tema recorrente na literatura brasileira do século XX e mobilizou pesquisadores tais como Cornélio Pires (1884 - 1958), Oliveira Viana (1883 - 1951), Antonio Candido, entre outros. O mesmo ocorrido com o provérbio podia ser observado com as lendas, tal como Florestan Fernandes sugeriu com a lenda "Origem das raças", igualmente coletada no Pari:

> Antigamente todos os homens eram pretos. Uma vez Deus resolveu premiar o esforço de cada um, sem nada ter dito a eles: mandou-os atravessar um rio. O mais esperto e que tinha mais fé executou logo as ordens de Deus, atravessando o rio a nado. Quando saiu do outro lado estava completamente branco, que era uma beleza. O outro quando viu o que aconteceu ao irmão, também correu para as águas do rio, fazendo a mesma coisa que ele tinha feito. Mas a água estava suja e ele saiu do outro lado apenas amarelo. O terceiro também quis mudar de cor, imitando os dois irmãos. Mas a água estava muito mais suja e quando ele chegou do outro lado viu com desgosto que estava apenas mulato. O quarto, muito molenga e preguiçoso, quando chegou no rio, Deus já o tinha feito secar. Então ele molhou os pés e as mãos,

coisas que me interessavam muito. Ele tinha um estilo vivo. De modo que eu não sou típico". Ver: Florestan Fernandes. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 34, n. spe, p. 25-106, 2011. p. 39.

[285] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1943. p. 4

> apertando-os sobre o leito do rio. É por isso que o preto tem só as palmas das mãos e as solas dos pés brancas, e é menos que os outros.[286]

Essa narrativa folclórica certificava a representação negativa do negro, onde a cor da pele negra era fruto de um castigo devido à falta de esperteza e preguiça do indivíduo. Além dessa lenda, Florestan Fernandes apresentou outras duas - uma colhida na Lapa e outra em Santa Cecília - que serviam para justificar a ascendência do negro e do branco. A primeira lenda mencionada pelo autor narrava sobre o empreendimento divino que criou o homem branco. O Diabo, sendo um invejoso de Deus, criou uma cópia mal-feita, surgindo assim o negro. A segunda lenda fazia alusão a um castigo desferido por Deus a Caim que matou o irmão Abel, onde Deus amaldiçoou Caim o tornando um homem negro. Com essas manifestações folclóricas, Florestan Fernandes pôde identificar o quanto a representação negativa do negro foi amparada pelo folclore brasileiro e, naturalmente, o quanto o folclore brasileiro contribuiu para essa representação negativa do negro. Florestan Fernandes apresentou ainda uma outra lenda "[...] que esclarece a posição de inferioridade do negro no folclore brasileiro [...] recolhida por Lindolfo Gomes (1875 - 1953), e incluída no seu "Ciclo sobre a formação das raças."[287] Vale reproduzir aqui:

> "O Branco, o índio e o negro"
> Deus criou o branco, o índio e o negro. Quis depois experimentar-lhes a qualidade de inteligência, coragem e destreza. Atirou-se a um poço de certa profundidade. O branco vendo o perigo em que se achava, pensou no que deveria fazer e, aproveitando-se das fendas da terra, agarrando-se às paredes do buraco, salvou-se saindo do poço. O índio, que lhe observara todos os movimentos e expedientes, procurou imitá-lo, mas só pôde conseguir o que desejava trepando às costas do negro. Mas este, indolente, nada tentou para salvar-se e deixou-se ficar inativo, sem pedir socorro, sem procurar qualquer recurso, até que veio a morrer. E aí está como Deus, na sua grande sabedoria, fez o negro inferior ao índio e o índio inferior ao branco.[288]

Ora, com o folclore, Florestan Fernandes pôde atestar a condição de inferioridade na representação do negro na sociedade, fundamentalmente, perante o branco, mas também perante o índio. O material recolhido demonstrava ao pesquisador que o negro era retratado

---

[286] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1943. p. 4
[287] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1943. p. 4.
[288] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1943. p. 5.

como sendo inferior mentalmente, como sendo preguiçoso e indolente, como fruto de um castigo divino ou até mesmo descendente de "besta". Além disso, o autor constatou que havia um esforço em ridicularizar o negro, como se podia notar no dito popular destacado por Fernandes: "Urubu, pássaro preto/ Pássaro do bico rombudo/ Foi praga que Deus deixou:/ Todo negro ser beiçudo."[289] Esse dito popular ilustrou o argumento do autor ao demonstrar que além de retratar o negro como etiologicamente inferior ao branco, as manifestações folclóricas buscavam justificar os traços físicos do negro que, por sua vez, eram tomados como um castigo divino.

Com isso podemos chegar à conclusão de que o material folclórico foi utilizado por Florestan Fernandes com vistas a explicar a realidade objetiva, ou melhor, com vistas a acessar questões profundas no seio da organização social brasileira. O autor sintetizou todo o seu raciocínio com o último parágrafo que vale a pena reproduzir:

> Portanto, não só se explicam no folclore brasileiro o preto como sendo etiologicamente inferior ao branco e de inteligência e aptidões inferiores, como também há uma tentativa de explicação dos traços físicos diferentes.

Vimos essas formas de representar o negro com os dois artigos analisados até o momento. Com o próximo texto, Florestan Fernandes buscou destacar a representação de número dois do negro a partir do folclore, aquela em que o negro era considerado biologicamente superior ao homem branco.

a. c. *Florestan Fernandes em "O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências"*

O texto aqui analisado foi publicado também em uma quinta-feira e marcou o fim de uma sequência de três publicações semanais de Florestan Fernandes no jornal. De forma similar aos outros artigos, o texto se localizava na página número quatro, que conservava em si discussões sobre cultura, e se estendeu até a página seguinte. As demais páginas - são doze na edição de número 22.659 - seguiram a mesma lógica das outras duas analisadas. Contou

[289] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1943. p. 5.

com notícias sobre a guerra em curso, além de informações sobre o dia-a-dia do estado de São Paulo e sobre o contexto nacional no que se referia à economia, à política, aos esportes etc., além de uma quantidade significativa de anúncios dos mais variados tipos.

Dito isso, vamos a página número quatro. Em seu interior podem ser encontrados sete artigos. O primeiro deles assinado por Roger Bastide que se tratou da continuação e conclusão do artigo denominado "*A incorporação da poesia africana à poesia brasileira*". Oswald de Andrade escreveu uma "*Carta aos editores americanos*", Araujo Nabuco[290] escreveu o texto denominado "*A propósito de Cinema*". Já S. Harcourt-Rivington, identificado pelo jornal como sendo membro da Real Academia Econômica de Londres, discorreu sobre o "*Comércio Internacional: repercussões econômicas da guerra*". Além disso, o jornal contou com o texto "*Skobeleff, o general branco*" de Conde Emanuel Bennigsen e com a seção "*Plataforma da nova geração*" que trazia reflexões elaboradas por Ciro Tassara de Pádua, jovem intelectual da época. Por fim, há o texto de Florestan Fernandes que ocupou o canto direito superior da página.[291]

No que se refere ao artigo de Florestan, ele foi iniciado da seguinte forma:

> A superioridade biológica do negro, na tradição oral, refere-se à sua resistência física, longevidade e capacidade para trabalhos brutos. A análise das representações coletivas que significam uma superioridade biológica do negro pode ser feita, fundamentalmente, na paremiologia e, em algumas quadrinhas, no nosso folclore. A análise do material recolhido mostra que se trata de uma superioridade apenas aparente, pois os traços que poderiam caracterizar o negro como ser superior são aqueles que simbolizam uma verdadeira inferioridade e que definem a "besta".[292]

De partida Florestan Fernandes reafirmou a posição de que era apenas aparente a representação de superioridade do negro, algo que no artigo anterior já havia destacado. Para exemplificar o seu argumento, o autor procurou evidenciar alguns ditos e analisá-los.

> Em se tratando de trabalhos de raciocínio, logo aparece o branco para dirigir o preto e mandar nele. Vejamos alguma coisa: "Negro é como gato: tem sete fôlegos" (Bela Vista). Nesse provérbio a resistência do negro é comparada com a dos gatos, que, diz o povo, "tem sete vidas". Com significado correspondente, colhemos também: "Negro é vaso ruim, não quebra" (Bela Vista) e "Negro quando pinta tem sessenta

[290] Não foi possível encontrar com precisão a figura de Araujo Nabuco.
[291] Conferir detalhes da página número quatro daquela edição com a "Figura 3", disponibilizada na página 124 desta dissertação.
[292] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1943. p. 4.

> mais trinta" (Pari). O termo "pinta" significa ficar com os cabelos brancos. "Negro não tem dó da pele" (Brás), porque é desassombrado e capaz de tarefas árduas.[293]

O negro, em acordo com os ditos populares da época, era retratado como sendo um sujeito capaz de resistir às mais rudes condições. No que dizia respeito à condição de resistência física do mesmo, o autor apresentou algumas quadrinhas que corroboravam com essa ideia. Vejamos: "O negro é burro de carga (Brás)/ O branco inteligente/ O branco só não trabalha/ Porque preto não é gente." As outras quadrinhas seguiam assim: "Quem diz que preto se cansa (Bela Vista)/ Não tem boa opinião/ Se trabalha o dia inteiro/ De noite inda faz serão." "Negro é bicho safado (Ipiranga)/ Tem fôlego de sete gatos/ Não fica doente nunca/ Esse pé de carrapato."[294]

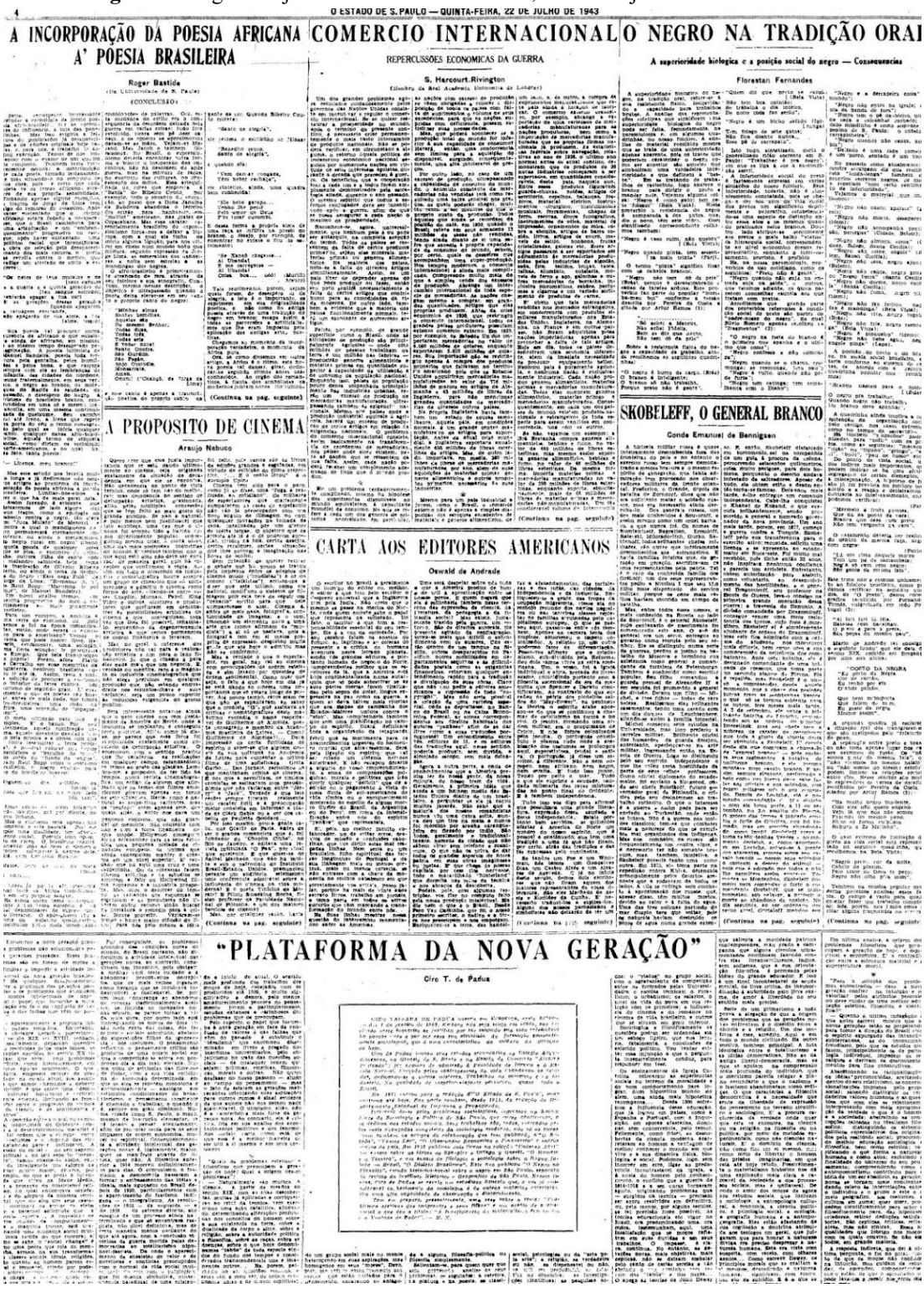
Para Florestan Fernandes "[...] isto tudo, sintetizado, daria o generalizado rifão corrente em S. Paulo: "Trabalhar é pra negro", em que se liga à cor a ex-condição servil."[295] Ou seja, Florestan Fernandes via as questões raciais como resquícios de um passado em uma sociedade que buscava se integrar enquanto uma sociedade de tipo capitalista. Sendo assim, a suposta superioridade biológica do negro precisava ser avaliada, segundo Florestan Fernandes, junto à sua condição de ex-escravo. O trabalho bruto, intenso e forçado foi visto como inerente à população negra por quase quatro séculos de escravidão no Brasil, algo que favorecia a concepção de que o trabalho era preferencialmente uma característica do negro. Florestan Fernandes seguiu na tentativa de compreender a situação do negro na tradição oral com o seguinte argumento:

> A inferioridade social do preto é fartamente expressa em várias situações do nosso folclore. Essa inferioridade, todavia, não é simplesmente constatada, pois se chega a dar aos atos da vida social dos pretos um significado deprimente e pejorativo, estabelecendo-se uma espécie de distinção entre esses e os mesmos quando praticados pelos brancos. Doutro lado, atribui-se comumente aos negros o mais baixo *status* da hierarquia social, correspondente ao nível econômico menos representativo [...].[296]

---

[293] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1943. p. 4.
[294] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1943. p. 4.
[295] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1943. p. 4.
[296] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1943. p. 4.

Figura 3 - Página do jornal *O Estado de S. Paulo,* em 22 de julho de 1943.



O ESTADO DE S. PAULO — QUINTA-FEIRA, 22 DE JULHO DE 1943

A INCORPORAÇÃO DA POESIA AFRICANA A' POESIA BRASILEIRA

Roger Bastide

(CONCLUSÃO)

COMERCIO INTERNACIONAL

REPERCUSSÕES ECONOMICAS DA GUERRA

S. Harcourt-Rivington

O NEGRO NA TRADIÇÃO ORAI

A superioridade biologica e a posição social do negro — Consequencias

Florestan Fernandes

A PROPOSITO DE CINEMA

Araujo Nabuco

CARTA AOS EDITORES AMERICANOS

Oswald de Andrade

SKOBELEFF, O GENERAL BRANCO

Conde Emanuel de Bennigsen

"PLATAFORMA DA NOVA GERAÇÃO"

Ciro T. de Padua

Fonte: Jornal *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso em: 12 jul. 2020

Chegamos, aqui, a um ponto importante. Florestan Fernandes expressou no trecho anterior uma interpretação bastante refinada para compreender a inferioridade social a qual a população negra, em geral, se encontrava exposta. Ora, se por um lado os elementos folclóricos colaboravam e fortaleciam a posição de inferioridade do negro, por outro era preciso compreender qual era a natureza dessa inferioridade. O autor concluiu então que pela posição ocupada pelo negro na vida social da época, a qual a submissão e depreciação eram naturalizadas, tornava-se difícil de se constatar, de fato, essa inferioridade vocalizada também pelo folclore. Ora, brancos e negros eram vistos como sujeitos díspares, portanto, qualquer inferiorização do sujeito negro não era considerada, propriamente, uma inferiorização, mas sim algo natural onde as condições econômicas desfavoráveis aos negros era apenas mais um dos fatores que contribuíram para essa forma pejorativa sob a qual eram vistos. Florestan Fernandes seguiu apresentando uma série de provérbios exemplificadores da forma como a qual o negro era representado. No que se referia às comparações entre negros e brancos, Florestan Fernandes chegou à conclusão de que

> A posição do preto e do branco, na escala social brasileira, estaria conforme ao sistema de castas, de acordo com a seguinte quadrinha popular que recolhemos: "Branco nasceu para o mundo (Belém)/ O negro prá trabalhar/ Quando o negro não trabalha/ Do branco deve apanhar." A quadrinha ainda implica a manutenção da organização social pelo castigo nos casos extremos, como no tempo da escravidão. Há também "xingações" padronizadas, para "bolir" com os pretos, como as seguintes: "macaco", "tição" ou "tiçuno", "gringo", "saci", "bode", "pau-de-fumo" etc.

Sendo o negro dessa forma representado no folclore brasileiro, se tornavam compreensíveis outras questões que permeavam as relações estabelecidas entre brancos e negros. Com isso, Florestan Fernandes passou a refletir sobre os relacionamentos inter-raciais onde, para ele,

> Do ponto de vista social, um dos índices mais importante, que podem indicar se há uma efetiva segregação de certos elementos, é a miscigenação. A hipótese de fusão já foi prevista no folclore brasileiro e a reação é decisivamente contrária ao inter-casamento, como podemos verificar: "Marmelo é fruta gostosa (Pari)/ Que dá na ponta da vara/ Branca que casa com preto/ Não tem vergonha na cara." O casamento deveria ser realizado dentro da mesma raça, negro com negro: "Lá em cima daquele morro (Penha)/ Tem um pé de samambaia/ Negra só casa com negro/ São gente da mesma laia."[297]

[297] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1943. p. 4.

Apesar de ser notadamente retratado no folclore brasileiro essa tendência anti-miscigenação, Florestan Fernandes citou também uma manifestação folclórica recolhida em Portugal, mas que se enquadrava em teor semelhante ao dito popular colhido no Brasil, ou seja, a cisão entre brancos e negros era bastante difundida e encontrava paralelos no folclore ibérico. Dessa forma, Florestan Fernandes buscou apresentar ao leitor do artigo uma série de ditos populares, parlendas e provérbios que revelavam a aversão do branco para com o negro. Vejamos: "O caso extremo de limitação do preto na vida social está representado na seguinte quadrinha, que recolhemos na Bela Vista: "Negro preto, cor da noite/ Cabelo de pixaim/ Pelo amor de Deus, te peço/ Negro não olha pra mim"."[298] Pela cultura *folk*, ou seja, pela manifestação cultural presente na realidade objetiva da sociedade o autor encontrou elementos que serviram de subsídio para que ele pudesse chegar a algumas conclusões, visto que

> O que vimos em nossos artigos não passa de uma tentativa de localização, na nossa cultura tradicional, do problema do preconceito contra os indivíduos de cor preta. Como vimos, esse preconceito pode ser analisado nos elementos do folclore, *o qual pode ser a fonte de estereótipos que fornecem juízo de valor aos indivíduos*, regrando a sua conduta relacional. A consciência desses juízos de valor pode fazer com que os indivíduos, antes de se porem em contacto direto, já se tenham julgado e avaliado reciprocamente, determinando, assim, os aspectos que as interações possam assumir. Como observamos, e há muito tempo já observara Sílvio Romero, os pretos têm conhecimento dessas representações que os colocam em plano inferior ao branco e isso pode não só influir e modificar aspectos das relações sociais, como contribuir para a existência e consciência de ressentimentos e marginalidade entre eles.[299]

A passagem acima é bastante importante para nós. Ora, Florestan Fernandes ao ter se dedicado a conhecer as manifestações folclóricas o fez com objetivos mais amplos, não por diletantismo, tal como ele apontou, em outras oportunidades, para o trabalho de alguns folcloristas. Sendo assim, pudemos depreender da frase em itálico que, na opinião do autor, o folclore se configurava como um dos elementos reguladores das relações sociais estabelecidas. O folclore enquanto algo presente na vida social atuava, para ele, como um dos elementos que contribuía, nesse caso, com o aprofundamento da fissura social, pois o folclore

---

[298] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1943. p. 4.
[299]FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1943. p. 5. (Itálico nosso)

era capaz de fornecer juízos de valores prévios ao representar o indivíduo negro como sendo um ser inferior, em vários aspectos, em relação ao homem branco. Seguiu ele dizendo que

> O simples fato do branco formar uma "ideia inferior do negro" já seria suficiente para modificar o aspecto das relações sociais, evitando-o tanto quanto possível. [...]. A consciência dessa representação do branco, pelo preto, ainda modificaria mais os aspectos das interações, pelo seu espontâneo e consequente retraimento, o que podemos verificar em qualquer cidade paulista do interior, melhor que nos centros urbanos. Essa situação é complicada posteriormente, pois o sentimento de inferioridade pode apresentar um duplo aspecto: a) ser o "resultado negativo de um processo de avaliação" e b) ser a "consequência de uma repulsa mais ou menos decidida". A reação sistemática do primeiro aspecto sobre o segundo, ou deste sobre o primeiro, leva, inevitavelmente, a situações imprevistas e apressa prováveis conflitos, acabando por aumentar e cristalizar o hipotético ou real preconceito de cor. Desse modo, corporifica-se o retraimento do preto e a sua aversão aos valores ou fatos concretos que o levaram a essa situação.[300]

Sem dúvidas essa é uma questão profunda e que mobilizou e mobiliza, até hoje, gerações de pesquisadores no Brasil e em outros países, com vistas a compreender as reais motivações para justificar os conflitos étnico-raciais. O ponto levantado por Fernandes, ao nosso ver, ilumina uma outra face a respeito da suposta inferioridade do negro perante ao branco, algo que também foi difundido pelas manifestações folclóricas da época. Sendo o folclore um elemento vivo da vida social, Florestan Fernandes buscou identificar os fundamentos e os resultados da ideia de inferioridade do negro que permeava o imaginário social. Dadas as representações sociais negativas direcionadas ao elemento negro, aportadas pelo folclore, a aversão ao negro era uma consequência que atingia tanto o olhar do branco para com o negro quanto o olhar do próprio negro sobre si mesmo e para trajetória histórica de seus pares e a todos os "valores ou fatos concretos que o levaram a essa situação", para citar as palavras do próprio Florestan Fernandes. Algo que resultava, inclusive, em uma retração do próprio negro no desenrolar e na participação da vida social.

Nesse sentido, pudemos entender que Florestan Fernandes percebeu o quanto o folclore atuava na organização da vida social, haja vista que o folclore por vezes criava representações sociais que agiam de forma a estratificar os comportamentos sociais, sendo o

---

[300] FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1943. p. 5.
Nas duas situações descrita - a e b - Florestan Fernandes está citando o trabalho de Emílio Willems - *Assimilação e populações marginais do Brasil.* Ver: WILLEMS, Emilio. **Assimilação e populações marginais no Brasil**: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. São Paulo, SP: Comp. Ed. Nacional, 1940. xix, 343p.

preconceito de cor um desses comportamentos.[301] Segundo Florestan Fernandes, ao se verificar os juízos de valor e as representações que as manifestações folclóricas carregavam em si era possível explicar o preconceito assentado na ideia de inferioridade do negro perante os outros grupos étnicos.

Em síntese: com essa série de artigos Florestan Fernandes levantou hipóteses e apontamentos que o auxiliaram na compreensão da situação do negro, justamente ao olhar para a tradição oral que era, por sua vez, a tradição popular do dia-a-dia, algo que no ponto de vista do autor agia moldando comportamentos, opiniões, expressões, entendimentos de mundo etc.

b) Correio Paulistano e Florestan Fernandes em homenagem à Mário de Andrade

O quarto artigo que decidimos investigar se trata daquele que homenageou a figura de Mário de Andrade. Como vimos, "*Mário de Andrade, literato-folclorista*" foi publicado no jornal *Correio Paulistano* em 1946. Em termos cronológicos, esse é o décimo primeiro artigo que Florestan Fernandes publicou nos jornais dissertando sobre a questão folclórica, embora esse mereça destaque, pois se trata de uma das primeiras publicações do autor em que o propósito era rememorar a importância de Mário de Andrade na produção e no estudo de folclore, visto que o ano de 1946 datava um ano de morte do folclorista, literato, romancista, musicólogo, ensaísta, homem público etc., que foi Mário de Andrade. É necessário comentar que Florestan Fernandes, na mesma época, também publicou um outro artigo no qual teceu comentários sobre Mário de Andrade no *Jornal de São Paulo*[302], embora reiteremos a importância de analisar o texto que saiu no *Correio Paulistano*, visto que esse foi a única publicação do autor no referido jornal.

Sobre o *Correio Paulistano*, é importante historiar o periódico antes de continuarmos: fundado por Joaquim Roberto de Azevedo Marques, no século XIX, mais especificamente em

[301] Para uma investigação acerca dos padrões de comportamento humano numa determinada sociedade e suas respectivas motivações intelectuais e emocionais, é relevante recorrer ao livro *Padrões de Cultura* de Ruth Benedict. Ver: BENEDICT, Ruth. **Padrões de cultura**. Lisboa: Livros do Brasil, 2000. 330p.
[302] FERNANDES, Florestan. O folclorista Mário de Andrade. **Jornal de São Paulo**, São Paulo, 19 fev. 1946.

26 de junho de 1854, foi o "primeiro jornal independente a um partido político ou a uma escola literária; o primeiro a ser publicado diariamente em São Paulo [...]; o primeiro a ser impresso em máquina de aço [...]; o primeiro que montou oficinas a vapor; o primeiro que saiu às segundas-feira [...]."[303] Tendo sido o primeiro em muitas coisas na província de São Paulo, com o passar dos anos o *Correio Paulistano* tornou-se um jornal de grande circulação na capital paulista e teve sua importância marcada pela seção folhetim ainda no segundo número do periódico, algo que perdurou até a década de 1940.[304] O periódico, assim como muitos outros, foi marcado por contradições em sua linha editorial, visto que

> Nascido [...] como um órgão de imprensa liberal e independente, logo a seguir conservador e dependente do poder político oficial da província de São Paulo, novamente adepto da trilha liberal, abolicionista e republicana, o *Correio Paulistano* tornou-se mais uma vez oligárquico e conservador depois do advento da República [...].[305]

Apesar das mudanças de posição que a questão financeira e a situação política do país imprimiam, o jornal circulou até o ano de 1963. Todavia, o que nos interessou foi conhecer melhor esse meio de comunicação durante a década de 1940, momento em que Florestan Fernandes publicou seu único artigo no jornal.

Como já mencionamos, o artigo de Florestan Fernandes foi um texto interessado. Publicado na edição de número 27.581, em um domingo no dia 24 de fevereiro de 1946. Essa edição contou com vinte e oito páginas[306], onde a primeira Seção, com oito páginas, cuidava das notícias gerais ao apresentar informações sobre as eleições que estavam sendo realizadas naquele dia na Argentina, falava sobre a inflação, relações trabalhistas, sobre as relações internacionais brasileiras, os preços de café, algodão etc. Nessa mesma Seção o jornal reservou um local para reforçar o seu posicionamento conservador, visto que o jornal naquele

---

[303] THALASSA, Ângela. **O Correio Paulistano:** o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna - o jornal que não ladra, não cacareja e não morde. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - São Paulo: Pontifícia Universidade Católica/São Paulo, 2007.p. 2.

[304] Para uma compreensão mais detalhada sobre a seção folhetim no *Correio Paulistano* vale recorrer ao livro *Leitores de tinta e papel* de Alexandro Henrique Paixão, ver: PAIXÃO, Alexandro Henrique. **Leitores de tinta e papel:** elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2017.

[305] COHN, Amélia. Correio Paulistano. In: ABREU, Alzira Alves et al. (Coord.) **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930**, vol. 2. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-paulistano>. Acesso em: 12 dez. 2019

[306] Apesar disso, tivemos acesso somente a vinte das vinte e oito páginas, pois no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira as últimas oito páginas não estão disponíveis.

momento era órgão do Partido Republicano e ao mesmo tempo contrário ao regime conhecido por Estado Novo.

Já a segunda Seção contou com oito páginas. Uma das páginas era direcionada exclusivamente às mulheres ao expor receitas culinárias, anúncios de eletrodomésticos etc. As demais páginas apresentavam diversos anúncios, tais como os conteúdos em cartaz no cinema e no rádio e os serviços oferecidos por especialistas da área médica. Além disso, essa Seção informava sobre os acontecimentos nas diversas modalidades de esporte.

Por fim, chegamos à terceira Seção a qual pertence o artigo de Florestan Fernandes. Com doze páginas, tivemos acesso somente a quatro delas. Essa Seção exibia conteúdos bastante diversos ao mesclar notícias cotidianas e anúncios variados. Já na segunda página, com o título *"Cultura & Vida"* vemos, de imediato, o "Retrato de Mário de Andrade", produzido pelo pintor brasileiro Cândido Portinari (1903 - 1962). A imagem, localizada no centro superior da página, já indicava ao leitor o conteúdo daquele espaço[307]. No quadro de notícias, localizado no canto superior direito podia-se ler:

> *CULTURA & VIDA*, homenageia Mário de Andrade no primeiro aniversário de sua morte. Trata-se do maior escritor paulista contemporâneo, criador do Modernismo, movimento literário renovador. Romancista, contista, poeta, musicólogo, compositor, crítico de artes plásticas, cronista, crítico literário, ensaísta, professor, folclorista - em cada um desses departamentos do saber foi um mestre. Dedicado inteiramente às coisas do espírito, a ele se deve a criação duma instituição cultural única em todo o mundo: o Departamento Municipal de cultura de São Paulo. Com o advento nefando do Estado Novo, viu-se cortada sua trajetória fulgurante.[308]

Para entender essa atmosfera da vida cultural que se sucedeu no contexto brasileiro daquele período, pareceu-nos importante recorrer ao ensaio "*A revolução de 1930 e a cultura*" de Antonio Candido para nos apoiar durante a análise. No texto o autor buscou tecer comentários a respeito dos efeitos resultantes na esfera cultural a partir da Revolução de 1930, onde as décadas subsequentes estiveram na esteira daquele momento histórico. A hipótese elaborada por Candido se assentou na ideia de que os anos 30 alteraram o ambiente cultural brasileiro, sendo, dessa forma, possível identificar uma experiência anterior e uma experiência posterior onde, para ele, não se podia propriamente "[...] falar em socialização ou coletivização da cultura artística e intelectual, porque no Brasil as suas manifestações em

[307] Conferir detalhes da página aqui analisada com a "Figura 4", disponibilizada na página 132 desta dissertação.
[308] Notícias: **Correio Paulistano**. São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18.

nível erudito são tão restritas quantitativamente, que vão pouco além da pequena minoria que as pode fruir."[309] Mas que significaram uma transformação cultural, visto que "[...] depois de 1930 se esboçou uma mentalidade mais democrática a respeito da cultura, que começou a ser vista, pelo menos em tese, como direito de todos, contrastando com a visão de tipo aristocrático que sempre havia dominado no Brasil [...]."[310]

Nesses termos, é notável observar a existência de uma Seção dedicada à cultura no jornal *Correio Paulistano,* cerca de uma década e meia depois do período mencionado por Antonio Candido, sobretudo por ter reservado um espaço para conhecer, interpretar e homenagear, talvez, o principal nome de produção e difusão dos estudos de cultura no Brasil daquela época. Ora, a partir do trecho, exposto acima, foi possível notar: *a)* a valorização e reconhecimento da figura de Mário de Andrade ao destacar as suas contribuições em diversas áreas da cultura, algo que teve como resultado as homenagens prestadas; e *b)* a investida do jornal contra o Estado Novo, mesmo que estivesse a falar sobre Mário de Andrade – apesar do assunto ser importante, não vamos adentrar à discussão política agora, pois o nosso interesse se concentrou em entender o porquê da publicação do artigo de Florestan Fernandes.

Vimos, no excerto que foi destacado a função e/ou atividade folclorística de Mário de Andrade. Com isso, levantamos uma primeira hipótese sobre a participação de Florestan Fernandes nessa homenagem, visto que possivelmente o autor foi convidado para dar um depoimento sobre a atividade folclorística do homenageado.

Ao observar o documento, destacando especificamente o texto de Florestan Fernandes, verificamos que o artigo em questão - "*Mário de Andrade, literato-folclorista*" - foi dividido em duas partes: a primeira localizada na página 18 e a sua continuação na página 19. No que diz respeito à primeira parte do artigo, cabe dizer que ocupou centro inferior da página, logo abaixo do poema *"Nova Canção de Dixie"* de Mário de Andrade, até então, inédito, e logo acima do conhecido conto "*O peru de natal*", também, de Mário de Andrade - esse era o conto da semana do jornal.

---

[309] CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a cultura. **Novos estudos CEBRAP**, v. 2, n. 4, p. 27-32, 1984. p. 27.
[310] CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a cultura. **Novos estudos CEBRAP**, v. 2, n. 4, p. 27-32, 1984. p. 34.

Figura 4 - Página do jornal *Correio Paulistano,* em 24 de fevereiro de 1946.

CULTURA & VIDA

NOTICIAS

A poetica de Mario de Andrade

Mario e as bailarinas

Um poema inédito de Mario de Andrade

NOVA CANÇÃO DE DIXIE

BELAZARTE

Mario de Andrade, literato-folclorista

O PERU' DE NATAL

Fonte: Jornal *Correio Paulistano*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pagfis=27373>. Acesso em: 12 jun. 2020.

Sendo assim, além do artigo de Florestan Fernandes, o "Retrato de Mário de Andrade", o poema e o conto mencionados e o espaço destinado para as "Notícias", a página contou com mais três homenagens prestadas. A primeira foi escrita por Jamil Almansur

Haddad (1914 - 1988),[311] com o título "*A poética de Mário de Andrade: a escrava que não era Isaura*". A outra homenagem foi escrita por Ciro Mendes[312] com o artigo *"Belazarte"*. Por fim, a última homenagem foi prestada por Alcantara Silveira, com o artigo "*Mário e as bailarinas*"*,* situado no lado direito superior da página. É imprescindível mencionar que na página seguinte, a de número 19, podia-se encontrar as continuações dos seguintes artigos publicados na página anterior: "*Mário de Andrade, literato-folclorista*", "*A poética de Mário de Andrade*", "*Belazarte*", "*Mário e as bailarinas*", bem como a continuação de "*O peru de natal*".

Portanto, foram destinadas duas páginas em homenagem a Mário de Andrade. Na página número 20 da Seção o assunto mudou completamente, pois o jornal passou a falar sobre agricultura e pecuária, já as demais páginas não tivemos acesso conforme já informamos. Mas retomando àquilo que é central para esta análise, importa dizer que todas publicações, exceto as de autoria de Mário de Andrade, iniciaram-se com os termos: "(Para o CORREIO PAULISTANO)", "(Especial para o CORREIO PAULISTANO)". O mesmo ocorreu com artigo de Florestan Fernandes que, por sua vez, começou assim:

> (Para o "Correio Paulistano")
> Em conjunto, um dos aspectos mais interessantes e de maior importância na obra literária de Mário de Andrade é o folclore. O folclore domina - e até certo ponto marca profundamente - sua atividade polimórfica de poeta, contista, romancista, crítico e ensaísta: e constitui também o seu campo predileto de pesquisas e estudos especializados.[313]

Dessa primeira exposição pudemos depreender algumas questões: a primeira foi a de que o jornal certamente encomendou de intelectuais, pensadores e/ou estudiosos, algumas considerações sobre a importância das atividades desenvolvidas pela personalidade homenageada. Vejamos: "*A poética de Mário de Andrade: a escrava que não é Isaura*" foi elaborada por um livre-docente da USP da Cadeira de Literatura Brasileira. O artigo começou da seguinte forma: "(Para o CORREIO PAULISTANO). Reside talvez na poética de Mário de

[311] À época, Haddad, livre-docente da Universidade de São Paulo, ocupava a Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
[312] Não conseguimos localizar precisamente esse autor.
[313] FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade, literato-folclorista. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18.

Andrade o aspecto mais importante da sua obra."[314] Já o artigo escrito por Ciro Mendes em "*Belazarte*", também endereçado ao *Correio Paulistano*, reconheceu que "É difícil escrever sobre um homem que se confessava abertamente "eu sou trezentos… sou trezentos e cincoenta[...] Excursionava pela pintura, demorava-se na música e acima de tudo buscava através do espírito a compreensão do fenômeno complexo da vida."[315] Com a mesma tônica o artigo de Alcantara Silveira destacou a multifacetada característica de Mário de Andrade que experimentou de "[...] poesia, romance, conto, folclore, música, crítica literária e de artes plásticas, de tudo ele provou e de tudo nos deixou suas impressões."[316] Ou seja, todos escreveram para o *Correio Paulistano* com vistas à homenagem prestada.

A outra interpretação que pudemos aventar foi a de que o jornal encomendou artigos de pesquisadores especialistas nas áreas em que Mário de Andrade se destacava. Haddad, especialista em Literatura Brasileira, defendeu que a poética era o ponto mais importante da obra de Andrade. Já Florestan Fernandes, ainda jovem pesquisador, destacou que um dos pontos principais da obra de Andrade ficava a cargo de sua contribuição ao folclore brasileiro. Embora ainda jovem, Florestan Fernandes já há algum tempo estava ganhando destaque devido a suas pesquisas sobre a cultura *folk*, haja vista que entre os anos 1942 e 1945 o autor publicou quatorze artigos, contando as publicações em jornais e em revistas.

Assumindo que Florestan Fernandes foi convidado a escrever para jornal, analisamos o material publicado. Tal como indicamos anteriormente, o artigo aqui estudado em conjunto com o que foi publicado no *Jornal de São Paulo*, mais tarde foram reunidos e reproduzidos, com algumas alterações, no livro *A etnologia e a sociologia no Brasil* (1958) e, posteriormente, no livro *O folclore em questão* (1977), com o nome "*Mário de Andrade e o folclore brasileiro*". No que se refere ao artigo veiculado no *Correio Paulistano*, a nossa interpretação se pautou na tentativa de compreender as formulações a importância atribuída por Florestan Fernandes ao trabalho desenvolvido por Mário de Andrade.

Florestan Fernandes atribuía ao trabalho de Mário de Andrade uma contribuição imprescindível para o folclore. Essa interpretação ficou patente quando ele destacou que

---

[314] HADDAD, Jamil Almansur. A poética de Mário de Andrade: a escrava que não é Isaura. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18.
[315] MENDES, Ciro. Belazarte. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18.
[316] SILVEIRA, Alcantara. Mário e as bailarinas. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18.

> Os seus estudos folclóricos têm um significado capital para nós, pois inauguram - juntamente com os de Luciano Gallet e Renato de Almeida - a análise de um dos ramos do folclore brasileiro que é o folclore musical. Daqui Mário de Andrade estendeu-se, por causa de seu estado de simpatia que ele chamava "quase amor", apresentando contribuições ao estudo do folclore do negro, dos romances velhos, das práticas mágicas, da escatologia popular e do folclore infantil. O núcleo e a parte mais sólida de seus trabalhos como folclorista estão no folclore musical - no estudo do cancioneiro musical brasileiro, das danças, das representações dramáticas populares, dos textos das composições musicais folclóricas.[317]

O que esse trecho nos revela é que a importância de Mário de Andrade, segundo Florestan Fernandes, se mostrava bastante rica e um tanto quanto inédita para o folclore nacional, sobretudo no que se referia ao folclore musical. Para Fernandes, foi a partir do estudo empreendido por Mário de Andrade sobre o folclore musical que outras questões se desdobraram e foram de suma importância para o folclorista no processo de interpretação da cultura nacional.

No artigo aqui selecionado para a análise, cabe expressar que Florestan Fernandes falou de diversos pontos sobre as atividades desenvolvidas por Mário de Andrade, tal como as suas contribuições como literato e os recursos estilísticos utilizados para a transposição do material folclórico para o plano erudito. Todavia, sendo o objetivo desta dissertação analisar o folclore em Florestan Fernandes, optamos por concentrar os nossos olhares em dois trechos do artigo do autor, justamente, aqueles em que ele destacou a importância e a contribuição de Mário de Andrade na interpretação do folclore nacional, mediante a suposta contradição entre arte erudita e arte popular. Ao nosso ver, esses trechos se complementam.

A busca por compreender o folclore musical foi um ponto chave nas pesquisas de Mário de Andrade e, além disso, foi onde se assentou grande parte da argumentação de Florestan Fernandes, algo que ficou manifesto com a seguinte passagem:

> Segundo o seu ponto de vista, as formas e os processos populares passam em todas as épocas, ao plano da arte erudita, através da reelaboração dos artistas eruditos. Esse aproveitamento parecia-lhe, por excelência, o meio que leva à maturidade e define o caráter **nacional** da cultura de um povo. Sobre este ponto, Mário de Andrade volta com insistência em seus escritos; é mesmo a sua ideia-fixa, embora mais tarde admitisse a origem erudita de formas populares. Em todo caso, coloca a questão, sempre que pode, de modo concreto. Da análise, por exemplo, da passagem de maior para menor, dentro da mesma tonalidade, que se operou na modinha brasileira, concluiu que os nossos compositores, aproveitando mais livremente os elementos nacionais burgueses, "podiam tirar daí verdadeiros planos tonais que

[317] FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade, literato-folclorista. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18.

> especificariam de jeito característico a maneira modulatória nacional" [...] O que importa, todavia, é que em Mário de Andrade a distância entre a arte popular e a arte erudita diminui consideravelmente, atingindo em algumas produções excepcionais um grau de interpenetração e de equilíbrio notáveis. É preciso ressaltar, contudo, a ausência de finalidades chauvinistas: é por isso que grifei acima o adjetivo nacional. Caso contrário, seria infiel às suas ideias mais caras. Nacional aqui significa expressividade, existência de um padrão característico e próprio de cultura. [318]

Como podemos notar, Florestan Fernandes destacou um ponto importante nas pesquisas realizadas por Mário de Andrade, onde o folclorista entendia que "[...] as formas e os processos populares passam em todas as épocas, ao plano da arte erudita, através da reelaboração dos artistas eruditos." Essa constatação de Mário de Andrade, retomada por Fernandes, trata-se de um tema bastante versado e que mobilizou pesquisadores de diversas áreas para que se pudesse entender os significados de uma possível oposição entre arte erudita e arte popular. As pesquisas de Mário de Andrade demonstraram que essa era, na verdade, uma falsa oposição. Ou seja: a arte erudita e a arte popular se mesclavam e influenciava uma a outra, essa questão ficou evidente quando Florestan Fernandes citou o trabalho "*Modinhas Imperiais*"[319], onde Mário de Andrade constatou que a "maneira modulatória nacional" sofria influência das modinhas populares.

É, ainda, importante destacar o fato de que Florestan Fernandes acreditava ser o ponto forte da obra de Mário de Andrade, justamente, o olhar do folclorista para a questão do caráter nacional. Segundo palavras de Florestan Fernandes, o caráter nacional a qual se referia Mário de Andrade estava atrelado com a união entre o material erudito e popular, como pudemos notar com a passagem: "Esse aproveitamento parecia-lhe, por excelência, o meio que leva à maturidade e define o caráter nacional da cultura de um povo". Com vistas a compreender melhor essa questão, cabe aqui recorrer ao prefácio do trabalho "*Modinhas Imperiais*" de Mário de Andrade, onde essa argumentação de Florestan Fernandes pode ser comprovada. No trecho em que Mário de Andrade formulou interpretações sobre o caráter nacional, ao discutir sobre a proveniência de certas modinhas, o literato-folclorista concluiu que

---

[318] FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade, literato-folclorista. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18 - 19. (Grifos do autor)

[319] Trata-se de um trabalho de fôlego onde Mário de Andrade analisou dezesseis modinhas imperiais, inclusive, disponibilizou as partituras das modas para que os leitores pudessem constatar aquilo que ele afirmava, ou seja, de que ocorria uma troca de influências entre a arte erudita e a arte popular.

> [...] é tanto mais lamentável a gente perceber o grau de desnacionalização em que caíram os compositores eruditos em geral [...]. Formas e processos populares em todas as épocas foram aproveitados pelos artistas eruditos e transformados em arte que se aprende. Mas formas eruditas, ver a da sinfonia, processos eruditos, ver o cânone, jamais que passaram prás orquestras e corais populares.[320]

O que Mário de Andrade percebeu, ao olhar para o folclore musical mediante a coleta das modinhas, era o quanto a arte popular influenciava na construção da arte erudita, mostrando que muito do que a arte erudita se propunha a apresentar, àquela época, encontrava sustentação nas manifestações populares, algo que referendava o caráter nacional de suas produções. Assim, o processo que culminava na "desnacionalização" era, justamente, o distanciamento entre a arte erudita e a arte popular. Olhando diante dessa lógica, podemos constatar que o caráter nacional para Mário de Andrade advinha da inter-relação entre o popular e o erudito. Mas como bem lembrou Florestan Fernandes, era necessário entender o que Mário de Andrade chamava por nacional. O nacional era considerado "[...] expressividade, existência de um padrão característico e próprio de cultura." Isto é, o caráter nacional tinha que ser visto e entendido sob as lentes de uma manifestação característica e cultural próprias do contexto brasileiro.

Tendo em vista esse entendimento de Mário de Andrade no que se referia à relação entre arte erudita e arte popular, Florestan Fernandes entendeu ser importante compreender de que forma se dava a transposição do material folclóricos para o material erudito, dentro da obra do próprio Mário de Andrade:

> Tenho a impressão, entretanto, que só parcialmente essas ideias de Mário de Andrade explicam a transposição do material folclórico ao plano erudito, em sua obra; ou melhor, elas apenas mostram uma necessidade e os meios de as satisfazer: evidenciando a premência da apropriação dos elementos da tradição oral pelos artistas eruditos brasileiros e as possibilidades de renovação pelo emprego adequado dos processos da arte popular [...] Os exemplos poderiam variar muito: é preferível, porém, limitarmo-nos a diversas amostras de uma só de suas preocupações.Trata-se do próprio problema do homem no Brasil. Abstratamente problema aqui seria desconversa. Mas existe uma realidade concreta, expressa em quilômetros quadrados e em diferenças regionais agudas - uma realidade sócio-geográfica, pois, digamos rebarbativamente, que dá uma conformação obrigatória ao problema do homem brasileiro. É este o aspecto primário da questão, que não se deve perder de vista. E foi também este o principal escolho às necessidades de participação e de identificação de mestre Mário. Os antagonismos e as limitações provocaram nele uma reação que é um grito épico de liberdade, o espetáculo mais emocionante aos meus olhos na literatura brasileira, como exigência afetiva e como inquietação -

[320] ANDRADE, Mário. **Modinhas imperiais**: ramalhete de 15 preciosas modinhas de salão brasileiras, do tempo do Império para canto e piano. São paulo. Casa Chiarato L. G. Miranda editora, 1930. p. 7 - 8.

> diante da falta de sincronização humana de milhares de brasileiros, que se ignoram recíproca e simplesmente. Como esta folha de sensação de presença dos homens de nossa terra revela-se sob a forma de antagonismos entre o "progresso" e o "atraso", a "civilização" e o "interior", é sob este aspecto que Mário de Andrade lixa dolorosamente o problema.[321]

Esta interposição de Florestan Fernandes é um tema que merece ser comentado. Isso porque Mário de Andrade, como vimos, reconhecia a troca de influências entre a arte popular e a arte erudita, algo que na interpretação de Fernandes resultava, inclusive, em uma necessidade de os artistas eruditos brasileiros se apropriarem da tradição oral brasileira, segundo as pesquisas de Mário de Andrade.

Agora, segundo Florestan Fernandes, cabia compreender o modo com o qual a transposição do material folclórico se realizava para o plano erudito, não mais olhando para o folclore musical, mas sim observando o trabalho empreendido por Andrade. Sendo assim, para o autor aqui estudado, esse processo poderia ser melhor compreendido caso se avaliasse a questão do homem brasileiro na obra de Mário de Andrade. De acordo com Florestan Fernandes, o problema do homem brasileiro foi um tema recorrente e que mobilizou a produção folclorística e literária de Mário de Andrade, justamente porque ele se interessava em compreender as vicissitudes que envolviam a população brasileira, isto é: uma população que por essência vivenciava situações diferentes, tais como o "progresso", o "atraso", a "civilização", o "interior", o "litoral" etc. Cabe aqui lembrar que Mário de Andrade se debruçou sobre essas questões em diversos momentos de sua atividade enquanto pesquisador da cultura nacional e isso pode ser observado quando se olha para a sua produção artística[322]. Na opinião de Florestan Fernandes, o que Mário de Andrade fez foi levar a tradição oral, as questões culturais populares, os conflitos étnicos-raciais para o plano erudito, "[...] lixando dolorosamente o problema" do homem brasileiro.

Florestan Fernandes, inclusive, declarou que a obra de Mário de Andrade se constituiu como "o espetáculo mais emocionante aos meus olhos na literatura brasileira", isso

---

[321] FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade, literato-folclorista. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 19.

[322] Entre as produções literárias de Mário de Andrade com essa temática, cabe citar "*Improviso do Mal da América*" (1930), "*Noturno de Belo Horizonte*" (1923), "*Carnaval Carioca*" (1923), "*Macunaíma*" (1928) e "*Acalanto do Seringueiro*" (1925), "*Paulicéia Desvairada*" (1922). Ver: SCHPUN, Mônica Raisa. Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 11-36, 2003. ,

demonstrou aos leitores do artigo a importância da figura de Mário de Andrade e o porquê da realização de uma homenagem daquele porte. Para Florestan Fernandes, Mário de Andrade conseguiu acessar questões profundas da sociedade brasileira, sobretudo porque foi um conhecedor da cultura nacional, de modo que conseguiu transportar para os seus escritos todas as contradições, características, particularidades, tradições etc., de uma sociedade que experimentava a mudança social, onde o conflito entre o "passado" e o "futuro" eram sentidos. Sem dúvidas, essa era uma questão que mobilizava o interesse de Florestan Fernandes no que dizia respeito ao folclore e ao trabalho de Mário de Andrade.

c) Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo: Florestan Fernandes e o folclore

Por fim, chegamos à análise dos artigos de Florestan Fernandes publicados no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo.* O suplemento foi idealizado e criado por Antonio Candido em 1956, onde o material "[...] deveria abranger diversas áreas da cultura e do pensamento como as ciências sociais, a filosofia, o teatro, o cinema, as artes plásticas e a música, além da literatura."[323] O caderno era veiculado aos sábados e trazia consigo uma proposta de se tornar uma revista de cultura, onde de sua fundação até 1966 contou com a direção de Décio de Almeida Prado (1917 - 2000). O suplemento, de acordo com Elizabeth Lorenzotti, "[...] viria a ser considerado, décadas depois, o modelo de todos os cadernos culturais que o sucederam."[324] O caderno em questão circulou pelo jornal *O Estado de S. Paulo* até o ano de 1974. No Plano do Suplemento Literário e Artístico d'*O Estado de S. Paulo*, conforme citado por Lorenzotti, Antonio Candido elaborou a seguinte definição para a natureza do jornal:

> O Suplemento, que aparecerá aos sábados, pretende conciliar as exigências de informação jornalística e as de bom nível cultural, visando ser, como ideal, uma pequena revista de cultura. Na sua estrutura prevê-se uma porcentagem de matéria leve, curta e informativa, que permite incluir, em compensação, matéria de mais

[323] FERNANDES, Ana Candida Franceschini de Avelar. **Artistas plásticos no Suplemento Literário de O Estado de São Paulo (1956-1967)**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p. 17.
[324] LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário, que falta ele faz!**: 1956 - 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural / Elizabeth Lorenzotti - São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2007. p.10.

> peso. Assim serão atendidos os interesses tanto do leitor comum quanto do leitor culto, devendo-se evitar que o Suplemento se dirija exclusivamente a um ou outro.[325]

Sendo assim, ao pensarmos no espaço ocupado pelo folclore, enquanto tema de discussão no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, devemos pensá-lo como um tema que estivesse no limiar, atendendo tanto o leitor comum, o grande público, quanto o leitor iniciado. Apenas para ilustrar a importância desse tema no suplemento, vale dizer que constatamos[326] que entre 1956 e 1962, respectivamente, ano de criação do Suplemento Literário e data da última publicação de Florestan Fernandes falando sobre a questão folclórica, o termo folclore apareceu em cento e noventa e quatro[327] oportunidades no caderno. Apesar disso, é importante ressaltar que nem todas essas ocorrências se tratavam, propriamente, de discussões sobre o folclore enquanto objeto de pesquisa e/ou realidade concreta, pois por vezes o termo apareceu com outras finalidades. Podemos citar como exemplo ano de 1956 no qual o termo folclore apareceu em oito oportunidades, todavia somente em três das publicações se discutia a questão folclórica propriamente dita. Coincidentemente ou não, essas três publicações eram de autoria de Florestan Fernandes. A mesma situação pôde ser encontrada ao pesquisarmos o termo folclore no ano de 1960, onde das trinta e quatro ocorrências somente em seis delas a discussão girava, especificamente, em torno da questão folclórica.

Após essa pincelada sobre o folclore no Suplemento Literário nos dedicamos à discussão dos textos escolhidos para serem analisados.

c. a. Florestan Fernandes em "Folcloristas em confronto"

---

[325] LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário, que falta ele faz!**: 1956 - 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural / Elizabeth Lorenzotti - São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2007. p.48.

[326] Essa constatação somente foi possível mediante o acesso ao acervo online do jornal *O Estado de S. Paulo*. Essa ferramenta nos permitiu fazer a busca pelo termo, de modo a especificar as datas e o caderno utilizado. Cabe ainda ressaltar que estamos cientes de que outras palavras ou termos poderiam ser utilizados nessa busca, tais como "folcloristas", "manifestações folclóricas" etc. Porém a nossa escolha se justifica por ser o folclore um termo abrangente. Ver: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 17 dez 2019.

[327] Em 1956 o termo apareceu em oito oportunidades, em 1957 em trinta e sete vezes, em 1958 em vinte e seis, em 1959 em trinta, em 1960 em trinta e quatro, em 1961 em trinta e nove e, por fim, em 1962 o termo apareceu em vinte oportunidades.

No que diz respeito à veiculação do artigo de Florestan Fernandes aqui estudado, "*Folcloristas em confronto*", cabe dizer que o jornal *O Estado de S. Paulo* daquele sábado contou com trinta e quatro páginas, sem se somar as seis páginas do caderno Suplemento Literário. Vale dizer que sendo o suplemento um caderno à parte, a nossa análise se limitou, exclusivamente, a ele. Sendo assim, no caderno em questão, a primeira página reservou um espaço para o sumário, onde foi possível contabilizar vinte e duas publicações que envolviam desde poesia, fotografia, resenha bibliográfica até crítica musical e literária e discussão religiosa. O Suplemento Literário daquela edição, assim como os demais números, foi marcadamente um caderno em que a primazia cultural se expressava visualmente, os leitores ao se depararem com o caderno tão logo podiam notar a proposta daquela revista de cultura que abordava os assuntos mais variados possíveis dentro dessa esfera.

A respeito das publicações, na última página do caderno pudemos ler o seguinte alerta sobre o conteúdo dos materiais veiculados, algo que se repetiu nos demais cadernos:

> Todos os artigos publicados neste suplemento são originais e de responsabilidade exclusiva de seus signatários. Achando-se completo o quadro de colaboradores permanentes, a direção não garante a devolução das matérias que lhe foram por acaso submetidas ainda quando não aproveitadas. A publicidade inserta neste suplemento obedece a normas especiais, que poderão ser encontradas na administração do jornal.[328]

Esse trecho, para nós, é bastante ilustrativo, pois evidenciou a própria proposta do caderno que, embora veiculado juntamente do jornal *O Estado de S. Paulo*, não se responsabilizava pelo conteúdo publicado, de modo a atribuir responsabilidade exclusiva aos autores e/ou autoras. Outro ponto a se destacar, diz respeito ao caderno possuir um "quadro de colaboradores", o qual Florestan Fernandes certamente fazia parte, visto que o cientista social publicou no Suplemento Literário, falando sobre o folclore, em dezenove artigos

Em resumo, nos detivemos a analisar o artigo "*Folcloristas em confronto*" publicado por Florestan Fernandes no caderno Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo* em 02 de abril de 1960, de número 176. O artigo se encontra localizado na página número três do suplemento.[329] O texto divide a página com outras três publicações: "*Aspectos do "Nouveau*

[328] SUPLEMENTO LITERÁRIO, **O Estado De S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. p. 6.
[329] Conferir detalhes dessa página com a "Figura 5", disponibilizada na página 143 desta dissertação

Roman'"" de Leyla Perrone-Moisés[330]; "*Florescência*" um poema da poetisa brasileira Henriqueta Lisboa (1901 - 1985) com ilustrações do jornalista e pintor Arnaldo Pedroso D'Horta (1914 - 1973); e um conto de Breno Accioly (1921 - 1966) chamado "*Verde, Verde, Verde.*"

O artigo de Fernandes correspondeu a cerca de um quarto da página e se iniciou no canto superior direito do documento, embora tenha se estendido até o final da página. Tão logo, os leitores que se depararam com o artigo devem ter notado que se tratava de uma polêmica, o próprio título servia como indicativo. O artigo se iniciou da seguinte forma:

> Alguns folcloristas de São Paulo e do Rio de Janeiro vêm fomentando uma espécie de polêmica em torno da natureza do folclore como disciplina independente. Afirmam que o folclorista deve descrever e interpretar os dados folclóricos como fenômenos sociais, de maneira a considerá-los como parte das situações sociais de vida em que eles forem observados: Nada tenho a opor a essa afirmação, pois desde 1941 venho tentando focalizar o folclore de uma perspectiva sociológica. Mas ocorre-me perguntar: o que tem feito esses folcloristas em favor do ponto de vista que advogam? Suas contribuições ao estudo do folclore brasileiro por acaso se inspiram em modelos de descrição e de análise fornecidos por disciplinas como a psicologia, a etnologia e a sociologia? Em que trabalhos eles fizeram, mesmo esparsamente, interpretações que ponham em evidência o fato de estarem laborando em prol do conhecimento dos processos psico-sociais ou socioculturais subjacentes às manifestações folclóricas no Brasil? Não é difícil responder a perguntas desse gênero. Os folcloristas em questão procedem como os demais colegas brasileiros, limitando-se à formação de coleção de materiais folclórico, coligidos de modo assistemático. Revelam mesmo, especial incapacidade de aplicar o próprio modelo folclorístico de análise dos dados folclóricos, terreno em que são suplantados por aqueles seus colegas. É de notar que os líderes dessa polêmica inócua se incluem - o que poderia ser facilmente demonstrado - entre os responsáveis pelas piores coleções de que dispomos, feitas de materiais recolhidos sem critério por terceiros e dados à lume sem nenhuma tentativa de ordenação metódica dos dados. [331]

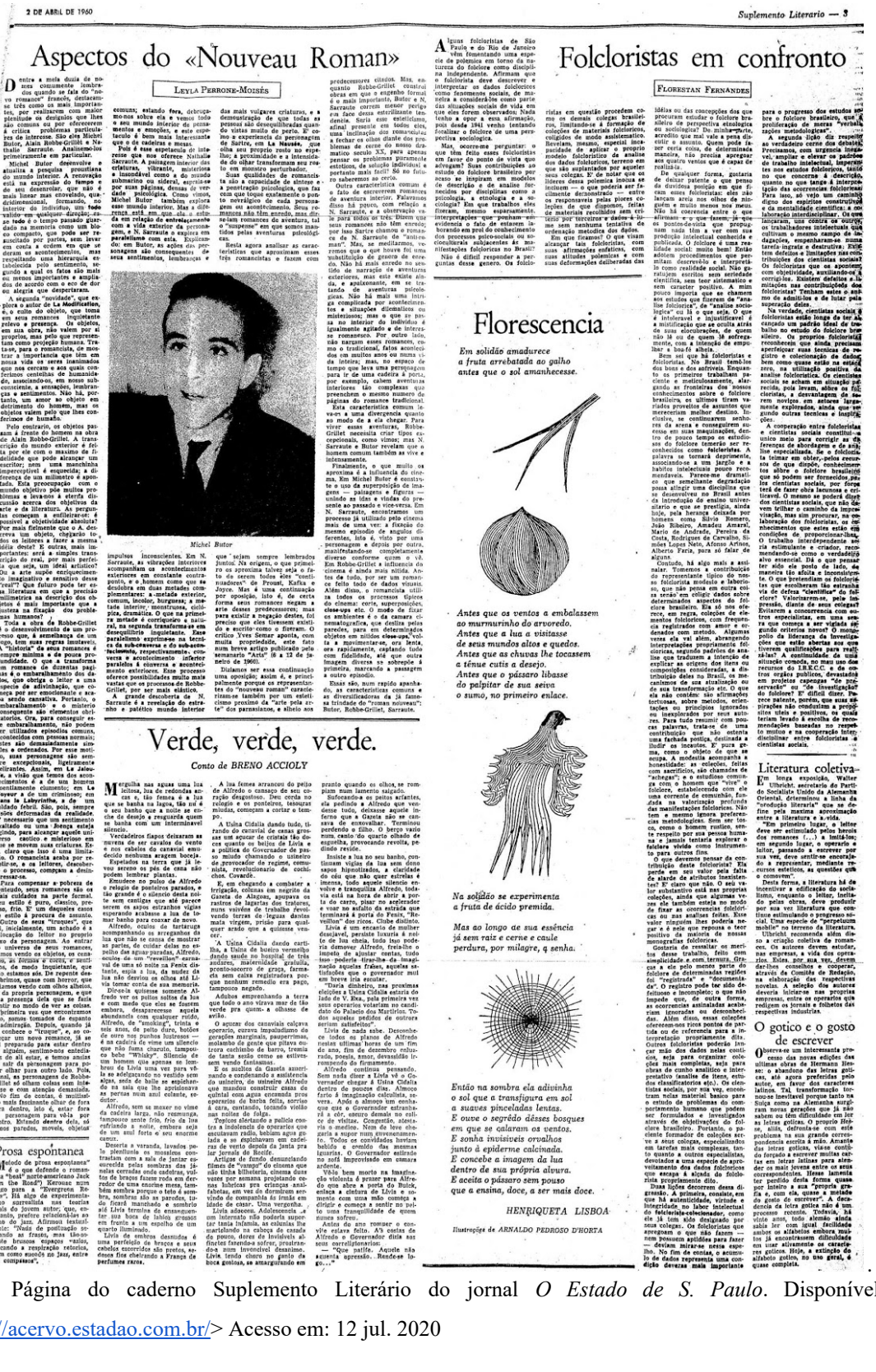
Essa era uma discussão de longa data, vimos ao longo desta dissertação que Florestan Fernandes se opunha a ideia de que o folclore poderia pleitear o cargo de disciplina autônoma, inclusive essa posição do autor datava desde os seus escritos iniciais na década de 1940. Todavia, em 1960 esse parecia ser um tema que ainda mobilizava reflexões. Ora, Florestan Fernandes, em diálogo direto com os folcloristas, buscou demonstrar a desarmonia entre os anseios dos folcloristas e o trabalho por eles realizado.

---

[330] Leyla Perrone-Moisés é, atualmente, professora emérita na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

[331] FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.

Figura 5 - Página do Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo,* em 2 de abril de 1960.



Aspectos do «Nouveau Roman»

Leyla Perrone-Moisés

Florescencia

Em solidão amadurece
a fruta arrebatada ao galho
antes que o sol amanhecesse.

Antes que os ventos a embalassem
ao murmurinho do arvoredo.
Antes que a lua a visitasse
de seus mundos altos e quedos.
Antes que as chuvas lhe tocassem
a ténue cutis a desejo.
Antes que o pássaro libasse
o pelpitar de sua seiva
o sumo, no primeiro enlace.

Na solidão se experimenta
a fruta de ácido premida.

Mas ao longo de sua essência
já sem raiz e cerne e casle
perdura, por milagre, q senha.

Então na sombra ela adivinha
o sol que a transfigura em sol
a suaves pinceladas lentas.
E ouve o segrêdo dêsses bosques
em que se calaram os ventos.
E sonha invisíveis orvalhos
junto á epiderme calcinada.
E concebe a imagem da lua
dentro de sua própria alvura.
E aceita o pássaro em pouso
que a ensina, doce, a ser mais doce.

HENRIQUETA LISBOA

Ilustrações de ARNALDO PEDROSO D'HORTA

Verde, verde, verde.

Conto de BRENO ACCIOLY

Folcloristas em confronto

Florestan Fernandes

Literatura coletiva

O gotico e o gosto de escrever

Prosa espontanea

Fonte: Página do caderno Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso em: 12 jul. 2020

Na opinião do autor, se por um lado alguns folcloristas buscavam dar notoriedade científica às pesquisas folclóricas, por outro eles não apresentavam trabalhos que pudessem justificar os anseios científicos desse campo. Para ele, os trabalhos desenvolvidos por alguns folcloristas revelavam um caráter precarizado e amadorístico, tal como pudemos observar do excerto acima. Florestan Fernandes com o seu irredutível posicionamento seguiu na sua argumentação ao levantar outros questionamentos:

> Em que ficamos? O que visam alcançar tais folcloristas, com suas afirmações enfáticas, com suas atitudes polêmicas e com suas deformações deliberadas das ideias ou das concepções dos que procuram estudar o folclore brasileiro de perspectiva etnológica ou sociológica? De minha parte, acredito que mal vale a pena discutir o assunto. Quem pode fazer certa coisa, de determinada maneira, não precisa apregoar aos quatro ventos que é capaz de realizá-la. De qualquer forma, gostaria de deixar patente o que penso da duvidosa posição em que ficam esses folcloristas eles não lançam areia nos olhos de ninguém e muito menos nos meus. Não há coerência entre o que afirmam e o que fazer, já que os pontos de vista que propugnam nada têm a ver com a sua produção intelectual conhecida e publicada.[332]

Com este trecho evidencia-se a existência de uma tensão existente entre alguns folcloristas e Florestan Fernandes e se pode subentender, inclusive, que o artigo em questão tratou-se de uma resposta às críticas porventura sofridas pelo autor aqui estudado. Tal como constatamos, quando analisamos os artigos sobre "*O negro na tradição oral*" da década de 1940, Florestan Fernandes propunha uma forma de se encarar o folclore. Naqueles artigos, o autor mostrou ter por objetivo compreender alguns elementos que pudessem explicar o preconceito de cor no contexto brasileiro e, para isso, utilizou o folclore como uma fonte privilegiada para atingir tal objetivo, conforme discutido anteriormente. Nesse sentido, ao nosso ver, a crítica lançada aos folcloristas era, justamente, a de que os profissionais do tema não faziam o uso folclore com a finalidade de explicar os problemas da sociedade. Florestan Fernandes seguiu dizendo: "[...] o folclore é uma realidade social: muito bem! Então adotem procedimentos que permitam descrevê-lo e interpretá-lo como realidade social. Não garatujem escritos sem seriedade científica, sem teor sistemático e sem caráter positivo."[333] Ou seja, a discussão colocada para com o folclore era outra. Ora, vimos anteriormente que Florestan

---

[332] FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.

[333] FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.

Fernandes foi bastante elogioso ao trabalho de Mário de Andrade, visto que Andrade conseguiu acessar por meio da literatura e, também, com o trabalho propriamente folclorístico questões profundas da sociedade brasileira.

Voltando ao artigo aqui analisado, cabe dizer que foi possível constatar mais uma característica das discussões de Florestan Fernandes, visto que ele buscou reforçar, com certa assiduidade, o fato de que

> [...] pouco importa que se chamem estudos que fizerem de "análise folclórica", de "análise sociológica" ou lá o que seja. O que é intolerável e injustificável é a mistificação que se oculta atrás de suas elucubrações, de quem não lê ou de quem lê sofregamente, com a intenção de empulhar a boa-fé alheia.[334]

Para Fernandes, o importante era que se fizesse um trabalho sério e que esse trabalho servisse para a explicação da realidade, algo destoante do trabalho realizado por alguns folcloristas da época. Apesar da crítica endereçada, o autor destacou alguns folcloristas que realizaram trabalhos notáveis, como se pode ver:

> Bem sei que há folcloristas e folcloristas. No Brasil temô-los dos bons e dos sofríveis. Enquanto os primeiros trabalham pacientemente e meticulosamente, alargando as fronteiras dos nossos conhecimentos sobre o folclore brasileiros, os últimos tiram variados proveitos de assuntos que mereciam melhor destino. Inclusive, se continuarem senhores da arena e conseguirem sucesso em suas maquinações, dentro de pouco tempo os estudiosos do folclore temerão ser reconhecidos como folcloristas. Parece-me dramático que semelhante degradação possa atingir uma disciplina que se desenvolveu no Brasil antes da introdução do ensino superior e que se prestigia, ainda hoje, pela herança deixada por homens como Sílvio Romero, João Ribeiro, Amadeu Amaral, Mário de Andrade, Pereira da Costa, Rodrigues de Carvalho, Simões Lopes Neto, Afonso Arinos, Alberto Faria, para só falar de alguns. Contudo, há algo mais a assinalar. Tomemos a contribuição do representante típico do nosso folclorista modesto e laborioso, que não pensa em outra coisa senão em coligir dados sobre determinados aspectos do folclore brasileiro. Ela só nos oferece, em regra, coleções de elementos folclóricos, com frequência registrados com amor e ordenados com método. Algumas vezes ela vai além, abrangendo interpretações propriamente folclóricas, segundo padrões de análise que traduzem a intenção de explicar as origens dos itens ou composições consideradas, a distribuição deles no Brasil, os mecanismos de sua atualização ou de sua transformação etc. O que ela não contém: são afirmações tortuosas, sobre métodos, orientações ou princípios ignorados ou inexplorados por seus autores. Para tudo resumir com poucas palavras, trata-se de uma contribuição que não ostenta uma fachada postiça, destinada a iludir os incautos. É pura gema, como o objeto de que se ocupa. A modéstia acompanha a honestidade: as coleções, feitas com sacrifícios, são chamadas de "achegas"; e o estudioso comunga com o homem que "vive" o folclore, estabelecendo com ele uma corrente de comunhão, fundada na valorização

[334] FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.

> profunda das manifestações folclóricas. Não tem e mesmo ignora preferências metodológicas. Sem ser tosco, como o homem rústico, sente respeito por sua pessoa humana e jamais tentaria explorar o folclore vivido como instrumento para outros fins.[335]

Os leitores que se deparam com o artigo de Florestan Fernandes, provavelmente, devem ter entendido a crítica formulada por ele formulada: havia uma tradição de estudiosos do folclore que prestaram contribuições indiscutíveis para a compreensão dos fatos folclóricos e seus respectivos significados para a vida social. Florestan Fernandes citou, mais uma vez, Sílvio Romero, Amadeu Amaral, Mário de Andrade, além de outros pesquisadores que na ânsia de conhecer e mapear as tradições populares fizeram trabalhos notáveis, tais como Simões Lopes Neto[336] (1865 - 1916) e Rodrigues de Carvalho[337] (1867 - 1936), citados por Fernandes. Apesar do tom pouco amistoso com alguns folcloristas, não mencionados explicitamente, o que Florestan Fernandes buscava era dar objetividade ao debate, visto que defendia o fato de que o valor atribuído ao folclore advinha de outras questões e não da tentativa de se auto definir como um ramo da ciência.

Para o autor, o valor das pesquisas folclóricas, aquelas com vistas a conhecer de fato as manifestações folclóricas ao invés de reivindicar um campo de saber, estava nas próprias coleções desses materiais. Isto é: o valor das coleções folclóricas estava assentada no fato de que "[...] essas coleções oferecem-nos ricos pontos de partida ou de referência para a interpretação propriamente dita. Outros folcloristas poderão lançar mão dos dados nelas contidos, seja para organizar coleções mais completas, seja para obras de cunho analítico e interpretativo [...]"[338], assim como essas ferramentas também se constituía em grande valia para os cientistas sociais. Florestan Fernandes disse ainda que "[...] gostaria de ressaltar os méritos desse trabalho, feito com simplicidade e com ternura. Graças a ele pelo menos parte

---

[335] FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.

[336] Nascido no Rio Grande do Sul, Simões Lopes Neto se destacou como crítico literário, porém sua principal contribuição foi atribuída a sua produção literária, onde valorizada a região gaúcha em seus costumes e tradições populares.

[337] Rodrigues de Carvalho nasceu na Paraíba e desenvolveu suas pesquisas folclóricas na região do Nordestes em busca de conhecer os saberes populares. Resultou de seu trabalho reconhecido livro *Cancioneiros do Norte*. Ver: CARVALHO, Rodrigues de. **Cancioneiro do norte**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: INL, 1967. 411p.

[338] FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.

do folclore de determinadas regiões foi "registrada" e "documentada"."[339] Para o autor, era justamente nesses trabalhos que os cientistas sociais deveriam se apoiar na busca pela compreensão social.

Florestan Fernandes continuou o seu argumento dizendo que havia duas lições a serem a apreendida e que decorriam de sua exposição

> A primeira, consiste, em que há autenticidade, virtude e integridade no labor intelectual do folclorista-colecionador, como ele já tem sido designado por seus colegas. Os folcloristas que apregoam o que não fazem - nem possuem aptidões para fazer - deviam mirar-se nesse espelho. No fim de contas, o acúmulo de dados representa uma condição deveras mais importante para o progresso dos estudos sobre o folclore brasileiro, que a proliferação de meras "verbalizações metodológicas". A segunda lição diz respeito ao verdadeiro cerne dos debates. Precisamos, com urgência inegável, ampliar e elevar os padrões de trabalho intelectual, imperantes nos estudos folclóricos, tanto no que concerne à descrição quanto no que tange à interpretação das ocorrências folclóricas.[340]

Aqui, ao nosso ver, é significativo voltar às décadas de 1940 e 1950 na produção de Florestan Fernandes, não especificamente olhando para o folclore, mas sim para a sua pesquisa sobre os índios tupinambás. Ora, o trabalho empreendido por Florestan Fernandes ao ter estudado a sociedade Tupinambá foi fruto de uma investigação de reconstrução histórica onde as raras e fragmentadas fontes quinhentistas e seiscentistas subsidiaram um trabalho de fôlego, no qual o autor pôde discutir a organização social de uma sociedade considerada extinta pela literatura desde o século XVII. Ou seja, a defesa sobre a importância de se coletar e se colecionar material folclórico, em nossa opinião, advinha da própria experiência, enquanto pesquisador, de Florestan Fernandes. Sendo assim, para ele, estudar o folclore cientificamente não significava tomar o folclore como ciência. Agora, para atingir padrões elevados de trabalho, o autor acreditava ser necessário a colaboração mútua entre folcloristas e cientistas sociais ou outros pesquisadores da cultura *folk*.

É interessante observar que essa discussão se realizou por meio dos suportes comunicativos, ou seja, esse debate pôde ser acessado por aqueles que não se encontravam na academia e/ou não eram conhecedores dos estudos de folclore ou sequer estivessem afeitos a uma problemática desse tipo, algo que nos evidencia a importância dos jornais na

---

[339] FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.

[340] FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.

comunicação entre acadêmicos e o grande público. Florestan Fernandes, caminhando para a conclusão do artigo, chegou à seguinte conclusão ao discorrer sobre os folcloristas e os próprios cientistas sociais:

> Se o folclorista teimar em obter, pelos recursos que dispõe, conhecimentos sobre o folclore brasileiro que só podem ser fornecidos pelos cientistas sociais, por força terá de fazer obra lacunosa e criticável. O mesmo se poderá dizer dos cientistas sociais, que não devem trilhar o caminho da improvisação, mas sim procurar, na colaboração dos folcloristas, os conhecimentos que estes estão em condições de proporcionar-lhes. O trabalho interdependente seria estimulante e criador, recomendando-se como o verdadeiro algo essencial.[341]

Nesse sentido, apesar da importância e necessidade de um trabalho cooperativo, Florestan Fernandes apontou para os folcloristas como eles sendo avessos ao trabalho interdependente. Isso era, certamente, algo que gerava questionamento e, sabendo disso, Florestan Fernandes passou a levantar questões que pudessem justificar a posição dos folcloristas.

> Dá o que pensar ter sido ele posto de lado, de maneira tão afoita e inconsistente. O que pretendiam os folcloristas que escolheram tão estranha via de defesa "científica" do folclore? Valorizam-se, pela impressão, diante de seus colegas? Evitarem a concorrência com outros especialistas, em uma seara que começa a ser vigiada segundo critérios novos? O monopólio da liderança de investigações que estão abertas aos que tiverem qualificações para realizá-las? A continuidade de uma situação cômoda, no mau uso dos recursos do I.B.E.C.C. e de outros órgãos públicos, devastados por projetos capengas "de preservação" ou "de investigação" do folclore? É difícil dizer. Parece patente, porém, que suas aspirações não conduziam a propósitos úteis e positivos, os quais teriam levado à escolha de recomendações baseadas no respeito mútuo e na cooperação interdisciplinar entre folcloristas e cientistas sociais.[342]

Sendo Florestan Fernandes alvo de constantes insinuações por parte dos folcloristas, tal como discutimos em outros momentos nesta dissertação, no último parágrafo do artigo aqui analisado o cientista social levantou hipóteses para toda essa situação conflituosa descrita. Não se pode negar um tom inquiridor por parte de Florestan Fernandes para com os folcloristas, mas nos parece que o autor estava um tanto quanto esgotado de ter que ficar se

---

[341] FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.
[342] FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.

posicionando acerca de questões desse tipo, haja vista que desde a década de 1940 ele propunha um olhar distinto para o tema

É importante notar, também, que Florestan Fernandes se referiu ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura que, ao que parece, financiava as pesquisas folclóricas. O financiamento de um órgão governamental não é novidade aqui, basta lembrar o sucesso conquistado no plano político pelas pesquisas desse tipo.[343] Todavia, é representativa essa referência de Florestan Fernandes, especialmente porque demonstrou aos leitores do suplemento que os estudiosos do folclore tinham aporte institucional, recebiam financiamentos - mal aproveitados na opinião do autor - etc. Isto é, em nosso entendimento, era uma forma de reforçar a visão, proposta pelo autor, de que os esforços empreendidos por alguns folcloristas para tomar o folclore como ciência desviavam o foco da principal função dos estudos desse tipo que era, justamente, se ocupar em conhecer as tradições e costumes populares. Em nosso ponto de vista, Florestan Fernandes estava ciente disso e utilizou o jornal para lançar luz e, ao mesmo tempo, esgotar as discussões sobre essa questão.

Uma discussão desse gênero aparecer nesse meio de comunicação, sem dúvidas, foi algo significativo. Ora, esse embate poderia ter ficado nos limites da academia ou nos limites dos congressos ou eventos de folclore. Sendo assim, embora saibamos que Florestan Fernandes tenha publicado recorrentemente, desde a década de 1940, no jornal *O Estado de S. Paulo*, podemos dizer o Suplemento Literário se mostrava uma ferramenta interessante, onde os leitores se dirigiam para um caderno voltado às diversas questões, tal como cultura, literatura, educação, fotografia, cinema, teatro etc. Em nossa interpretação, não poderia ser mais oportuna a publicação de "*Folcloristas em confronto*" no Suplemento Literário, haja vista que o espaço era exclusivamente dedicado para discussões amplas sobre as manifestações culturais, com as discussões folclóricas não seria diferente.

c. b. Florestan Fernandes em resenha: "Brincando de roda"

[343] No "Capítulo 1" desta dissertação discutimos a questão que envolvia a conquista de sucesso no plano político dos estudos de folclore, algo que, porém, não se materializou em uma conquista de espaço autônomo dentro da academia.

Um ponto que ainda não mencionamos neste capítulo, mas que é fundamental para se pensar a relação de Florestan Fernandes com o folclore se trata das resenhas por ele produzidas. Ora, pudemos notar que o autor era um profundo conhecedor das produções folclóricas que se realizavam no território nacional. À vista disso, para além de ter produzidos interpretações sociológicas a partir das fontes folclóricas e, para além, de ter discutido o folclore enquanto objeto de estudo, Florestan Fernandes também se dedicou a produzir resenhas sobre os livros de folclore lançados entre aquelas décadas. Basta ver que Fernandes produziu quatorze resenhas bibliográficas, tendo sido todas elas publicadas nos jornais e nas revistas da época.[344]

Além disso, vale dizer que as resenhas bibliográficas eram estimuladas pelo Suplemento Literário, pois boa parte de suas edições contavam com resenhas de livros produzidas pelos mais diversos intelectuais da época[345]. No que diz respeito à edição de número 265, de 20 de janeiro de 1962, aqui analisada, aquela contava com dezenove publicações indo de xilogravuras e poemas até crítica literária e fílmica, além, é claro, das resenhas bibliográficas. O suplemento daquela edição contou com seis páginas e no todo o jornal *O Estado de S. Paulo,* somado com o suplemento, contou com quarenta e oito páginas.

Na página dois do suplemento, Florestan Fernandes dividiu o espaço reservado às resenhas com Ruy Nunes[346], Cléber Ribeiro Fernandes (1933 - 1991)[347] e Eduardo Sucupira Filho (1907 - 2011)[348]. Além das resenhas, a página apresentou mais dois artigos: "*O fantasma de Camões (uma entrevista sensacional)*" de Jorge de Sena (1919 - 1978)[349] e "*O século 18*" do crítico literário Wilson Martins (1921 - 2010).

Florestan Fernandes iniciou a sua resenha sobre o livro *Brincando de Roda* de Iris Costa Novaes da seguinte forma:

---

[344] O leitor desta pesquisa poderá verificar que no livro *O folclore em questão*, onde se encontram organizadas as resenhas bibliográficas do autor, há menção à treze resenhas. Todavia, entendemos que há um equívoco, pois o capítulo "*Publicações póstumas de Mário de Andrade*" também se trata de um comentário produzido por Fernandes sobre o livro *Danças Dramáticas do Brasil* de Mário de Andrade. Inclusive a publicação de Florestan Fernandes no jornal carrega o nome *Danças Dramáticas do Brasil.*

[345] Conferir com a "Figura 6", disponibilizada na página 153 desta dissertação, o espaço reservado pelo Suplemento Literário para as resenhas bibliográficas.

[346] Não foi possível mapear com precisão esse nome.

[347] Importante nome no teatro, tendo escrito textos fundamentalmente do gênero infantil.

[348] Célebre jornalista da época.

[349] Nascido em Lisboa, mas naturalizado brasileiros em 1963, Jorge de Sena se tornou um dos grandes nomes da poesia de língua portuguesa.

> O presente livro reúne farto material folclórico, coligido pela autora ou informantes em diferentes regiões do país. A tecnografia musical (presumivelmente na forma, de reconstrução indireta, fundada nas informações dos observadores ou da autora) é de responsabilidade de Maria Arlinda de Carvalho Correa, com revisão dos textos musicais por Rosalba Diva Marchesini. A autora como ex-coordenadora de educação física no Curso Normal do Instituto de Educação do Estado da Guanabara e professora de educação física, escreveu o livro para ser útil às mestras que se ocupam com o mesmo máster e para facilitar as tarefas das professoras primárias que têm de lidar com os folguedos em grupo de seus alunos.[350]

Pudemos notar com essa apresentação introdutória sobre o livro dois pontos. O primeiro deles é o de que o livro foi, segundo Florestan Fernandes, fruto de um trabalho coletivo e cooperativo entre a autora e outras pesquisadoras. Além disso, destacamos o fato de que, segundo o autor, a busca por esse material foi fruto de uma preocupação da professora de educação física - Iris Costa Novaes - que entendeu ser importante compreender a presença dos folguedos nos centros de educação por onde lecionava. Com isso, o livro visava ser uma fonte para as professoras que se lançariam à atividade de educadora física. O autor continuou a sua explanação da seguinte forma:

> Eis como focaliza os objetivos gerais da exploração do "brinquedo de roda" como fator educativo da criança: "a) Contribuir para o desenvolvimento das coordenações sensório-motoras; b) educar o senso de ritmo; c) favorecer a socialização; d) desenvolver o gosto pela música; e) perpetuar tradições folclóricas; f) proporcionar contato sadio entre crianças de ambos os sexos; g) disciplinar emoções: timidez, agressividade, prepotência" (pag. 7). Em seguida, faz recomendações às atitudes que o professor deve tomar diante da atividade do grupo e da criança.[351]

Florestan Fernandes passou a descrever essas recomendações que, por sua vez, consistiam em a) planejamento prévio das ações, ou seja, não deve ser fruto de improvisações; em b) gradação da complexidade das atividades, começando pelo mais simples até os mais complexos brinquedos de roda cantados; em c) alternância dos brinquedos e brincadeiras; e em d) apresentação cuidadosa e pausada do brinquedo cantado para que a criança pudesse acompanhar o passo-a-passo do novo brinquedo. Essas recomendações demonstravam que deveria haver, por parte dos professores, um conhecimento e um domínio sobre as brincadeiras de roda e sobre os brinquedos.

---

[350] FERNANDES, Florestan. Brincando de roda. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1962. Caderno Suplemento Literário. p. 2.

[351] FERNANDES, Florestan. Brincando de roda. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1962. Caderno Suplemento Literário. p. 2.

O leitor desta pesquisa deverá estar se perguntando se a proposta da autora combinava com os entendimentos e os usos requeridos por Florestan Fernandes sobre o folclore no campo educacional. Vimos, no "item 2. 3" desta pesquisa, que o autor acreditava no valor educativo do folclore e na utilização cautelosa do folclore como recurso pedagógico. Era justamente essa a proposta defendida por Iris C. Novaes, ou seja, o brincar de roda, os brinquedos e os folguedos deveriam ter um propósito educativo quando inseridos no interior da educação sistemática, além disso os seus usos deveriam ser planejados com o intuito de que estes cumpram uma função clara e objetiva. O trecho que transcrevemos acima é ilustrativo dessa questão.

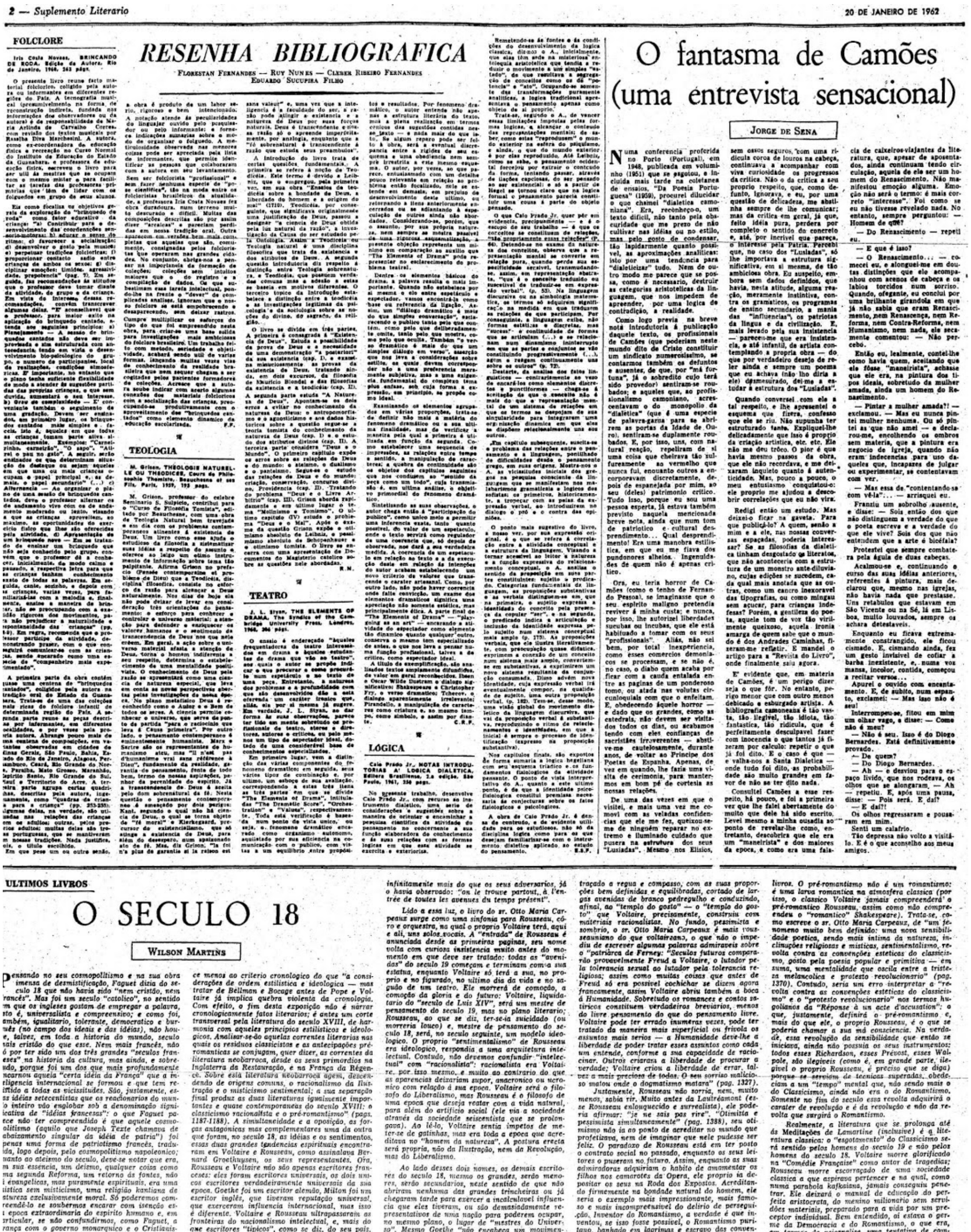
Florestan Fernandes seguiu a sua resenha fazendo um resumo das partes que compuseram o livro, vejamos:

> A primeira parte da obra contém quase uma centena de "brinquedos cantados", coligidos pela autora na tradição oral do Estado da Guanabara. Trata-se de uma das coleções mais ricas do folclore infantil de determinada região do país. A segunda parte reúne as peças descritas por informante, em diferentes localidades, e por vezes pela própria autora. Abrange pouco mais de uma centena de composições, em variantes observadas em cidades de Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Estado do Rio de Janeiro, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Mato Grosso, Maranhão, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Piauí e território do Acre. A terceira parte agrupa certas quadrinhas, descritas pela autora, ingenuamente, como "quadras da criança para a criança" (pp. 253-255). Algumas delas, na verdade, são utilizadas nas relações das crianças com os adultos; outras, pelos próprios adultos: muitas delas são trovas portuguesas, que se mantiveram em nossas tradições. Nada que justifica, pois, o título escolhido.[352]

Fernandes mostrou-se bastante elogioso ao trabalho exercido pela autora do livro. Todavia, sobre a última parte do material escrito, o Fernandes apontou para um equívoco cometido por Iris C. Novaes, segundo a sua interpretação. Mas, sobre isso, é importante lembrar que Florestan Fernandes foi na década de 1940 um estudioso do folclore infantil e, por isso, não se eximiu de tecer comentários ao lidar com o tema. Apesar disso, o autor continuou dizendo que

[352] FERNANDES, Florestan. Brincando de roda. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1962. Caderno Suplemento Literário. p. 2.

Figura 6 - Página do Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo,* em 20 de janeiro de 1962.



2 — Suplemento Literario

20 DE JANEIRO DE 1962

FOLCLORE

RESENHA BIBLIOGRAFICA

FLORESTAN FERNANDES — RUY NUNES — CLEBER RIBEIRO FERNANDES
EDUARDO SUCUPIRA FILHO

TEOLOGIA

TEATRO

LÓGICA

O fantasma de Camões
(uma entrevista sensacional)

JORGE DE SENA

ULTIMOS LIVROS

O SECULO 18

WILSON MARTINS

Fonte: Página do caderno Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso em: 12 jul. 2020

> Em que pese um ou outro senão, a obra é produto de um labor sério, rigoroso e bem-intencionado. [...] Sem ser folclorista "profissional" e sem fazer nenhuma espécie de "pose científica", tão na moda entre os folcloristas brasileiros, a professora Iris Costa Novaes fez um trabalho duradouro, num terreno muito descurado e difícil. Muitas das composições descritas são por assim dizer "arcaicas" e pareciam perdidas em nossa tradição oral. Outras aparecem em versões bem mais completas que aquelas que são, comumente, consignadas pelos folcloristas que operaram nas grandes cidades. No conjunto, obriga-nos a pensar na importância da formação de coleções; coleções sem intuitos maiores que o do registro e a compilação de dados. Os que subestimam essa tarefa intelectual, pondo-lhe na frente o "dever" de complicadas análises, ignoram que o nosso folclore se está empobrecendo e desaparecendo, sem deixar rastros.[353]

Florestan Fernandes novamente trouxe a discussão sobre a importância de se fazer pesquisa folclórica séria e comprometida com a coleção das manifestações folclóricas que estavam, segundo o autor, em processo de desaparecimento, sobretudo, porque, como vimos nesta dissertação, a pressão da mudança social se fazia sentir cada vez mais forte e o folclore, como um todo, tendia a ser atingido em maior intensidade. Outro ponto necessário de ser mencionado refere-se ao fato de que o autor destacou como ponto forte no trabalho de Iris C. Novaes a completude dos materiais por ela recolhidos em comparação com o trabalho realizado nas grandes cidades por outros folcloristas. Dessa afirmativa podemos depreender algumas interpretações. Uma delas é a de que as grandes cidades, na década de 1960, ainda conservavam resquícios de cultura *folk*, mesmo com o adiantado processo de mudança. Todavia, cabe também notar que pela fala de Florestan Fernandes o folclore poderia ser encontrado de forma mais completa caso fosse analisado os seus usos nas cidades interioranas, tal como fez Iris C. Novaes, isto é: a modernização não se fazia sentir da mesma forma em todos os cantos do país.

Por fim, Florestan Fernandes conclui o texto da seguinte forma:

> Cumpre multiplicar os esforços do tipo do que foi empreendido nesta obra, para criar-se uma base sólida para investigações mais ambiciosas do folclore brasileiro. Um trabalho feito com método, seriedade e objetividade, acabará sendo útil de várias formas, lançando muitas vezes vias de conhecimento da realidade brasileira que nem sequer chegam a ser cogitadas pelos pacientes formadores de coleções. Acresce que a autora soube indicar com acerto algumas conexões dos materiais folclóricos com a socialização das crianças, preocupando-se produtivamente com o

[353] FERNANDES, Florestan. Brincando de roda. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1962. Caderno Suplemento Literário. p. 2.

> aproveitamento dos “brinquedos cantados” como elemento dinâmico da educação escolarizada.[354]

Nos parece que esse trecho sintetiza algumas posições de Florestan Fernandes para com o folclore. Vejamos: o elogio ao trabalho de Iris C. Novaes se sustentou na valorização da seriedade do trabalho de coleta do material folclórico empreendido por ela. Além disso, Florestan Fernandes destacou a interpretação desse material que a levou a fazer conexões importantes sobre o tema, especialmente no que dizia respeito à socialização das crianças a partir das brincadeiras cantadas. E, por fim, o autor conseguiu exemplicar, a partir do material produzido pela autora, a forma sobre a qual ele entendia que o folclore poderia participar da educação escolarizada, ou seja, o folclore poderia participar como um elemento dinâmico funcionando com um recurso pedagógico, desde que apresentasse finalidades claras na sua utilização.

[354] FERNANDES, Florestan. Brincando de roda. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1962. Caderno Suplemento Literário. p. 2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar nos momentos finais desta dissertação, desejamos retomar ao ponto que nos instigou a investigar o folclore em Florestan Fernandes: o que os estudos folclóricos possibilitaram ao autor explorar no processo de compreensão da vida social? Buscamos responder a essa pergunta com vistas a compreender a "força de irradiação" desse tema na sociologia produzida por Florestan Fernandes e, para isso, nos utilizamos da sugestão metodológica de interpretação de texto de Erich Auerbach.

Para arrematar os pontos discutidos ao longo do texto, cumpre dizer que a nossa pesquisa se finaliza cerca de oitenta anos após Florestan Fernandes ter começado a investigar o folclore e a tê-lo tomado como objeto de estudo. Tal como procuramos evidenciar em nossa exposição, ao contrário de outros temas que mobilizaram a produção sociológica do autor, a questão folclórica se apresentou com algumas particularidades. A primeira delas é o fato de que esse foi um tema que não encontrou, em tempos atuais, a vitalidade das discussões que experimentou durante as décadas de 1940 e 1950, nem mesmo na academia, nos suportes comunicativos ou como uma política institucional.

Sendo assim, pudemos perceber que o folclore foi um assunto marcado historicamente e de forma diferente dos dilemas raciais, educacionais, econômicos etc., esse mesmo tema não pôde ser facilmente aportado para o tempo presente, embora, ao nosso ver, possa ser utilizado para se compreender o nosso passado, o nosso presente e, por que não, o nosso futuro, algo que, como vimos, era uma questão relevante para Florestan Fernandes. Mas o que queremos dizer com isso é que até mesmo a profissão de folclorista é hoje raramente encontrada, haja vista que a cultura *folk* se apresenta de forma diversa e imprime desafios ainda maiores daqueles que imprimiam no século passado. Basta lembrar que já naquele tempo Florestan Fernandes alertava para as dificuldades de se acessar e de se compreender a importância desses elementos folclóricos na vida em sociedade.

Outra particularidade do folclore se refere, justamente, a importância que os estudos desse tipo tinham à época. A nossa pesquisa demonstrou que a busca por compreender as manifestações culturais da população era uma forma de se acessar os comportamentos, as

tradições e os costumes norteadores da identidade brasileira, talvez isso justifique a tamanha intensidade e mobilidade do tema, algo que interessava aos estudiosos, pesquisadores, governantes, opinião pública etc. A preocupação em mapear e coligir o material folclórico tinha como argumento principal a necessidade de se conhecer e, em alguma medida, de se preservar aquilo que se encontrava em adiantado processo de deterioração.

Em vista disso, conseguimos imaginar o quanto a discussão sobre o folclore foi latente naquelas décadas e, sendo assim, se torna possível compreender o quanto ela mobilizou a produção sociológica de Florestan Fernandes. Em nossa pesquisa, também discutimos o momento de auge do folclore enquanto objeto de pesquisa e vimos que esse momento coincidiu cronologicamente com o período de institucionalização do ensino superior, isso não teria importância caso não estivéssemos falando de Florestan Fernandes. Não é novidade dizer que o sociólogo foi um nome importante na consolidação das Ciências Sociais brasileira e que lutou de diversas formas para conferir aspectos científicos às investigações sociais, fossem elas econômicas, educacionais e até mesmo folclóricas.

Mas, sobretudo, o que esta pesquisa buscou deixar evidente foi o modo pelo qual o autor procurou interpretar as manifestações folclóricas. Pudemos compreender que o que ele desejava era localizar o folclore em todo um contexto sociocultural, com vistas a explicar questões pertencentes a realidade concreta. Vimos que na opinião de Florestan Fernandes a mudança social, a urbanização e a industrialização eram percebidas como as principais responsáveis pela "nova" cultura que se erguia em contraposição à cultura tradicional. Essa questão, em nossa opinião, foi um dos principais interesses de Florestan Fernandes ao investigar o folclore, pois, para ele, esse tema suscitava compreender a dinâmica da mudança social, econômica e cultura da sociedade.

Ora, as questões que se levantaram na produção sociológica de Florestan Fernandes foram: como uma sociedade que experimentava mudanças sociais profundas conservava em si elementos considerados do passado? Por que esses mesmos elementos se encontravam em maior intensidade entre as camadas mais pobres da população? O que justificava o intenso esforço de localizar o folclore somente entre as camadas populares? Em que medida o folclore, enquanto expressão, poderia auxiliar aos cientistas sociais na explicação das questões que moviam a sociedade daquela época? Qual o valor atribuído ao folclore?

Isto é, nos limites desta dissertação, nos dedicamos a compreender essas questões à vista da produção do autor. Essas perguntas nos possibilitaram acessar algumas concepções-chaves na sociologia de Florestan Fernandes. Ao olhar para o folclore na produção dele nos foi possível verificar os entendimentos que ele propunha para os termos cultura, sociedade e educação, isso nos permitiu verificar que o autor via esses termos de forma amplamente imbricados.

Devemos, ainda, mencionar um outro aspecto que nos foi despertado enquanto analisávamos o folclore em Florestan Fernandes. Nos deparamos com um sociólogo público que já no início de sua carreira tomava os jornais e as revistas como instrumentos essenciais para levar as discussões sobre a cultura de um povo para além dos muros acadêmicos. Isso nos permitiu refletir sobre a importância desses instrumentos comunicativos na carreira dele, isso porque mapeamos que todas as reflexões produzida pelo autor a respeito do folclore foram disponibilizadas, aos leitores da época, ou em jornais ou em revistas. Sem dúvidas, isso é algo significativo.

Um outro ponto que nos foi revelado, ao avaliarmos esse tema de interesse de Florestan Fernandes, entre 1941 a 1962, foi o de que esse período significou mais do que o período de formação do autor. Estamos falando de cerca de vinte anos de produção onde a pesquisa e a defesa por uma cientificidade das análises culturais estiveram no cerne de suas investigações. Se por um lado foi o momento que marcou o amadurecimento intelectual do autor, por outro, foi, também, o momento em que as concepções sobre as esferas que compõem a realidade social foram se moldando na sociologia do autor. Em nossa interpretação, o folclore se tornou, para Florestan Fernandes, um objeto de pesquisa bastante elucidador das relações estabelecidas no contexto nacional. Foi com essa temática que ele passou a compreender os ritmos e os efeitos da mudança social, cujo os resultados atingiram os indivíduos de forma desigual, passou a conhecer os interesses de certos setores da sociedade para com a investigação sobre a cultura popular, passou a compreender o valor educativo da cultura *folk* no processo de desenvolvimento da pessoa humana, além de o ter permitido entender alguns comportamentos característicos da cultura nacional e da organização da sociedade.

Nesse sentido, podemos chegar ao último parágrafo desta dissertação afirmando que as andanças de Florestan Fernandes pelo domínio do folclore foram fundamentais para a produção sociológica posterior do autor. Ora, esta dissertação nos demonstrou que esse tema na sociologia dele lhe despertou atenções para diversos assuntos, tais como as relações raciais, o acesso desigual à educação sistemática, a tentativa de diferenciação entre os indivíduos, entre outros. Isto é, Florestan Fernandes transformou o objeto de pesquisa folclore em uma ferramenta de investigação social que lhe permitiu acessar questões profundas da vida social brasileira que estava se erguendo em meio ao século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. Uma tarefa a executar. In: _____ **Tradições populares**. Coautoria de Paulo Duarte. São Paulo, SP: [s.n.], 1948.

ANDRADE, Mário. **Modinhas imperiais**: ramalhete de 15 preciosas modinhas de salão brasileiras, do tempo do Império para canto e piano. São paulo. Casa Chiarato L. G. Miranda editora, 1930.

ANTUNES, Camila Almeida Vaz. **Os anos de aprendizagem de Antonio Candido (1930-1940)**. 2017. 1 recurso online (102 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

ARAÚJO FILHO, José Ribeiro de. A população paulistana. In: AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo**. Estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. 4. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2001.

AUERBACH, Erich. Filologia da literatura mundial. In: _____ **Ensaios de literatura ocidental**: filologia e crítica. Organização de Davi Arrigucci Junior, Samuel Titan Jr. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo, SP: Duas Cidades: Editora 34, 2007.

BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo et al. São Paulo do passado: dados demográficos. **Campinas: NEPO–Núcleo de Estudos em População/UNICAMP**, v. 1, 1998.

BASTIDE, Roger. **Sociologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Anhambi, 1959.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de cultura**. Lisboa: Livros do Brasil, 2000. 330p.

BRAGA, Maria Lúcia de Santana. A recepção do pensamento de Roger Bastide no Brasil. **Sociedade e estado**, v. 15, n. 2, p. 331-360, 2000.

BRASIL. Decreto-lei nº 19.851, de 11 de abril de 1931. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 29 jun. 2019.

BRASIL. Decreto-lei nº 6.283 de 25 de janeiro de 1934. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1934/decreto-6283-25.01.1934.html. Acesso em: 29 jun. 2019.

CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a cultura. **Novos estudos CEBRAP**, v. 2, n. 4, p. 27-32, 1984.

CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1988.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria história literária. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Academia Brasileira de Letras: Ouro sobre Azul, 2010. 201 p.

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. **A universidade da comunhão paulista**: o projeto de criação da Universidade de São Paulo. Autores Associados, 1982.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Florestan Fernandes: a criação de uma problemática. **Estudos avançados**, v. 10, n. 26, p. 89-128, 1996.

CARNEIRO, Edison. A sociologia e as 'ambições' do folclore. In: _____ **Dinâmica do folclore.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1965.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros e Castro; VILHENA, Luís Rodolfo. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Revista Estudos Históricos**, v. 3, n. 5, 1990

CAVALCANTI, Maria Laura. Entendendo o folclore. In: _____ **Cultura popular e educação** / Organização René Marc da Costa Silva. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. (Coleção Salto para o Futuro).

CHAMLIAN, Helena Coharik. Estudo da organização departamental nas universidades mantidas pelo governo do estado de São Paulo. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-124, 1984.

COHN, Amélia. Correio Paulistano. In: ABREU, Alzira Alves et al. (Coord.) **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930**, vol. 2. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-paulistano. Acesso em: 12 dez. 2019

CORRÊA, Mariza. **História da antropologia no Brasil**: (1930 - 1960), testemunhos. - São Paulo. Vértice, 1987.

COSTA, Alexandre Andrade da. **Caleidoscópio político**: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo (1938-1945). Editora UNESP, 2010.

COSTA, Diogo Valença de Azevedo. **Florestan Fernandes em questão**: um estudo sobre as interpretações de sua sociologia. 2004. (Dissertação de mestrado).

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante). Disponibilizado pelo portal domínio público.

D'INCÃO, Maria Ângela (org.). **O Saber Militante**. Ensaios sobre Florestan Fernandes. São Paulo: Unesp, 1987.

DE ALBUQUERQUE FÁVERO, Maria de Lourdes. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, n. 28, p. 17-36, 2006.

DO NASCIMENTO ARRUDA, Maria Arminda. Metrópole e cultura: o novo modernismo paulista em meados do século. **Tempo social**, v. 9, n. 2, p. 39-52, 1997.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia** / Émile Durkheim; com um estudo da obra de Durkheim pelo Prof. Paul Fauconnet; tradução do Prof. Lourenço Filho. - 11. ed. - São Paulo: Melhoramentos; [Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

FELGUEIRAS, Carmen. **Bastide *in concert.*** Um exame das possibilidades analíticas da obra de Roger Bastide. 2018. Papper apresentado no 42º encontro anual da anpocs - GT 23. Disponível em: https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt23-24. Acesso em: 15 abr. 2020.

FERNANDES, Ana Candida Franceschini de Avelar. **Artistas plásticos no Suplemento Literário de O Estado de São Paulo (1956-1967)**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FERNANDES, Florestan. **A etnologia e a sociologia no Brasil**. São Paulo, SP: Anhembi, 1958

FERNANDES, Florestan. **A sociologia numa era de revolução social**. São Paulo, Editora Nacional. 1963.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo, SP: Difusão Europeia do Livro, 1972. 285 p.

FERNANDES, Florestan. **A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios**. Editora Vozes. 1975.

FERNANDES. Florestan. **A condição de sociólogo**. Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC. 1977.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo, SP: Ática, 1978.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.

FERNANDES, Florestan. **Florestan Fernandes**: Esboço de uma trajetória. Depoimento concedido ao Projeto História da Antropologia no Brasil, coordenado por Mariza Corrêa na UNICAMP. BIB. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

FERNANDES, Florestan. **Florestan Fernandes**: sociologia crítica e militante. Coautoria de Octávio Ianni. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2004.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5. ed. São Paulo, SP: Globo, 2005.

FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. 4ª Ed. rev. - São Paulo: Global, 2008.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. 4. ed. rev. São Paulo, SP: Global, 2009.

FERNANDES, Florestan. Florestan Fernandes. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 34, n. spe, p. 25-106, 2011.

FERNANDES, Florestan. **O Brasil de Florestan** / Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. (Coleção: Pensadores do Brasil: do tempo da ditadura ao tempo da democracia / organizador Antônio David) 1. ed. 2018.

FREITAG, Bárbara. Democratização, universidade, revolução. In: D'INCAO, Maria Ângela (Ed.) **O saber militante**: Ensaios sobre Florestan Fernandes. São Paulo/Rio de Janeiro, Unesp/Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa- Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. - 48ª ed. rev. - São Paulo: Global, 2003. - (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Prefácio de José A. Bragança de Miranda, António Fernando Cascais. 3.ed. [Lisboa]: Vega, 1992

GARCIA, Sylvia Gemignani. **Destino ímpar**: sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo, SP: USP: Editora 34, 2002.

GNACARINI, José César. Folclore e sociologia. In: D'INCAO, Maria Ângela (Ed.). **O saber militante**: Ensaios sobre Florestan Fernandes. São Paulo/Rio de Janeiro, Unesp/Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

GUINSBURG, Jacob. Romantismo, Historicismo e História. In: _____ **O romantismo**. Organização de J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000. 220 p.

IANNI, Octávio. A sociologia de Florestan Fernandes. **Estudos avançados,** v.10, n.26, p.25-33, 1996.

LEITE, Jaciara Oliveira; CORDEIRO, Kátia Augusta Curado Pinheiro; MARTINS, Leila Chalub. O "intelectual orgânico" Florestan Fernandes: contribuições para a educação e para a pesquisa. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 90-102, 2017.

LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. São Paulo, SP: Edusp, 1996.

LIMA, Soraia Herrador Costa. **Júlio de Mesquita Filho**: entre a máquina de escrever e a política. O discurso como elo entre o líder civil e o jornalista na cobertura da Revolução de 32 pelo jornal O Estado de S. Paulo. 2008. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário, que falta ele faz!**: 1956 - 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural / Elizabeth Lorenzotti - São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2007. 208p.

LUCA, Tania Regina. Magazines and writing of history: some interpretative challenges. In:(Orgs) ABREU, Márcia; DA SILVA, Ana Claudia Suriani **The cultural revolution of the nineteenth century**: theatre, the book-trade and reading in the transatlantic world.. Bloomsbury Publishing, 2015.

MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo. **História (São Paulo)**, p. 61-91, 2007.

MAGALHÃES, Basílio de. **O folclore no Brasil**: com uma coletânea de 81 contos populares. Coautoria de João da Silva Campos. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: O Cruzeiro, 1960. 382 p.

MATOS, Odilon Nogueira de. São Paulo no século XIX. In: AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo**. Estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. / Karl Marx. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. - 1. e.d -. São Paulo. Editora Expressão Popular. 1946.

MAZZA, Débora. **A produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional**: uma leitura (1941-1964). n.p.: Campinas, SP, 1997. *Repositório Institucional da Unicamp*.

MAZZA, Débora. **A leitura sociológica do folclore paulistano**: a contribuição de Florestan Fernandes. p. 13. 2015. Disponível em: http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2015/08/F-Fernandes-Sobre-Folclore-D-Mazza1.pdf. Acesso em: 20 jun. 2019.

NOVAES, Iris Costa. **Brincando de roda**. Coautoria de Alayde Miranda Fortes, Rosalba Diva Marchesini, Maria Arlinda de Carvalho Correa. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Agir, 1983. 258 p.

ORTIZ, Renato. Notas sobre as ciências sociais no Brasil. **Novos Estudos**, nº 27, pp. 163 - 175. 1990

ORTIZ, Renato. **Românticos e Folcloristas**: cultura popular. São Paulo, Editora Olho d'Água. 1992.

PAIXÃO, Alexandro Henrique; DE ALMEIDA, Leandro Thomaz. A globalização da cultura impressa no século XIX: apresentação da conferência de Jean-Yves Mollier. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 38, p. 292-295, 2015.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. **Leitores de tinta e papel**: elementos constitutivos para o estudo do público literário no século XIX Campinas-SP: Mercado de Letras, 2017.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos brasileiros**: uma análise da obra de Roger Bastide. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

PETRONE, Pasquale. A cidade de São Paulo no século XX. **Revista de História**, v. 10, n. 21-22, p. 127-170, 1955.

PETRONE, Pasquale. São Paulo no século XX. In: AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo**. Estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

PILAGALLO, Oscar. **História da imprensa paulista**: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma. São Paulo, SP: Três Estrelas, 2012.

PORTO, Patricia de Cassia Pereira. Educação, literatura e cultura da infância: compreendendo o folclore infantil em Florestan Fernandes. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 126, p. 129-141, 2014.

PROTO, Leonardo Venicius Parreira. **Florestan Fernandes como expressão do intelectual orgânico do socialismo nas décadas de 60 a 80**. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Sociologia e folclore**: a dança de São Gonçalo num povoado bahiano. Salvador, BA: Progresso: Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, 1958.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo, SP: Dominus: Edusp, 1965.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 22, p. 215-220, 1994.

RODRIGUES, Lidiane Soares. **Entre a academia e o partido**: a obra de Florestan Fernandes (1969/1983). 2006. Dissertação (Mestrado em história social). USP/FFLCH: São Paulo.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Tomo primeiro. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-editor. 2ª ed. 1902.

SAVIANI, Dermeval. Florestan Fernandes e a educação. **Estudos avançados**, v. 10, n. 26, p. 71-87, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando a desigualdade é diferença: reflexões sobre antropologia criminal e mestiçagem na obra de Nina Rodrigues. **Gazeta Médica da Bahia**, Salvador, ano 140, n. 76, supl. 2, p. 47-53, 2006.

SCHWARZ, Roberto. Fim de século. In: _____ **Sequências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp.155-162.

SILVA, Ana Teles da; CRUZ, Danielle Maia. **Do folclore ao patrimônio imaterial**: coleta, seleção e interpretação da cultura popular e identidades. 2018. Papper apresentado no 42º encontro anual da anpocs - GT 04. Disponível em: http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt04-21. Acesso em: 12 mar. 2019.

SILVA, Tathianni Cristini da. **Um intelectual caipira na cidade**: a trajetória de Mário Neme e sua gestão no Museu Paulista. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SOARES, Eliane Veras. **Florestan Fernandes**: o militante solitário. São Paulo, SP: Cortez, 1997. 144p.

SOARES, Eliane Veras; BRAGA, Maria Lúcia de Santana; COSTA, Diogo Valença de Azevedo. O dilema racial brasileiro: de Roger Bastide a Florestan Fernandes ou da explicação teórica à proposição política. **Sociedade e Cultura**, v. 5, n. 1, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. com capítulo inédito Rio de Janeiro, RJ: Muad, 1999.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras. 1978.

SCHPUN, Mônica Raisa. Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 11-36, 2003.

THALASSA, Ângela. **O Correio Paulistano**: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna - o jornal que não ladra, não cacareja e não morde. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - São Paulo: Pontifícia Universidade Católica/São Paulo, 2007.p. 2.

THOMPSON, Edward. Palmer. **Costumes em comum**. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. 2017. (Tese de doutorado).

XIDIEH, Osvaldo Elias. O folclore em questão. In: D'INCAO, Maria Ângela (Ed.). **O saber militante**: Ensaios sobre Florestan Fernandes. São Paulo/Rio de Janeiro, Unesp/Paz e Terra, 1987.

WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um**: crítica literária, sociologia, filologia. São Paulo, SP: CosacNaify, 2007. 346 p.

WILLEMS, Emilio. **Assimilação e populações marginais no Brasil**: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. São Paulo, SP: Comp. Ed. Nacional, 1940. xix, 343p.

Fontes de Jornais

Acervo digital do jornal *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/.>

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). BNDIGITAL <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 jul. 1943. p. 4 e 5.;

FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1943. p. 4.;

FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro - consequências. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 1943. p. 4.;

FERNANDES, Florestan. Júlio Correia - poeta paraguaio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26 fev.. 1944. p. 4.;

FERNANDES, Florestan. Hugo Rodrigues Alcalá - poeta paraguaio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23 mar. 1944. p. 4.

FERNANDES, Florestan. O folclorista Mário de Andrade. **Jornal de São Paulo**, São Paulo, 19 fev. 1946.

FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade, literato-folclorista. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18 - 19.;

FERNANDES, Florestan. Contribuição folclorística de Amadeu Amaral: II - formação e desenvolvimento do folclore brasileiro. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 12 dez. 1948.

FERNANDES, Florestan. Folcloristas em confronto. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. Caderno Suplemento Literário. p. 3.;

FERNANDES, Florestan. Brincando de roda. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1962. Caderno Suplemento Literário. p. 2.

HADDAD, Jamil Almansur. A poética de Mário de Andrade: a escrava que não é Isaura. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18.

MENDES, Ciro. Belazarte. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18.

Notícias: **Correio Paulistano**. São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18.

SILVEIRA, Alcantara. Mário e as bailarinas. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 fev. 1946. p. 18.

SUPLEMENTO LITERÁRIO, **O Estado De S. Paulo**, São Paulo, 02 abr. 1960. p. 6.

APÊNDICE

Quadro 1: Artigos publicados por Florestan Fernandes em jornais e revistas, tendo como tema o folclore, entre os anos 1942 a 1962 e suas respectivas datas e locais de publicação.*

Data de publicação	**Título**	**Suporte Comunicativo**
1942	Folclore e grupos infantis	*Revista Sociologia*
1943	Educação e cultura infantil	*Revista Sociologia*
1943	Congadas e batuques em Sorocaba	*Revista Sociologia*
01/07/1943	O negro na tradição oral: reação do elemento negro sobre os folclores ibérico e ameríndio	*O Estado de S. Paulo*
15/07/1943	O negro na tradição oral: representações coletivas do negro - o ciclo da formação das raças	*O Estado de S. Paulo*
22/07/1943	O negro na tradição oral: a superioridade biológica e a posição social do negro – consequências	*O Estado de S. Paulo*
1944	Aspectos mágicos do folclore paulistano	*Revista Sociologia*
19/08/1944	A burguesia, o "progresso" e folclore	*O Estado de S. Paulo*
14/09/1944	O folclore como método	*O Estado de S. Paulo*
02/11/1944	Mentalidades grupais e folclore	*O Estado de S. Paulo*
12/01/1945	Entre o romance e o folclore	*Folha da manhã*
26/07/1945	"A noiva" e folclore ibérico	*O Estado de S. Paulo*
04/08/1945	Sílvio Romero e o folclore brasileiro	*O Estado de S. Paulo*
set 1945	Sobre o folclore	*Revista Filosofia, Ciências e Letras*
19/02/1946	O folclorista Mário de Andrade	*Jornal de São Paulo*
24/02/1946	Mário de Andrade, literato-folclorista	*Correio Paulistano*
jan-fev 1946	Mário de Andrade e o folclore brasileiro**	*Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*

21/05/1946	Lendas dos índios do Brasil	*Jornal de São Paulo*
04/06/1946	Um concurso de folclore musical	*Jornal de São Paulo*
17/09/1946	A mitologia heróica indígena I	*Jornal de São Paulo*
01/10/1946	A mitologia heróica indígena II	*Jornal de São Paulo*
1947	As 'trocinhas' do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis	*Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*
out-nov-dez 1947	Contos populares de São Paulo	*Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*
21/11/1948	Amadeu Amaral e o desenvolvimento do folclore no Brasil	*O Estado de S. Paulo*
28/11/1948	O folclore segundo Amadeu Amaral	*O Estado de S. Paulo*
05/12/1948	A contribuição folclorística de Amadeu Amaral I: o estudo do folclore brasileiro	*O Estado de S. Paulo*
12/12/1948	A contribuição folclorística de Amadeu Amaral II: formação e desenvolvimento do folclore brasileiro	*O Estado de S. Paulo*
19/12/1948	A contribuição folclorística de Amadeu Amaral III: investigações particulares	*O Estado de S. Paulo*
fev. 1949	Sociologia e folclore	*Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*
30/08/1949	Contos populares paulistanos: "o tango-lo-mango"	*O Estado de S. Paulo*
22/09/1949	Contos populares paulistanos I: resultados gerais de uma pesquisa	*O Estado de S. Paulo*
19/10/1949	Contos populares paulistanos II: delimitações de ordem metodológica	*O Estado de S. Paulo*
1950	Cantigas de ninar paulistana	*Revista Trópico*

out. 1951	Amadeu Amaral e o folclore brasileiro**	*Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*
1952	Contribuição para o estudo sociológico das adivinhas paulistanas	*Revista de História*
mar. 1956	Os caçadores de cabeças	*Revista Anhembi*
17/11/1956	Os estudos folclóricos em São Paulo I: o folclore como expressão estética da mentalidade popular	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
24/11/1956	Os estudos folclóricos em São Paulo II: o folclore como disciplina científica autônoma	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
01/12/1956	Os estudos folclóricos em São Paulo III: o folclore como disciplina científica autônoma (conclusão)	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
04/01/1957	Os estudos etnológicos e sociológicos do folclore em São Paulo	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
12/01/1957	Os estudos etnológicos e sociológicos do folclore em São Paulo II	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
jan. 1957	Livros de folclore	*Revista Anhembi*
28/09/1957	O uso das cantigas de ninar	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
12/10/1957	A função social das cantigas de ninar	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
05/10/1957	Os significados das cantigas de ninar	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
09/10/1957	A inteligência do folclore	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
29/03/1958	Objeto e campo do folclore	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
mar-abr 1958	Contribuição para o estudo sociológico das cantigas de ninar***	*Revista Brasiliense*

06/12/1958	Armas e folguedos infantis	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
jul-ago 1959	Folclore e ciências sociais	*Revista Brasiliense*
12/12/1959	Armas e técnicas rústicas de briga	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
1959/1960	O folclore de uma cidade em mudança	*Revista Anhembi*
27/02/1960	Danças dramáticas do Brasil****	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
02/04/1960	Folcloristas em confronto	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
20/08/1960	Educação e Folclore	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
17/09/1960	Folclore e sociedade	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
30/12/1961	Educação e recreação: danças tradicionais	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
20/01/1962	Educação e recreação: brincando de roda	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
10/02/1962	Educação e recreação: jogos para recreação na escola primária	*Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*
Total de textos publicados		59

* Elaboração própria.

** Publicação que reúne os artigos "*O folclorista Mário de Andrade"* e "*Mário de Andrade, literato-folclorista*" publicados respectivamente no *Jornal de São Paulo* e no *Correio Paulistano.*

*** Publicação que reúne os artigos "*O uso das cantigas de ninar*", "*A função social das cantigas de ninar*" e "*Os significados das cantigas de ninar*", publicados separadamente no Suplemento Literário d'*O Estado de S. Paulo*.

**** Trata-se de uma resenha elaborada por Florestan Fernandes sobre o livro *Danças dramáticas no Brasil*, uma publicação póstuma da obra de Mário de Andrade.